

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LORENA DE LIMA FERREIRA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO *FACEBOOK*

MESTRADO EM LETRAS

MANAUS-AM
2019

LORENA DE LIMA FERREIRA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO *FACEBOOK*

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Estudos da Linguagem, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza.

MANAUS-AM
2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F383r Ferreira, Lorena de Lima
Representações sociais de língua portuguesa no Facebook /
Lorena de Lima Ferreira . 2019
133 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Sérgio Augusto Freire de Souza
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Representações Sociais. 2. Língua Portuguesa. 3. Facebook.
4. Linguística. I. Souza, Sérgio Augusto Freire de. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

LORENA DE LIMA FERREIRA

“REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO *FACEBOOK*”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras - Estudos da Linguagem.

Aprovada em 02 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza – **Orientador**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Profª. Dra. Tatiana Belmont dos Santos Rodrigues – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Profª. Dra. Edith Santos Corrêa – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Ao meu pai, Lino dos Santos Ferreira (*in memoriam*), por todas as
representações de amor, dedicação e generosidade!

“ - Bênça, pai!”

A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana [...]. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade.

Louis Hjelmslev (1975)

AGRADECIMENTOS

Eis o momento de dizer e se dizer. Eis o espaço onde aparecem marcadamente a força e a importância do encontro de subjetividades nesta caminhada. Eu acredito na potência dos encontros... e foram tantos! E assim, sou grata...

À Universidade Federal do Amazonas, aos mestres que tenho como referência de conduta e profissionalismo. A todos, obrigada pelos ensinamentos.

À Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais – ARII – UFAM, com destaque à servidora Rita Costa, pelo apoio no processo de mobilidade acadêmica.

À Universidade do Porto, ao corpo docente e equipe administrativa, em especial à Cristina Santos, pela atenção distinguida aos alunos internacionais.

À SEMED, ao Programa Qualifica, que permitiu afastamento remunerado.

Aos colegas professores e pedagogos, pela força e vivências de sala de aula.

Ao meus ex-alunos, por me fazerem pensar o conhecimento de forma humana.

À Profª. Dra. M^a Sandra Campos, pela orientação inicial e incentivo à mobilidade.

À Angélica Castro, ex-secretária do PPGL-UFAM, pelos encaminhamentos administrativos e, antes de tudo, por ouvir e entender o desespero dos mestrandos.

Ao Prof. Dr. Sérgio Freire, pela empatia diante do meu luto, pelas palavras de conforto, já era àquela altura a manifestação do seu eu-psicólogo. Grata por me ajudar a fechar este ciclo.

Às professoras presentes na banca de Exame de Qualificação, Profª. Dra. Tatiana Belmonte e Profª. Dra. Edith Correa, pelas inestimáveis contribuições ao meu texto.

À minha família, meu lugar primeiro, minha força e conforto.

Ao meu pai que, mesmo com baixa escolaridade, sempre soube da importância dos estudos para emancipação feminina. Incentivou e vibrou com cada conquista minha. Agora uma saudade desconhecida. Lágrimas nos olhos: “Olha, paizinho, venha ver a sua pretinha!!”

À minha mãe, Raimunda Lima, por amor e colo. Meu primeiro exemplo de letramento, com livro de cabeceira, além das referências musicais... tudo está na minha memória afetiva.

Aos meus irmãos, Angela Maria, Rosimeire, Nelson, Rogério, e Aline, pelo passado que nos une, por tudo o que vivemos e pelo o que somos. Que bom tê-los ao meu lado. Amor de outras vidas que só o tempo pode dizer.

Aos meus sobrinhos, Juliana, João, Nathália, Laura, Hillary, e aos pequenos Fernandinha, Kauê e Joana, pela leveza e esperança em dias melhores.

À SEMAD, Setor de Atos Administrativos, na pessoa da Dona Socorro, e claro, às minhas amadas Ana Maria, Yara, Cláudia, Francinery, Isabelly e Adalva que, para além do

trabalho burocrático, juntas escrevemos ofícios de amizade, portaria de cumplicidade, decretos de união e minutas de alegria, e não poderia esquecer do Bernardino Filho, de fato, o melhor redator da Prefeitura de Manaus.

Às minhas melhores! Mari Jani, Danielly, Ana Lúcia e Maria, por todos os encontros agradáveis e energias positivas, pela mistura de cervejas, música e confissões. Por sonhos compartilhados e viagens planejadas, pelo cuidado mútuo. Vocês moram no meu coração.

À Eliana Gato Martins, para mim, Gattaa, como a chamo, por me arrancar da rotina de estudos, sempre preocupada com meu estado emocional. Obrigada, amiguinha!

À Tatiana Almeida, por ser luz, pela amizade serena de longa data.

Ao professor e amigo Antonio Carlos [Polli] Witkoski, por me mostrar a prática do operário da razão, ajudando-me com os pregos e parafusos do trabalho intelectual no chão de fábrica do conhecimento. (Poderia ser foice e martelo, por que não?)

Aos queridos Marcelo Vieira e Rosiane Neves, pela acolhida na Alberto Amaral, pelo falar amazonense em terras frias e pelas experiências vividas. À Giovanna, flor no meu jardim.

Ao meu amigo-irmão, Joaquim Bento, companheiro desde a graduação. Quis a vida que estivéssemos juntos nesta jornada. Que bom poder contar com a sua ajuda e apoio moral. Estamos juntos, querido. Ninguém solta a mão de ninguém!

À Rocilange Salles, pela força e incentivo na fase final desta pesquisa.

À pessoa do Pessoa da minha pessoa, Marcos Pessoa Moura, pelas representações afetivas de amor, amizade e companheirismo. Foram dias difíceis e tu estavas lá. Estavas quando ri e quando chorei. Grata pela paciência e compreensão na minha ausência. Por tudo que passamos juntos, obrigada. Temos sim um fio forte que tece a nossa história.

À arte, sempre a arte, porque a vida não basta, como dizia Gullar. À fotografia, pelo refúgio e descoberta de uma sensibilidade para projetos vindouros. À música, arte superior, por me proporcionar paz e concentração. Ao Chico Buarque e Pablo Milanés, presentes em todas as fases da minha vida, e mais recentemente, Beth Hardt e Joe Bonamassa, os quais aqueceram a minha alma na frieza de além-mar.

À Divisão de Avaliação e Monitoramento – DAM/SEMED, em nome da Profa. Núbia Breves, por me receber com carinho e apoio em um momento tão delicado.

A mim, finalmente, por não ter desistido. Como não romantizo dor e sofrimento, muita coisa poderia ter sido diferente, mas no momento escolhi resignar-me. Um dia talvez eu encontre explicações. Então...

A **DEUS**, por permitir tudo isso, pela presença diária nos simples acontecimentos.

RESUMO

FERREIRA, L. de L. **Representações Sociais de Língua Portuguesa no Facebook**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2019.

Esta pesquisa trata das Representações Sociais de Língua Portuguesa em uma página da rede social Facebook chamada *Língua Portuguesa* (<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/>), destinada à discussão e divulgação do idioma português no Brasil, de modo a verificar como os conteúdos são expressos e discutidos a partir de postagens e, por conseguinte, comentários dos internautas. A escolha deve-se a critérios como o número expressivo de seguidores, quantidade de curtidas e compartilhamentos nas/das postagens, o que nos remete a imaginar a grande influência quanto à propagação do que se julga ser adequado ou não em termos de língua. Como referencial teórico-metodológico, apoiamos-nos em estudos que contemplam o ciberespaço e cibercultura, (Lévy, 2003); na visão sociodiscursiva da linguagem (Bakhtin/Voloshinov, 1997); e na Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978). Com viés qualitativo, esta proposta insere-se na “vertente mais recente da pesquisa linguística, que adota uma abordagem mais crítica dos dados da linguagem das novas mídias” (Barton & Lee, 2015), apoiada nos conceitos da sociologia e da ideologia linguística. Os procedimentos de análise basearam-se no dispositivo de interpretação de Spink (1994) e Crusoé (2004). A materialidade linguística, ou “rastros” (Recuero, 2009), corresponde a *posts* e comentários coletados por meio de captura de tela, tecla *Print Screen* (Prt Sc) e recortes de comentários. As Representações Sociais foram categorizadas em três dimensões: Cognitiva/Prática, Afetiva, e de Poder/Resistência. Para elaboração dos mapas, usamos o *software* Cmps Tools. Os resultados indicam uma forte presença da gramática normativa norteando as Representações Sociais, reverberando em expressões que oscilam entre orgulho, patriotismo, tristeza e humilhação ou ódio à língua materna, mas também há amor, afeto, saudade e posicionamento combativo frente às desigualdades sociais e ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Representações Sociais; Facebook; Linguística;

ABSTRACT

FERREIRA, L. de L. **Social Representations of the Portuguese Language on Facebook**. Masters dissertation. College of Letters. Federal University of Amazonas. Manaus, 2019.

This research deals with the Social Representations of the Portuguese Language on a page of the social network Facebook called the Portuguese Language (<https://www.facebook.com/Portugueselanguage07/>), aimed at discussing and disseminating the Portuguese language in Brazil, in order to examine how the contents are expressed and discussed based on posts and, therefore, comments by internet users. The choice is due to criteria such as the expressive number of followers, the number of likes and shares in / of the posts, which leads us to imagine the great influence on the spread of what is deemed to be whether it is appropriate or not in terms of language. As a theoretical-methodological framework, we rely on studies that contemplate cyberspace and cyberculture, (Lévy, 2003); in the sociodiscursive view of language (Bakhtin / Voloshinov, 1997); and in the Theory of Social Representations (Moscovici, 1978). With a qualitative bias, this proposal is part of the “most recent aspect of linguistic research, which adopts a more critical approach to the language data of new media” (Barton & Lee, 2015), supported by the concepts of sociology and linguistic ideology. The analysis procedures were based on the interpretation device of Spink (1994) and Crusoé (2004). The linguistic materiality, or “trails” (Recuero, 2009), corresponds to posts and comments collected through screen capture, Print Screen key (Prt Sc) and comment clippings. Social Representations were categorized into three dimensions: cognitive/practical, affective, and power/resistance. To prepare the maps, we use the Cmps software. The outcomes indicate a strong presence of normative grammar guiding Social Representations, reverberating in expressions that oscillate between pride, patriotism, sadness and humiliation or hatred to the mother tongue, but there is also love, affection, longing and combative stance in the face of social inequalities and linguistic prejudice.

Keywords: Portuguese language, social representations, facebook and linguistics.

LISTA DE SIGLAS

GN – Gramática Normativa

LP – Língua Portuguesa

PB – Português Brasileiro

PP – Português Padrão

PP – Português Padrão

PTG – Paradigma Tradicional de Gramatização

RS – Representações Sociais

TRS – Teoria das Representações Sociais

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Capa da página Língua Portuguesa.....	18
Figura 2 - Descrição “sobre” da página Língua Portuguesa	19
Figura 3 - Descrição do álbum “Nossa Língua merece Cuidados!”	58
Figura 4 - Exemplos de <i>post</i> do álbum “Nossa Língua merece Cuidados!”	59
Figura 5 - Dicas gramaticais 1	61
Figura 6 - Dicas gramaticais 2.....	61
Figura 7 - Dicas gramaticais 3	61
Figura 8 - Dicas gramaticais 4.....	61
Figura 9 - Crimes contra o idioma 1	62
Figura 10 - Crimes contra o idioma 2	63
Figura 11 - Crimes contra o idioma 3	63
Figura 12 - Círculo Vicioso, Bagno (2002).....	66
Figura 13 - Registro de inscrição em muro – "Se Deus eco nois quem cera com tra nois"	69
Figura 14 - Texto multimodal: “A MINHA CARA quando alguém escreve ou fala errado”	69
Figura 15 - Percepções sobre Língua Portuguesa.....	76
Figura 16 - Declarações de amor à Língua Portuguesa	76
Figura 17 - Opinião sobre Português Popular e Português Padrão.....	80
Figura 18 - Afirmção sobre o “assassinato da LP”	81
Figura 19 - Texto muldimodal – comparação entre o gelo e a dinâmica das línguas.....	86

QUADROS

Quadro 1 - Texto do álbum “Nossa Língua merece Cuidados!”	588
Quadro 2 -Posicionamentos do álbum Nossa Língua merece cuidados!.....	600
Quadro 3 - Posicionamento da Página Língua Portuguesa	644
Quadro 4 - Resposta ao enunciado da figura 13 (Quem será contra nós?)	711

DIAGRAMA

Diagrama 1 - Página Língua Portuguesa como elemento do “círculo vicioso”	666
---	-----

MAPAS

Mapa 1 - Representações Sociais da página <i>Língua Portuguesa</i>	644
Mapa 2 - RS de LP - Dimensão Cognitiva/Prática (geral)	744
Mapa 3 - RS de LP- Dimensão Cognitiva/Prática (detalhado).....	744
Mapa 4 - RS de LP - Dimensão afetiva.....	79
Mapa 5 - RS de LP - Dimensões de Poder/Resistência	88
Mapa 6 - RS de LP, de acordo com as três dimensões	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	18
1.1 O campo/o <i>corpus</i>	16
1.2 A seleção do <i>corpus</i>	20
1.3 Os sujeitos da pesquisa	20
1.4 Questões de ética e privacidade	21
1.5 Procedimentos de análise	22
1.6 Dimensão conceitual - Representações Sociais	23
CAPÍTULO 2 – CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: INTERAÇÃO LINGUÍSTICA COMO “PRÁTICA SITUADA EM ATIVIDADES ONLINE	27
2.1 Ciberespaço e cibercultura: realidade e força do mundo virtual	27
2.2 Abordagens sobre linguagem <i>online</i>	32
2.3 A interação <i>online</i> mediada pelo signo linguístico/ideológico	34
CAPÍTULO 3 – LÍNGUA PORTUGUESA OU LÍNGUAS PORTUGUESAS?	42
3.1 A Língua dos portugueses chega ao Brasil	42
3.1.2 Aspectos políticos e linguísticos da colonização no Brasil	46
3.2 A construção discursiva do português brasileiro a partir das noções de norma e gramática	51
CAPÍTULO 4 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO FACEBOOK	58
4.1 Perfil representacional da página <i>Língua Portuguesa</i>	58
4.2 Representações Sociais da Língua Portuguesa em <i>posts</i> e comentários na página <i>Língua Portuguesa</i>	67
4.2.1 Representações Sociais de Língua Portuguesa - Produto e Processo	68
4.2.2 Representações Sociais de Língua Portuguesa - Dimensão Cognitiva/Prática.....	68
4.2.3 Representações Sociais de Língua Portuguesa - Dimensão Afetiva	75
4.2.4 Representações Sociais de Língua Portuguesa - Dimensão de Poder/Resistência	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	99

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata das representações sociais de Língua Portuguesa (doravante LP) em uma página da rede social *Facebook* destinada à discussão e divulgação do idioma português no Brasil, de modo a verificar como os conteúdos são expressos e discutidos a partir das postagens e, por conseguinte, comentários dos internautas. Sendo assim, escolhemos para desenvolver o trabalho a página chamada *Língua Portuguesa* (<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/>), a partir de critérios como o número expressivo de seguidores, quantidade de curtidas e compartilhamentos nas/das postagens, o que nos remete a imaginar a grande influência quanto à propagação do que se julga ser adequado ou não em termos de língua.

A *internet* possibilitou novas reflexões sobre a língua/linguagem, conseqüentemente, as diversas formas de comunicação *online* suscitaram e suscitam discussões que antes eram restritas a um público específico, como as questões relacionadas à mudança linguística, à influência da oralidade na escrita formal ou mesmo a políticas linguísticas, etc. No centro do debate encontra-se a relação do sujeito da/na linguagem, na maneira como concebe a língua.

Independentemente da formação escolar, os falantes nativos das línguas naturais, com sistema de escrita, têm determinadas imagens sobre a língua materna, moldadas de acordo com as circunstâncias contextuais, e podem, por isso, emitir opiniões sobre aspectos linguísticos usados no dia a dia, como as diferenças dialetais ou alternância de registros em ambientes formais ou menos formais, e ainda questões de ordem prática como registros gráficos dos sons e/ou julgamentos do que é “certo” ou “errado” nas interações linguísticas, tanto na modalidade escrita como na falada. Enquanto usuários da língua, os sujeitos estão inseridos num jogo de imagens que incluem as projeções face a realizações linguísticas, tanto em relação a si mesmos quanto ao que esperam do outro.

Considerando a transposição de tais conhecimentos sobre a língua para o espaço de escrita *online* bem como a velocidade das informações em ambientes virtuais, deparamo-nos com um campo vasto de investigação, fato que demanda necessariamente um recorte teórico e metodológico para análise que nos propomos a fazer neste trabalho, esclarecendo antecipadamente que não fazem parte das nossas preocupações os fenômenos de cunho estrutural, como por exemplo, o internetês ou a diversidade de gêneros textuais produzidos na *internet*, uma vez que pretendemos ir além do conjunto de características escritas da comunicação mediada por computador, buscaremos refletir e analisar o modo como a língua é comentada *online*, especificamente as representações sociais da LP reveladas no modo como

os usuários se posicionam discursivamente no ambiente *online*, tendo em vista que a imagem que o falante faz/tem de si e do outro em relação à LP, como já foi dito, é resultado das visões construídas historicamente. Discursos esses resultantes de visões socialmente adquiridas no mundo *offline*.

Um ponto saliente nesta investigação diz respeito à Ciência da Linguagem, talvez numa tentativa de responder a um certo incômodo que me acompanha da especialização em Linguística na Universidade Federal do Amazonas, bem como minha atuação profissional enquanto professora de LP na educação básica e também experiência temporária na docência no ensino superior. Circunstâncias essas propícias para observar a atenção dada aos conhecimentos científicos da linguagem nos espaços acadêmicos e para além dos muros da Universidade e, de uma forma geral, longe da prática escolar.

Numa visão geral da página objeto desta investigação, é notório o posicionamento tanto das postagens quanto dos comentários que remonta à falta de conhecimentos básicos sobre variação linguística e mudança de registros de fala e modalidades da língua, questões tão discutidas por muitos estudiosos da linguagem, a exemplo de Possenti (1996), Bagno 2002, Travaglia (2009) e outros autores que abordam o preconceito linguístico, além de serem partes integrantes do currículo escolar obrigatório.

Refletir e compreender como funciona a língua/linguagem *online* enquanto reflexo das implicações sociais pode contribuir para discussões públicas das novas mídias sociais bem como para consciência crítica frente às questões de língua, sujeito, identidade linguística e cidadania.

Como perguntas norteadoras desta pesquisa definimos: a) Como os falantes nativos concebem a língua materna? b) Há uma relação direta entre a noção de LP e a gramática normativa? Qual o papel da Linguística nesse contexto?

Quanto aos objetivos, estabelecemos como objetivo geral: Analisar as representações sociais da LP na página *Língua Portuguesa*, do *Facebook*, e como objetivos específicos: 1 Investigar as interações linguísticas de sujeitos *online* no ambiente do ciberespaço e da cibercultura enquanto práticas situadas; 2 Compreender o processo de constituição das representações sociais da LP a partir de pressupostos sobre língua, norma e gramática; 3 Analisar as representações sociais da Língua Portuguesa nas postagens e comentários da página *Língua Portuguesa* no *Facebook*.

A relevância desta proposta está na possibilidade de compreender as formas pelas quais os falantes concebem a LP em termos de visões e percepções sobre língua, mas tomando a

dimensão virtual como espaço de fala frente aos fenômenos linguísticos, enquanto reflexos das interações *offline*, tendo em vista a constituição do imaginário linguístico em relação à LP no Brasil, no sentido de contribuir com os estudos que tratam do tema mas a partir do espaço *online*, uma vez que as mídias digitais muitas vezes são usadas para a propagação de visões errôneas sobre LP, as quais são passadas à população como verdades.

Em razão dos objetivos estabelecidos e das características do campo *online*, ressaltamos que nossa proposta apresenta viés predominantemente qualitativo e se insere na “vertente mais recente da pesquisa linguística, que adota uma abordagem mais crítica dos dados da linguagem das novas mídias” (BARTON e LEE, 2015), apoiados nos conceitos da sociologia e da ideologia linguística tendo as Representações Sociais como eixo estruturante.

A pesquisa será realizada inicialmente por meio do levantamento bibliográfico visando ao mesmo tempo o universo complexo do mundo do ciberespaço e da cibercultura, Lévy (2003, 1999), Castells (2003), e a teoria sobre língua/linguagem, baseando-se nos postulados que contemplam linguagem como prática social, numa visão de língua/linguagem enquanto interação, na perspectiva dialógica bakhtiniana, com sujeitos inscritos em relações intersubjetivas numa dada realidade social.

Para analisar as representações sociais produzidas e reproduzidas no espaço virtual da *internet*, tomaremos como base a noção de representação social tal como proposta por Moscovici (1978), a partir do dispositivo de interpretação apresentado por Spink (1994).

A materialidade linguística, ou “rastros” (RECUERO, 2009), será composta por *posts* e comentários coletados por meio de captura de tela, tecla *Print Screen (Prt Sc)* e recortes de comentários na página em análise em diferentes períodos, em razão dos critérios estabelecidos, como será explicitado na seção metodológica.

Nossa proposta de pesquisa está dividida em quatro capítulos, dispostos a seguir:

O capítulo 1, *Percurso Metodológico da Pesquisa*, explicita-se os critérios para escolha do *corpus*/coleta do material empírico, dos procedimentos de análise a partir do método das Representações Sociais, com as devidas modificações tendo em vista o contexto virtual.

O capítulo 2, *Ciberespaço e cibercultura: interação linguística como “prática situada em atividades online”*, trata do referencial teórico do mundo virtual, com o propósito de contextualizar a cibercultura e o ciberespaço no conjunto de mudanças estruturais responsáveis pela dinâmica das redes sociais e das relações humanas, de modo a situar o comportamento linguístico/discursivo dos sujeitos em interações mediadas por computador enquanto práticas *online*.

O capítulo 3, *Língua Portuguesa ou Línguas Portuguesas?* apresenta uma visão geral acerca da construção do imaginário sobre língua materna, de forma a problematizar a discursivação do português brasileiro a partir das noções de norma e gramática, além da contribuição das instituições responsáveis pelo ensino e divulgação da LP.

O capítulo 4, *Representações Sociais da Língua Portuguesa no Facebook*, é dedicado à análise do material empírico coletado. Num primeiro momento, analisaremos o perfil representacional da página, de modo a revelar os posicionamentos e concepções subjacentes quanto às noções de LP e gramática; num segundo momento, a atenção recai sobre os *posts* e comentários dos usuários, a fim de categorizar e mapear as diversas representações sociais sobre a língua portuguesa no Brasil.

CAPÍTULO 1 – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Compreendemos por metodologia, tal como formulou Minayo (1994), isto é, o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade, o que inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador (MINAYO, 1994, p. 16). Assim, em virtude da singularidade do *lócus* e dos sujeitos da pesquisa, levaremos em consideração o posicionamento de Frágoso, Recuero e Amaral (2011),

a *internet* constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 13-14)

Em razão dos objetivos estabelecidos e das características do campo *online*, ressaltamos que nossa proposta apresenta viés predominantemente qualitativo e se insere na “vertente mais recente da pesquisa linguística, que adota uma abordagem mais crítica dos dados da linguagem das novas mídias” (BARTON e LEE, 2015, p.18), apoiado nos conceitos da sociologia e da ideologia linguística, tendo as Representações Sociais como eixo estruturante.

1.1 O campo / o corpus

Nosso campo para coleta da materialidade linguística é a página *Língua Portuguesa* (Figura 1), destinada à discussão e divulgação de conteúdos relacionados à LP, no *Facebook*.

A escolha justifica-se, entre outros motivos, pelo quantitativo de seguidores, mais de um milhão e oitocentos mil, como descrito na capa do perfil, e grande interação dos internautas, com reações, compartilhamentos e comentários. Suspeitamos num primeiro momento da forte influência exercida pela página, uma vez que há *posts* com mais de 5 mil curtidas/reações e mais de 500 compartilhamentos, sendo humanamente impossível mensurar o alcance das informações publicadas, somente por meio de *softwares* desenvolvidos para análise de redes sociais, mas que não está nos objetivos de nossa investigação.

Figura 1 - Capa da página Língua Portuguesa



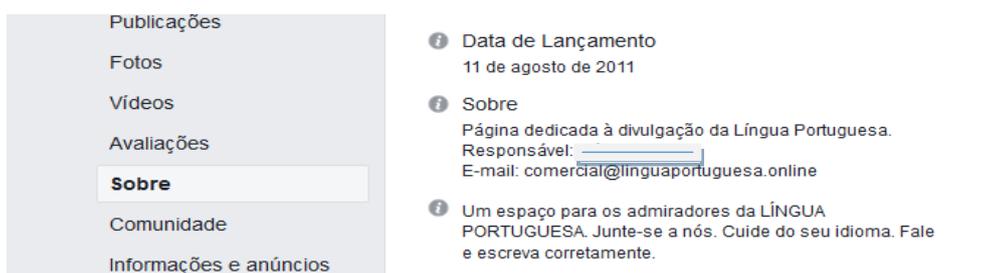
Fonte: < <https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/>>. Acesso em 24 jul. 2018.

Fundada em 11 de agosto de 2011, na categoria *site* educacional, a página propõe-se a divulgar a LP, por meio de *posts*, com conteúdos que contemplam tanto a gramática normativa quanto a literatura brasileira.

Diferente de outras páginas do *Facebook*, as quais possuem vários administradores, há somente um moderador na página em estudo, justamente quem idealizou e alimenta o sítio, de acordo com informações na própria plataforma, também responsável por um *blog* e um perfil no *Instagram*.

O *link* “sobre” (Figura 2) direciona à seguinte descrição: “Um espaço para os admiradores da LÍNGUA PORTUGUESA. Junte-se a nós. Cuide do seu idioma. Fale e escreva corretamente”, a qual imediatamente remete a uma noção inicial do posicionamento da página em termos de língua, ou da concepção de língua.

Figura 2 - Descrição “sobre” da página Língua Portuguesa



Fonte: < https://www.facebook.com/pg/linguaportuguesa07/about/?ref=page_internal>. Acesso em 25 abr.2019.

Ao usar a expressão “admiradores da LÍNGUA PORTUGUESA, o enunciador deixa clara a posição de deslumbramento frente à instituição social destacada pelas letras em caixa alta. Dividem-se assim dois mundos, a dos sujeitos admiradores da LP enquanto ente superior, quase inatingível; e a dos não admiradores que talvez o são por não conseguirem atingir a língua idealizada, ou por outros fatores que abordaremos ao longo da pesquisa.

A força enunciativa da frase “Cuide do seu idioma. Fale e escreva corretamente” merece atenção, primeiro pelas escolhas lexicais, privilegia-se o modo imperativo nas realizações verbais, o que denota uma postura autoritária frente a produções linguísticas, “faça isso, faça aquilo”!; segundo pelas ideias oriundas da noção de “certo” e “errado”.

Sabemos que há uma discussão antiga e bastante ampla sobre a noção “erro” em termos de língua, a exemplo de Possenti (1996), Bagno (2002, 2009), Travaglia (2009), mas atual tendo em vista atitudes semelhantes ainda comuns de considerar as regras da gramática normativa como bússola das interações linguísticas, o que já foi desconstruído por Bagno (2002) no Mito nº 7 “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”.

A página *Língua Portuguesa* é, assim, um campo fértil para nossa pesquisa, uma oportunidade de investigar as percepções da população em geral sobre o idioma oficial do Brasil, a partir do imaginário construído socialmente.

1.2 A seleção do *corpus*

Para a coleta do material empírico da pesquisa, constituído por "rastros" (RECUERO, 2009)¹, seguiremos os seguintes critérios: o conteúdo das postagens; a repercussão do teor da publicação (reações e/ou compartilhamentos) com os devidos comentários e outros comentários aleatórios, todos selecionados a partir da densidade analítico/argumentativa.

Assim, recolhemos 16 *posts* por meio de captura de tela *Print Screen* (tecla *Prt Sc*), e recortes de comentários em diferentes períodos, pois o tempo na virtualidade obedece outro ritmo. Priorizamos os textos multimodais, em virtude da relação entre texto e imagem e rapidez na recepção das informações, mas o principal critério é o conteúdo e as discussões a partir de cada publicação, logo, outros textos também serão pertinentes.

1.3 Os sujeitos da pesquisa

Recuero (2009) trata as pessoas envolvidas na rede social como atores, sendo os primeiros elementos da rede que “atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição dos laços sociais (RECUERO, 2009, p. 25).

¹ Para Recuero (2009), rastros são as interações deixadas no ciberespaço, que permitem ao pesquisador observar as trocas sociais mesmo distantes no tempo e no espaço, podem ser comentários, publicações ou conexões.

Para Recuero (2009), em razão do distanciamento entre os envolvidos na interação social, os atores não são bem discerníveis, por isso trabalha-se com representações de atores sociais ou com construções identitárias do ciberespaço. Assim, podemos dizer que um ator pode ser representado por um *fotolog*, um *twitter* ou um perfil no *Facebook*. A autora enfatiza que as ferramentas não são atores sociais, mas representações, “são espaços de interação, lugares de fala constituídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade [...]”. (RECUERO, 2009, p. 25-26)

No âmbito de nossa pesquisa, compatilhamos dos postulados de Recuero (2009) e acrescentamos que os sujeitos em interação *online* representam extensões dos sujeitos reais na relação com o Outro, mediados pelo signo linguístico, partindo do princípio ideológico da linguagem, “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (BAKHTIN, 1996), não mais o sujeito monológico (BAKHTIN, 2003), mas sim aquele que constantemente tenta se afirmar, persuadir, concordar ou discordar causando efeitos de sentido diversos.

1.4 Questões de ética e privacidade

Há uma discussão importante e atual sobre a pesquisa com os dados da *internet*. Por configurar um campo heterogêneo e em constante mudança, ainda não há um quadro fechado acerca de ética e privacidade, embora hajam grandes esforços de estudiosos da área.

Barton e Lee (2015) elencam as principais questões ainda abordadas pelos pesquisadores da área de *internet*, tais como:

- Que tipo de espaço público é do mundo *online* e quem possui e tem os direitos sobre o uso de textos publicamente acessíveis na *internet*?
- Quando e em que medida o anonimato deve ser assegurado? Quando os nomes de telas dos participantes devem ser preservados quando aparecem *online*? Quando rostos precisam ser censurados?
- Quando é ético espreitar sem aviso prévio ou observar sem participar em locais publicamente acessíveis?
- Em que situações conteúdos gratuitos *online* podem ser utilizados para fins de pesquisa, sem permissão?
- Se for necessário permissão, que tipo de permissão é necessário e a quem se deve pedir permissão?
- De que forma os pesquisadores podem obter consentimento de estranhos *online*? (BARTON & LEE, 2015, p. 232)

Tendo ciência de tais questões e após leitura e observação no nosso campo de pesquisa, tomamos algumas decisões norteadas pelo documento *Ethical Decision-Making and Internet Research: Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0)*,

disponível em <http://ethics.aoir.org/>, e elaborado por cientistas da Associação de Pesquisadores da *Internet*. Assim, tivemos a preocupação de ocultar nomes e rostos, mesmo tendo dados oriundos de uma página pública e aberta. Não utilizamos informações pessoais do administrador da página, mesmo porque o importante são as representações discursivas e não o sujeito empírico. Em determinados recortes de comentários, houve a necessidade de nomear certos interlocutores em razão do contexto, mas criamos nomes fictícios para garantir o anonimato dos sujeitos.

1.5 Procedimentos de análise

Sendo as Representações Sociais teorias do senso comum, segue que as técnicas de análise empregadas em seu estudo procuram, de alguma forma, desvendar a associação de ideias subjacentes (SPINK, 1994). Tais ideias são a chave para compreender, a partir de um dispositivo de interpretação, o processo de elaboração (objetivação e ancoragem) das representações sociais.

Enquanto técnicas qualitativas para o estudo da associação de ideias nas representações sociais, Spink (1994) propõe alguns passos a seguir que, para a autora, trata-se de efetuar uma análise de discurso. Assim, considerando as especificidades do *locus* da nossa investigação, isto é, o contexto *online*, utilizamos o dispositivo de interpretação de Spink (1994) mas a partir de uma releitura, seguindo os passos com as devidas modificações e adequações, a saber:

- 1) Leitura flutuante da materialidade linguística, composta por *posts* e recortes de comentários pré-selecionados.
- 2) Leitura analítica do material, buscando variações de posicionamentos e ou detalhes não observados antes, ponderando a sensibilidade para ouvir “as vozes” dos sujeitos e outros temas a partir disso.
- 3) Captado os temas, chega o momento de organizar o processo de elaboração das representações sociais. Evidentemente, o objeto da representação, no caso desta pesquisa é a LP. Assim, não podemos perder o foco, tendo em vista a complexidade de informações sobre ela (a língua).
- 4) Estabelecidas as dimensões (baseadas em tópicos pré-definidos como noção da LP em uso, questões de “certo” e “errado”, e ainda, a percepção de gramática e norma) chega o momento de mapear os vários discursos sobre LP.

- 5) Finalizaremos com a transposição das representações sociais para mapas, “pontuando as relações entre elementos cognitivos, as práticas e os investimentos afetivos” (SPINK, 1994, pp. 130-133).

Para elaboração dos mapas, usamos o *software* Cmps Tools (<https://cmap.ihmc.us/cmaptools/>).

Assim, conforme os passos apresentados, conduziremos a investigação e análise tendo em vista os objetivos propostos.

1.6 Dimensão conceitual - Representações Sociais

Ao ajustar a lupa, o olhar volta-se para teoria das representações sociais, proposta por Serge Moscovici (1978) como categoria analítica pertinente, tendo em vista o arcabouço teórico/metodológico em diálogo com diversas áreas do conhecimento, da sociologia e antropologia ou “[...] de modo especial àquelas suas teorias que se relacionam com a religião, com os mitos, com a ideologia, a linguagem, onde esse conceito e os conceitos daí provenientes, desempenham papel significativo”. (MOSCOVICI, 1994, p.10).

Nossa lente incide sobre os sujeitos no mundo e o mundo é linguagem, parece simples, mas não é, tendo em vista o esforço intelectual dos estudiosos para explicar a complexidade nessa relação, e as representações sociais têm muito a acrescentar nas formas de interpretação, ou nas palavras de Guareschi (1994) ao mencionar o fracasso em teorizar a dialética entre o sujeito individual e a sua sociedade.

Pois é exatamente aí que a teoria das Representações Sociais nos apresenta novas possibilidades. Em primeiro lugar, porque contra uma epistemologia do sujeito “puro”, ou uma epistemologia do objeto “puro”, a teoria das Representações Sociais centra seu olhar sobre a relação entre os dois. Ao fazer isso ela recupera um sujeito que, através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio [...]. Em segundo lugar, a teoria das Representações Sociais estabelece uma síntese teórica entre fenômenos que, em nível de realidade, estão profundamente ligados. As dimensões cognitivas, afetivas e sociais estão presentes na própria noção de representações sociais. O fenômeno das representações sociais, a teoria que se ergue para explicá-lo diz respeito à construção de saberes sociais e, nessa medida, ele envolve a cognição [...]. (GUARESCHI, 1994, p. 19-20)

Na perspectiva de construção de saberes, essa teoria está na base para o entendimento das questões subjacentes às explicações cotidianas, exatamente aquela visão de mundo que foi colocada em oposição ao rigor científico e que muitas vezes não passa pelos umbrais acadêmicos. Para Spink (1994), “as representações sociais, sendo formas de conhecimento prático, inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do

senso comum” (p. 118). Nesse sentido, reconfigurar o foco da lente permite um novo olhar para as “vozes do dia a dia”, na forma como os sujeitos percebem e expressam a realidade.

Franco (2004), no texto "Ideologia e desenvolvimento da consciência", esclarece,

as representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo [...] e assim por diante. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem. (FRANCO, 2004, p.170)

Seguindo tais posições, Franco (2004) postula que para estudar as representações sociais é indispensável conhecer as condições sociais dos indivíduos, conhecer o contexto por meio de “análises contextuais, em virtude da estreita relação entre representações sociais aos grupos socioeconômicos, culturais e étnicos que se expressam em diversas práticas.

E como se formam as representações sociais? Quais os processos envolvidos na construção das representações sociais? Antes de respondermos é importante antecipar a origem do termo.

De acordo com Moscovici (1978), “foi Durkheim o primeiro a propor a expressão 'representação coletiva'. Quis assim designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual” (p. 25). Para Durkheim,

assim como, no seu entender, a representação individual é um fenômeno puramente psíquico, irreduzível à atividade cerebral que o permite, também a representação coletiva não se reduz à soma das representações dos indivíduos que compõem uma sociedade. Com efeito, ela é um dos sinais do primado do social sobre o individual e da superação deste por aquele [...]. (MOSCOVICI, 1978, p. 25)

Moscovici (1978) acrescenta que “[...] para Durkheim, competia à Psicologia Social estudar ‘de que modo as representações sociais se atraem e se excluem, se fundem umas com as outras ou se distinguem [...]’”. (MOSCOVICI, 1978, p.25).

Farr (1994) explica o posicionamento de Moscovici sobre as representações coletivas.

Moscovici afirma que a noção de representação coletiva de Durkheim descreve, ou identifica, uma categoria coletiva que deve ser explicada a um nível inferior, isto é, em nível da psicologia social. É aqui que surge a noção de representação social de Moscovici. Ele julga mais adequado, num contexto moderno, estudar as representações sociais do que as representações coletivas [...]. (FARR, 1994, p. 44)

Para Farr (1994), Moscovici acredita que “as sociedades modernas são caracterizadas por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais

ocorrem. Há nos dias de hoje, poucas representações que são verdadeiramente coletivas” (pp.44-45). Por isso o conceito de Durkheim é apropriado num contexto de sociedade menos complexas.

Voltando às questões anteriores, para responder como são formadas as representações sociais, Crusoé (2004), seguindo Abric (1994)², trata das representações sociais em termos de produto e processo. Enquanto produto, a teoria aborda o conteúdo das representações, isto é, o conhecimento do senso comum, o que permite aos sujeitos a interpretar o mundo. Enquanto processo, a teoria procura explicar como se constroem as representações, que por sua vez, pode ser de duas formas: objetivação e ancoragem.

Para Alves-Mazzotti (2008), a análise desses processos (objetivação e ancoragem) são originais do trabalho de Moscovici, “uma vez que permite compreender como o funcionamento do sistema cognitivo interfere no social e como o social interfere na elaboração cognitiva”. (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 24)

Segundo Alves-Mazzotti (2008), Moscovici define

[...] a objetivação como a passagem de conceitos ou ideias para esquemas ou imagens concretas, os quais, pela generalidade de seu emprego, se transformam em “supostos reflexos do real” (p. 289); e a ancoragem, como a constituição de uma rede de significações em torno do objeto, relacionando-o a valores e práticas sociais. (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 24)

Em termos investigativos, Alves-Mazzotti (2008) acrescenta que ao estudar as representações sociais enquanto produto é importante “apreender seu conteúdo e sentido através de seus elementos constitutivos: informações, crenças, imagens e valores”. Porém, a autora chama atenção quanto ao material de análise, pois estes devem se apresentar como campo estruturado, “o que pressupõe organização e hierarquização dos elementos que configuram seu conteúdo” (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 34). Já ao estudá-las como processo, Alvez-Mazzotti (2008) postula que o cerne da questão centra-se “na relação entre a estrutura da representação e suas condições sociais de produção, bem como nas práticas sociais que induzem e justificam” (p. 34) que, para a estudiosa, implicam os aspectos culturais, ideológicos e interacionais de um grupo.

Objetivação e ancoragem são fenômenos importantes para o entendimento das representações sociais, à medida que sinalizam a dimensão simbólica cultural das estruturas sociais, na forma como os sujeitos significam a realidade e se inserem em determinadas ideologias.

² ABRIC, J-C. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

Noção fundamental nos estudos discursivos, ideologia é um conceito não tão simples de explicar, justamente pelos vários enfoques teóricos dentro das ciências humanas, razão pela qual não iremos fazer uma explanação exaustiva, mas delimitar a sua forte presença na gênese e na relação com as RS.

Para elucidar os vários significados de ideologia, Guareschi (2000)³ traça duas linhas divisórias, em forma de cruz, formando quatro planos, quatro quadrantes. Divididos inicialmente no eixo positivo e negativo, e depois no eixo estático e dinâmico,

Cada um desses campos possui, também, seus teóricos. Assim, no quadrante 1, há autores que definem ideologia no sentido positivo e como algo material. É o caso, por exemplo, de Mannheim (1954), para quem a ideologia é algo positivo e concreto, como as cosmovisões das pessoas. Já no quadrante 2, temos ideologia como algo positivo, mas como uma prática: é a visão de Therborn (1980), e muitos outros, que veem a ideologia como uma maneira de se criar e manter as relações sociais, sejam elas de que tipo forem. No quadrante 3, ideologia passa a ser algo negativo, mas algo concreto, como, por exemplo, "as ideias da classe dominante", de Marx (1989). No caso de Althusser (1972), ideologia abrangeria tanto o 1, como o 3, pois uma escola, por exemplo, materializa a ideologia, mas pode ser tanto positiva, como negativa. Finalmente, no quadrante 4 teríamos ideologia como uma prática, mas não uma prática qualquer; deve ser uma prática que serve para criar, ou manter, relações assimétricas, desiguais, injustas [...]. (GUARESCHI, 2000, p.42)

De acordo com Guareschi (2000), Moscovici chega a diferenciar ideologia de representação social.

[...] ideologia na definição de Moscovici é algo que se cristaliza, um conjunto de ideias distorcidas sim, mas estáticas, monolíticas e dificilmente modificáveis. Ao passo que as representações sociais são modificáveis e podem ser transformadas nos processos cotidianos das pessoas. Isso não significa, contudo, que as representações sociais sejam realidades absolutamente flutuantes, que não possuam nenhum aspecto duradouro. (GUARESCHI, 2000, p. 37-38)

Guareschi (2000) acrescenta que Moscovici, em seus últimos trabalhos, emprega ideologia no sentido de Thompson, isto é, “como uso de formas simbólicas para criar ou reproduzir relações de dominação” (GUARESCHI, 2000, p. 44).

Ao longo da pesquisa iremos utilizar a noção de ideologia que julgarmos oportuna para a nossa análise, de modo a estabelecer uma linha de interpretação entre os autores adotados.

³ GUARESCHI P. A. Representações sociais e ideologia. In: *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: EDUFUSC, Edição Especial Temática, pp.33-46, 2000.

CAPÍTULO 2 - CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: INTERAÇÃO LINGUÍSTICA COMO “PRÁTICA SITUADA EM ATIVIDADES *ONLINE*”

A cada minuto que passa, novas pessoas passam a acessar a Internet, novos computadores são interconectados, novas informações são injetadas na rede. Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna "universal", e menos o mundo informacional se torna totalizável [...].
(LEVY, 1999, p.111)

É impossível pensar a realidade hoje sem considerar os recursos tecnológicos digitais desenvolvidos nos últimos 40 anos e como o advento da *internet* condicionou novas formas de ser, estar e agir no mundo. Outras conexões foram estabelecidas, diferentes redes de relacionamento foram reafirmadas, diversas instrumentações e técnicas modernas transformaram a maneira de lidar com os acontecimentos do dia a dia.

Sabemos que para refletir sobre o “novo” é importante recorrer a acontecimentos históricos e descobertas tecnológicas de um passado recente, mas que ainda assim é passado, fato que ultrapassa os limites desta proposta, posto que abordaremos o “novo” como não tão novo assim, uma vez que os avanços do mundo virtual são tão presentes e naturais que a sociedade no geral não vislumbra como novidade. Assim, não trataremos das novas tecnologias digitais⁴ ou do impacto destas na sociedade da informação propriamente dita, metáfora inclusive apontada por Levy (1999) como inadequada por se tratar de fenômenos que vão além da mera comparação entre um projétil e um alvo.

As "novas tecnologias" são tomadas aqui no sentido de contextualizar as diferentes formas de organização social na grande rede global e a influência nas transformações subjetivas diante de outra lógica de tempo e espaço, que afetam diretamente o comportamento linguístico dos sujeitos em práticas *online*.

2.1 Ciberespaço e cibercultura: realidade e força do mundo virtual

“A *internet* é o tecido de nossas vidas”. Com essa frase Castells (2003) inicia um dos livros clássicos sobre o ciberespaço, empreendendo um percurso analítico sobre a sociedade contemporânea a partir de reflexões acerca da noção estruturante da *internet* enquanto base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede.

⁴ A expressão “novas tecnologias digitais” não faz muito sentido em dias atuais, era uma realidade das últimas duas décadas do século XX. Vale conferir o livro Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais, onde John Palfrey e Urs Gasser (2011) fazem, baseados em uma extensa pesquisa que inclui entrevista em diversos países, um retrato sociológico dos jovens adultos que vieram ao mundo depois de 1980, quando tecnologias como a Usenet e os Bulletin Board Systems chegaram *online*.

No final do século XX, três processos independentes se uniram, inaugurando uma nova estrutura social predominantemente baseada em redes: as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos; os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica. Sob essas condições, a internet, uma tecnologia obscura sem muita aplicação além dos mundos isolados dos cientistas computacionais, dos hackers e das comunidades contraculturais, tornou-se a alavanca na transição para nova forma de sociedade – a sociedade de rede –, e com ela para uma nova economia. (CASTELLS, 2003, p.8.)

Somos bilhões conectados e para Castells (2003), a influência da rede, esta definida como conjunto de nós interconectados, vai além dos números de usuários e diz respeito também à qualidade do uso, envolvendo questões econômicas, sociais, políticas e culturais, e ainda, estar fora desse cenário é uma forma danosa de exclusão.

Assim, de forma quase natural, reorganizamos a realidade, ora criando redes, ora retomando-as, mesmo porque elas sempre existiram, como lembra Castells (2003), “a formação de redes é uma prática humana antiga mas ganharam vida nova convertendo-se em redes de informação energizadas pela *internet*” (p.7). Falamos quase natural uma vez que as pessoas não percebem imediatamente as transformações digitais do cotidiano e não apreendem o “novo” em termos de tecnologia, como Barton e Lee (2015) esclarecem:

A tecnologia faz parte das experiências vividas pelas pessoas em todos os contextos, desde enganjar-se numa infinidade de site de redes sociais com amigos, até o trabalho, o estudo ou a participação na vida familiar. De fato, é difícil encontrar uma área da vida que não tenha mudado. Pouco a pouco, as pessoas veem como absolutamente normal a transformação digital das atividades cotidianas. (BARTON & LEE, 2015, p. 12)

Diante de tantas mudanças ocorridas num período relativamente curto, considerando o percurso da história, pois a *internet* se popularizou a partir de 1995⁵, cabe aqui ressaltar o papel da linguagem nesse processo, em outras palavras, é importante pensar a influência das tecnologias digitais nas práticas comunicativas no ciberespaço, tendo em vista que as interações linguísticas nos ambientes de escrita *online* seguem outras regras e acordos estruturais/discursivos diferentes da comunicação face a face.

⁵ Castells (2003) fez um levantamento sobre as origens e evolução da Internet 1962-95, conferindo o início a Arpanet, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), em 1969, tendo como propósito militar superar tecnologicamente a então União Soviética. Segundo o autor, o uso da internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. No final de 1995, o primeiro ano de uso disseminado da world wide web, havia cerca de 16 milhões de usuários, em 2001 eles eram mais de 400 milhões. Para ele, a história da criação e do desenvolvimento da Internet é a história de uma aventura humana extraordinária (p.13).

Parte de tais mudanças deve-se ao acesso a ferramentas de Comunicação Mediada pelo Computador – CMC, convertidas hoje também em dispositivos móveis com acesso à *internet*, que por sua vez, possibilitam infinitas interações no ciberespaço. Mas o que é ciberespaço? Que lugar é esse que comporta múltiplas virtualidades? E ainda, como os sujeitos lidam com o universal chamado cibercultura?

Nas palavras de Lévy (1999):

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17)

Imersa no “segundo dilúvio”, o das informações -- expressão usada inicialmente por Roy Ascott, segundo Lévy (1999) --, em razão da natureza exponencial, explosiva e caótica do crescimento das telecomunicações, a sociedade vive a dinâmica de um outro espaço, um lugar que não cabe em conceitos geográficos e que segue outra racionalidade temporal.

Souza e Costa (2005) discutem as fronteiras do ciberespaço utilizando ferramentas analíticas da Sociologia e da Antropologia, de forma a compreender o ciberespaço e cibercultura nas novas relações produzidas pelo homem. De acordo com eles, a questão é um desafio, em virtude da peculiaridade da problemática na atualidade, e ainda porque os instrumentos teóricos não oferecem condições de análise completa do fenômeno.

Há uma discussão importante sobre o lugar ou não-lugar do espaço, sendo este material, físico ou virtual. Souza e Costa (2005) utilizam os postulados de Castells (1999) e Augé (2004) para refletirem sobre o ciberespaço. O primeiro define espaço como “um produto material em relação a outros produtos materiais – inclusive pessoas – os quais se envolvem em relações sociais [historicamente] determinadas que dão ao espaço uma forma, uma função e um sentido social” (p. 512), além de considerar o lugar como “[...] um local cuja forma, função e significados independentes das fronteiras da contiguidade física” (CASTELLS, 1999, p. 512). Já o segundo autor, com viés antropológico, apresenta o conceito de lugar em oposição ao não-lugar, utilizando a expressão “lugares-antropológicos”, tendo em vista o espaço enquanto construção simbólica e concreta, uma vez que

Se um lugar pode-se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos:

estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 2004, p. 73, *apud* SOUZA e COSTA, 2005)

Nessa perspectiva, o ciberespaço compreende lugares e não-lugares em razão da ubiquidade da *internet*, lugar no sentido físico, espaço tangível no mundo visível das máquinas e um não lugar no sentido virtual, pois faz parte de outra dimensão que supera ou está acima das dimensões geográficas, atualizando-se a todo momento nas tecnologias digitais em qualquer parte como “espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento” (LEVY, 1999, p. 32).

As condições históricas em que emergiram o ciberespaço e a cibercultura em convergência com as transformações socioculturais singulares do mesmo período, baseadas em trocas simbólicas e identitárias, resultaram em novas formas de ver a realidade, em que tempo (cronológico) e espaço (territorial) tomaram outros sentidos pela força da virtualidade, tendo em vista que as fronteiras não representavam mais separação dos povos e as infinitas subjetividades estavam dispersas e acessíveis no mundo digital contribuindo para inteligência e criação coletiva, como pondera Lévy (1999):

Um mundo virtual, no sentido amplo, é um universo de possíveis, calculáveis a partir de um modelo digital. Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas. Computadores e redes de computadores surgem, então, como a infra-estrutura física do novo universo informacional da virtualidade. Quanto mais se disseminam, quanto maior sua potência de cálculo, capacidade de memória e de transmissão, mais os mundos virtuais irão multiplicar-se em quantidade e desenvolver em variedade. (LÉVY, 1999, p.75)

Em *O que é o Virtual?*, Levy (2003) define virtual não somente como um modo de ser particular mas como um processo de transformação de um modo de ser num outro, isto é, a virtualização que retorna do real ou do atual em direção ao virtual. Para o autor, é comum oposição fácil e enganosa entre o real e virtual, uma vez que é simples e imediato acreditar que o virtual é ausência de existência de uma “realidade”, no caso, material e tangível.

Seguindo a filosofia escolástica, a partir da etimologia da palavra *virtus*, que derivou *virtualis*, potência, força, Lévy (2003) defende o virtual como algo que existe em potência e não em ato e que se atualiza constantemente através do tempo. A título de exemplo, o autor diz que a semente é uma árvore em potência, por sua vez a árvore é a semente em ato, em outras palavras, “a árvore está virtualmente na semente” (LÉVY, 2003, p.15). De acordo com o autor, o virtual não se opõe ao real mas ao atual.

Reelaborando conceitos, posteriormente, em *Cibercultura* (1999), Levy amplia a noção de virtual, creditando ao termo pelo menos três sentidos:

A palavra virtual pode ser entendida em ao menos três sentidos: o primeiro, técnico, ligado à informática, um segundo corrente e um terceiro filosófico. O fascínio suscitado pela realidade virtual decorre e, boa parte da confusão entre estes três sentidos. Na acepção filosófica, é aquilo que existe em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está virtualmente contida no grão). No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade. Mas no uso corrente, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade – enquanto a “realidade” pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. A expressão “realidade virtual” soa então como oxímoro, um passe de mágica misterioso. Em geral acredita-se que uma coisa deva ser ou real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real (sem que seja atual). (LÉVY, 1999, p. 47)

Na sequência, Lévy (1999) utiliza um termo, inclusive entre aspas, que diz muito sobre a dinâmica e força do ciberespaço e as especificidades da cibercultura na sociedade contemporânea: “É virtual toda entidade “desterritorizada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados sem, contudo, estar ela mesma presa a algum lugar ou tempo em particular”. (LÉVY, 1999, p. 47).

É exatamente essa desterritorialização que garante o poder da virtualidade, a força materializada em objetos tecnológicos capazes de grandes mobilizações sociais por meio de um clique, sobrepondo-se ao contato pessoal e direto, à comunicação telefônica, à distância e ao tempo. Nesse contexto, pontuamos duas questões igualmente importantes: primeiro, inferimos que esse processo faz parte de mudanças sociais de grandes proporções e se insere nas observações de Barton & Lee (2015) quanto às mudanças tecnológicas; e segundo, ressaltamos a importância da linguagem nas transformações contemporâneas tanto de ordem objetiva quanto subjetiva.

Barton & Lee (2015), ao abordarem as formas pelas quais as mudanças tecnológicas estão afetando as pessoas em todos os lugares e domínios da vida, apontam que tais mudanças se encaixam em mudanças sociais mais amplas e isso impacta a linguagem e as práticas comunicativas, pois reconhecem que a tecnologia é um elemento num conjunto de fatores interligados que envolvem transformações de natureza institucionais e globais. Para embasar seus argumentos sobre as mudanças das práticas e paisagens comunicativas, os referidos autores trazem para o debate as colocações de *kress* (2003):

Kress (2003) identifica quatro processos de mudanças simultâneas: mudanças nas relações de poder social, que vem abolir as hierarquias existentes e estabelecidas e reconstruir novas; mudanças na estrutura econômica, com a escrita assumindo diferentes papéis numa economia em que a informação é cada vez mais importante; mudanças comunicacionais, nas quais o modo dominante foi deslocado da escrita para a imagem, alterando a lógica de nossas práticas comunicativas; e mudança nas virtualidades tecnológicas, deslocando a mídia da página para tela [...]. (SNYDER, 1998, p. 13)

Barton & Lee (2015) ressaltam a centralidade da linguagem nas mudanças contemporâneas que, para eles, “são antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentido” (p.13). A questão que se impõe diz respeito ao modo como estamos lidando enquanto sujeitos da/na língua, mediados pelo signo linguístico, envolvidos no emaranhado da rede. Esta visível e invisível, tecida pelos fios da linguagem codificados em números e símbolos binários.

Evidentemente, os sujeitos não são mais os mesmos de antigamente, e se a *internet* é o tecido de nossas vidas, como afirmou Castells (2003), a rede e a linguagem fazem parte de um grande tear social em que os espaços de escrita *online* configuram-se como representações de virtualidades diferenciadas tecendo novas formas de pensar, agir e se relacionar no mundo.

2.2 Abordagens sobre linguagem *online*

As mídias *online* têm despertado interesse multidisciplinar nos últimos anos, isso porque os espaços de escrita *online* configuram-se como representações de subjetividades diversificadas, representações essas mediadas pela linguagem onde espaço, tempo e sujeitos passam por transformações significativas, na medida em que as práticas sociais e representações simbólicas transparecem posturas e comportamentos na linguagem *online*.

Nesse contexto, Barton e Lee (2015) apontam três direções fundamentais nas abordagens da linguagem *online*: a) características estruturais da comunicação mediada por computador; b) variação social do discurso mediado por computador; c) ideologias linguísticas e metalinguagem.

Numa visão geral, podemos dizer que a maioria dos trabalhos têm como base as duas primeiras abordagens, preocupações como características linguísticas específicas como pontuam Barton e Lee (2015), a exemplo do uso de acrônimos, siglas e abreviações (ex. PFV – por favor, vc – você, rrs – risos, blz – beleza, kd – cadê, q - que); grafia e pontuação estilizadas (“Nossssa, que tuuddoooo”, “.....” “????” “!!!!”), a maioria discutindo o receio, por parte de pais e professores, quanto ao “perigo” da escrita nas mídias, até que ponto pode influenciar

negativamente as formas de escrita formal. Barton e Lee (2015) citam estudos nessa vertente como o *e-mailismo* (PATRIE, 1999), internetês (CRYSTAL, 2006). No que se refere à variação social do discurso mediado pelo computador, Barton e Lee (2015) citam também (HYLAND, 2002), para quem a visão de que os gêneros escritos não podem ser separados de seus usuários e contextos sociais e nem específicos de uso, acrescentando nomes como Myers (2010a) com trabalhos de análise de discurso em *blogs* e *SMS* (TAGG, 2012).

No Brasil, há trabalhos em várias perspectivas, como Vieira (2005) sobre a relação entre oralidade e escrita como tendência em gêneros digitais; Gomes (2011) com preocupações de cunho educacional, voltadas para o hipertexto no cotidiano escolar, especificamente ao papel do professor frente ao letramento digital; Coscarelle (2016) com tecnologias no ensino de LP; Ribeiro (2016) abordando textos multimodais/leitura e produção; Joachim (2011) e Holanda (2011), os quais tecem reflexões sobre leitura e hipertexto em textos literários; Xavier e Santos (2005), com análise de *E-fórum* na *internet* como gênero digital; Xavier (2011), que discute a Retórica digital nas redes sociais, fazendo um apanhado histórico desde a antiguidade clássica aos dias atuais. Porém, há poucos estudos que contemplam a terceira abordagem, acreditamos que tal fato se dá em razão de ser uma vertente relativamente nova e os estudiosos da linguagem vêm percebendo a necessidade de explicar como “as formas de comunicação são moldadas por ideologias” (BARTON e LEE 2015).

Nesse sentido, é fundamental “compreender como a linguagem é representada ou talvez mal representada tanto *online* quanto na sociedade de forma mais ampla” (BARTON e LEE 2015, p. 18), uma vez que enquanto falantes, temos visões sobre os usos cotidianos da língua, como acrescentam Berton e Lee (2015):

Quando as pessoas se envolvem em conversas metalinguísticas, seja *online* ou *offline*, elas também estão se engajando no discurso mais amplo das ideologias linguísticas, em que se debate, por exemplo, o que constitui o uso padrão, bom ou correto da língua [...]. (BARTON e LEE 2015, 14)

Podemos citar nessa linha os estudos de Freitas (2010) sobre os discursos que insurgem contra o internetês materializados no âmbito virtual e a disseminação do preconceito linguístico em comunidades no *Orkut*; Santos e Romano (2015), que evidenciaram a existência de preconceito linguístico na *internet*, por meio da divulgação de conteúdos normativo-prescritivistas “disfarçados” de Língua Portuguesa com recortes da mesma página em estudo, onde analisaram como os usuários apreendem e discutem tais conteúdos.

Moita Lopes (2013), tendo como base o cenário geopolítico e sociolinguístico de sociedades onde se fala português, faz importantes reflexões sobre o português no século XXI,

trazendo para o debate trabalhos de estudiosos da linguagem sob a perspectiva das ideologias linguísticas na construção de teorizações sobre língua e linguagem. A obra, assim, organizada por Moita Lopes (2013) se propõe a discutir

[...] Quais são as ideologias linguísticas com as quais operamos no mundo social como falantes, escritores etc., como estudiosos da linguagem etc.? Há aqui a compreensão de que as ideologias linguísticas envolvem tanto os modelos socioculturais da linguagem em uso, do que chamamos português no nosso caso, construídos pelos falantes, escritores etc., como também aqueles elaborados por especialistas do campo de estudos da linguagem. [...]. (MOITA LOPES, 2013, p.20)

Nesse contexto, nossa investigação, como explicitado anteriormente, se enquadra na terceira abordagem, numa perspectiva discursiva com base em ideologias subjacentes ao imaginário representacional de LP, bem como noções de “reflexividade linguística e metalinguagem” (BARTON e LEE, 2015), tendo em vista que os espaços de escrita *online* permitem cada vez mais discussões públicas sobre as línguas em uso.

2.3 A interação *online* mediada pelo signo linguístico/ideológico

[...] Fluida, virtual, ao mesmo tempo reunida e dispersa, essa biblioteca de Babel não pode ser queimada. As inúmeras vozes que ressoam no ciberespaço continuarão a se fazer ouvir e a gerar respostas. As águas deste dilúvio não apagarão os signos gravados: são inundações de signos. (LÉVY, 1999, p.16)

A interação no ambiente virtual apresenta outros componentes para além das práticas de leitura e escrita convencionais, razão pela qual estudar a materialidade linguística nos espaços *online* demanda novos olhares, tendo em vista que entre os sujeitos envolvidos no processo comunicativo há uma tela, ou na visão de Soares (2002), há uma cultura da tela.

Ao abordar as características do letramento na cibercultura, Soares (2002) confronta as tecnologias digitais com as tipográficas considerando as diferenças entre os espaços, os mecanismos de produção e a difusão da escrita. Para Soares (2002), cada uma dessas tecnologias tem determinados efeitos sociais, cognitivos e discursivos, implicando em diversas modalidades de letramento.

Aparentemente sobrepostos numa superfície virtual, os signos linguísticos⁶ reivindicam uma nova relação com os sujeitos. De igual forma, os sujeitos na contemporaneidade, de um modo geral, deparam-se com sistemas semióticos diversos e também muitas possibilidades

⁶ O signo linguístico é de ordem psíquica e por isso não pode ser comparado à materialidade visual, razão pela qual usamos o termo ‘aparentemente’.

interacionais, o que exige práticas linguísticas em circunstâncias virtuais onde a escrita ocupa um lugar imprescindível.

Lévy (1999) faz uma reflexão interessante sobre o efeito do ciberespaço na relação entre o homem a linguagem e seu tempo.

Para realmente entender a mutação contemporânea da civilização, é preciso passar por um retorno reflexivo sobre a primeira grande transformação na ecologia das mídias: a passagem das culturas orais às culturas da escrita. A emergência do ciberespaço, de fato, provavelmente terá — ou já tem hoje — um efeito tão radical sobre a pragmática das comunicações quanto teve, em seu tempo, a invenção da escrita.

Nas sociedades orais, as mensagens linguísticas eram sempre recebidas no tempo e lugar em que eram emitidas. Emissores e receptores compartilhavam uma situação idêntica e, na maior parte do tempo, um universo semelhante de significação. Os atores da comunicação evoluíam no mesmo banho semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interações. (LÉVY, 1999, p.113-4)

E Lévy (1999) continua o raciocínio mostrando a relevância do contexto na oralidade com releção à escrita e que são pertinentes nas práticas de escrita tanto na cultura do papel quanto na virtualidade, tendo em vista a quase simultaneidade da produção e recepção da escrita na *internet*,

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que encontravam-se a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais. A partir daí, os atores da comunicação não dividiam mais necessariamente a mesma situação, não estavam mais em interação direta. (LÉVY, 1999, p.114)

Soares (2002) sinalizava sobre a oportunidade, àquela época, de pensar as questões de práticas de leitura e escrita digitais:

"[...] É que estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a *web*), a Internet. É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o *estado ou condição* que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel [...]. (SOARES, 2002, p.146)

Tais reflexões ainda são atuais e remetem à relação dos sujeitos em interação mediados pelo signo linguístico, considerados aqui não como apresentado na visão estruturalista saussureana mas na perspectiva bakhtiniana, no sentido dialógico e ideológico, como passaremos a explicitar.

No *Curso de Linguística Geral* (1916), organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye e colaboração de Albert Riedlinger, são lançadas as bases para uma ciência da linguagem a partir dos postulados de Ferdinand Saussure. Entre as contribuições de Saussure destacam-se as conhecidas dicotomias: língua *versus* fala; significante *versus* significado; sintagma *versus* paradigma; sincronia *versus* diacronia.⁷

Saussure representa um marco para instituição da Linguística Moderna sobretudo por sistematizar os estudos linguísticos feitos até então e estabelecer o objeto (a língua) e metodologia (método sincrônico) tão necessários para os critérios científicos estruturalistas da época. Assim, Saussure (2006) afirma que a língua “é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” [...] (SAUSSURE, 2006, p.22); de natureza homogênea, constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas [...]”. (SAUSSURE, 2006, p. 23)

Ao definir a língua como sistema de signos, Saussure legitima a imanência nos estudos da linguagem, ou seja, “a ideia de que fatos linguísticos são condicionados só e apenas por fatos linguísticos” (FARACO, 2007, p. 31), concepção que perdurou grande parte dos estudos linguísticos do século XX.

É inegável que Saussure realizou um grande corte nos estudos linguísticos. Suas concepções deram as condições efetivas para se construir uma ciência sincrônica da linguagem. A partir de seu projeto não houve mais razões para não construir uma ciência autônoma a tratar exclusivamente da linguagem, considerada em si mesma e por si mesma, e sob os pressupostos da separação escrita entre a perspectiva histórica e a não-histórica. (FARACO, 2007, p. 28)

No que diz respeito à fala, é oportuno ressaltar que Saussure (2006) não desmerece sua importância e no próprio *Curso* reconhece a necessidade de uma ciência para a fala, embora a coloque num patamar secundário, propondo inclusive dois caminhos, e a rigor, “conservar o nome de Linguística para cada uma das duas disciplinas” (p. 28). A questão são os desdobramentos de tal posicionamento e como a Linguística foi se desenhando no ambiente acadêmico, entre os estudiosos.

As implicações do corte saussureano para os estudos posteriores, na forma como foram se delineando as concepções de língua, sujeito, texto e sentido seguiram uma perspectiva

⁷ Não vamos aprofundar aqui a questão das dicotomias. Numa linguagem direta e objetiva, no artigo As dicotomias saussureanas e suas implicações sobre os estudos linguísticos, Fernando Moreno da Silva (2011) mostra a importância dos postulados de Ferdinand de Saussure para os rumos da linguística moderna, principalmente quanto à contribuição para o surgimento de duas grandes correntes: formalismo e funcionalismo.

abstrata, sistêmica e longe das condições de produção de fala, o que significa dizer que subjetividade, história e sociedade foram deixadas de lado. Mas partindo do entendimento primário do próprio Saussure quando afirma “[que] bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que o ponto de vista que cria o objeto [...]” (p.15), é fato que as delimitações foram necessárias, e ainda, bases de apoio ou refutação para as duas grandes correntes dos estudos da linguagem: o Formalismo (Estruturalismo e Gerativismo) e o Funcionalismo (Sociolinguística, Enunciação, Linguística Textual, Pragmática e Discurso).

No contexto estrutural e sistêmico, o signo ou “a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída união de dois termos” (CLG, 2006, p.79), ambos de ordem psíquica e unidos no cérebro por vínculo de associação.

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material” é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (CLG, 2006, p. 80).

Assim, o signo linguístico é uma entidade composta por duas faces: significante e significado. Este o conceito e aquele a imagem acústica. “Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (CLG, 2006, p. 80). Saussure (2006) atribui dois princípios ao signo linguístico. Primeiro o caráter arbitrário, isso porque não há laço que una o significante ao significado, ou seja, “a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante [...]” (CLG, 2006, p.81). O segundo princípio diz respeito ao caráter linear do significante, este “[...] sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é a linha*”. (CLG, 2006, p.84, grifos do autor).

Contrariando à visão saussureana, embora concordem que a língua é um fato social, surgem as inquietações de Bakhtin/Voloshinov (1997)⁸, em uma das obras mais importantes para os estudos da linguagem do século XX, *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Já na introdução, Yaguello anuncia: “[...] trata-se, principalmente, de um livro sobre as relações entre linguagem, sociedade, colocado sob o signo da dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais”. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997 p.14).

⁸ Não entraremos na questão de autoria, mas adiantamos que respeitaremos as autorias das edições originais. Para esclarecimentos adicionais conferir Fiorin (2006) e Faraco (2009).

Com a finalidade de isolar e delimitar o objeto e a metodologia para uma filosofia da linguagem, Bakhtin/Voloshínov (1997) apresentam e ao mesmo tempo opõem-se a duas orientações concernentes aos problemas levantados por eles, a saber: subjetivismo idealista e objetivismo abstrato. A primeira tendência tem como bojo o ato da fala enquanto psiquismo individual como fundamento da língua, considerada como um fluxo ininterrupto onde nada permanece estável. Já a segunda, “[...] a língua é um arco-íris imóvel que domina esse fluxo [...]” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997 p.78), em outras palavras, a língua é sistema estável, imutável, e as leis da língua são leis linguísticas específicas.

Bakhtin/Voloshinov (1997) colocam no centro das discussões a perspectiva não contemplada pelas duas correntes, ou se contemplada não da forma como julgavam adequada: a enunciação⁹, e na essência a fala, reverberando com isso, o resgate da subjetividade, da história, da comunidade em constante transformação, da luta de classe, da relação entre superestrutura e infraestrutura. Ligada às verdadeiras condições de comunicação, a fala representa o diálogo social numa estrutura enunciativa mais ampla que, por sua vez, reflete a ideologia, em outros termos, a tese da interação verbal.

Bakhtin/Voloshinov (1997) partem do princípio, para o estudo da linguagem, de que “[...] tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. Em outras palavras, tudo o que é ideológico é um signo [...]”, ou ainda, “tudo o que ideológico possui um valor semiótico”. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997, pp. 30-31).

Nesse passo, a perspectiva social da linguagem orienta a representação simbólica e imaginária dos signos de acordo com os domínios, sejam eles jurídicos, religiosos, artísticos, enquanto reflexos de uma realidade exterior.

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997, p.32)

Uma unidade proeminente em Marxismo e Filosofia da Linguagem diz respeito à palavra. Para Bakhtin/Voloshinov (1997), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência [...]”, (p.35). Zandawais (2009) observa que

⁹ Bakhtin/Voloshinov (1997) observam que a primeira corrente, subjetivista idealista, abordou a enunciação, mas com o ponto de vista monológico. “[...] É verdade que seus representantes não abordaram a enunciação monológica do ponto de vista do filólogo de compreensão passiva, mas de dentro, do ponto de vista da pessoa que fala, exprimindo-se”. (p. 113)

Ao estabelecer uma relação dialética entre a palavra e o signo ideológico, os autores buscam mostrar que a palavra pode funcionar sempre como signo neutro enquanto língua abstrata, objeto de investigação da Filologia, dos dicionários e dos estudos linguísticos não sociológicos. Enquanto objeto da práxis concreta, entretanto, está sempre carregada de valores. São justamente os valores aos quais ela se prende que nos permitem compreender sua função ideológica [...]" (ZANDAWAIS, 2009, 2009, p.108)

Evidentemente a noção de valor é divergente da proposta saussureana, mesmo porque para Bakhtin/Voloshnov (1997, p. 40) “[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos [...]”. Como Zandawais (2009) justifica

Trata-se aqui, por outro lado, de pensar sobre o modo como a palavra se inscreve em uma outra ordem histórico-simbólica e a partir daí se dota de valores, significando diferentemente em cada época, em cada espaço social, em cada modo de produção, em cada espaço institucional, refletindo e refratando determinadas realidades que, por serem heterogêneas, multifacetadas, não podem ser apreendidas como um todo. (ZANDAWAIS, 2009, p. 109)

A mudança de ponto de vista sobre objeto da Linguística implica em muitos caminhos, isso porque tanto o *Curso de Linguístico Geral* (1916) quanto *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929) são marcos nos estudos linguísticos, muitos consideram como divisores de águas, e uma questão muito discutida concernente à circulação dessas obras, pois o livro Bakhtin/Voloshinov (1997) sofreu ostracismo em razão do contexto russo, o que influenciou diretamente na forma como os estudos da língua/linguagem foram conduzidos no Ocidente.

Posteriormente iremos retomar essa discussão quanto à influência de tais obras no ensino de línguas, por ora iremos tomar como base para refletir sobre linguagem *online*, no sentido de delinear a interação linguística mediada pelo signo linguístico/ideológico.

As práticas de linguagem *online* constituem eventos comunicativos interessantes, os usuários desenvolveram/desenvolvem habilidades linguísticas para interagir tanto em 140 caracteres, a exemplo do *Twitter*¹⁰, quanto em plataformas que comportam mais de 3 mil caracteres, como os *blogs* ou o próprio *Facebook*. As ações linguísticas são tão naturais que, muitas vezes, não observamos as constantes mudanças ocorridas na própria linguagem *online*, na forma como estamos construindo sentidos constantemente, dependendo do contexto, desde as mensagens mais simples como nos *sms* (torpedos), com as devidas transformações dos *emotions* [☹️ 😊 :/ (*x*) :o (^.^) (“.”) 😊 😭 😞 😡 😢 🙄] via *WhatsApp*, demonstrando as possíveis intenções e sentimentos dos falantes, às modernas tipificações textuais (textos multimodais), que misturam efeitos sonoros, imagens e escrita. Constantemente, os sujeitos

¹⁰ O *Twitter* aumentou o limite de caracteres para 280, em novembro de 2017.

estão combinando e interagindo em novos sistemas semióticos e construindo novos sentidos ou sentidos outros a partir da prática *online* mediada pelo signo linguístico.

Nesse contexto, como os sujeitos estão interagindo nos espaços de escrita *online*, visto que cada vez mais estamos nos comunicando por meio do textos que circulam na rede?

Barton e Lee (2015) levantam algumas questões pertinentes para esta seção, inicialmente chamam atenção para a possibilidade de mudança de significado para conceitos já estabelecidos para a Linguística, por exemplo a noção de texto. Isso porque, segundo os autores (2015), “antes de tudo, não se pode mais pensar em textos como relativamente fixos e estáveis. Eles estão mais fluidos com as virtualidades mutantes das novas mídias [...]” (p. 45). Acrescentam-se a esse fenômeno a multimodalidade e a interatividade em novos gêneros textuais. Outra questão colocada por Barton e Lee (2015) refere-se à noção de “autor” e “autoria”, em razão do conteúdo autogerado na *web*, e como a produção escrita se dá em novos espaços sociomidiáticos.

Ressaltamos as formas de tratamento nas relações virtuais, e como os sujeitos se marcam na rede ao selecionarem recursos linguísticos para se posicionarem num espaço em que a linha que separa o público e o privado é tênue, e que as regras do que se pode ou não ser dito também nunca foram postas; onde racismo, xenofobia e homofobia são confundidos com opinião. Assim, questões relacionadas à polidez ou rudeza, aos discursos de ódio, aos *haters*¹¹, ou do policamente correto são importantes para discussão.

Barton e Lee (2015) destacam também os encontros multilingues *online*, o que era quase impossível sem *internet*, proporcionando o desenvolvimento de estratégias que mobilizam os sujeitos a negociarem a escolha da língua, além do aumento de espaços disponíveis para línguas minoritárias ou ampliação do inglês como língua universal.

Dois tópicos colocados por Barton e Lee (2015) são fundamentais para a nossa discussão: 1. A *internet* oferece espaços de reflexão sobre linguagem e comunicação; 2. Práticas linguísticas vernáculas estão se tornando cada vez mais públicas e circulam mais amplamente.

Quanto ao tópico 1, A *internet* oferece espaços de reflexão sobre linguagem e comunicação, "com as novas formas de participação e diálogo, as pessoas podem ser mais reflexivas [...] (BARTON e LEE, 2015 p. 34)", no sentido de consciência metalinguística

¹¹ Haters é um termo a língua inglesa, mais precisamente um adjetivo que significa “odiadores” ou também pode ser entendida como a expressão “os que odeiam”. Esta palavra é muito usada atualmente no mundo da *internet*, quando alguém, deliberadamente, xinga ou tece críticas duras e destrutivas contra outra pessoa ou contra um grupo de pessoas. Fonte: <https://www.significadosbr.com.br/haters>. Acesso em 22.04.2019

mesmo, o que para os autores, a reflexão e a discussão sobre a linguagem conduzem ao desenvolvimento das virtualidades da linguagem e às maneiras como as pessoas podem empregá-las para agir no mundo. Circunstâncias em que os sujeitos fazem considerações sobre as suas próprias atuações *online*, com julgamentos sobre a sua língua ou línguas que estão aprendendo ou interagindo, a exemplo, “meu inglês é ruim”, “fulano fala bem alemão” etc. Assim, a consciência é visível em relação à própria língua, mas as bases ideológicas, ou como foram formadas tais consciências não são tão acessíveis assim.

No que diz respeito ao tópico 2, Práticas linguísticas vernáculas, estão se tornando cada vez mais públicas e circulam mais amplamente. Para Barton e Lee (2015, p. 35), “a compreensão de práticas cotidianas, ou 'vernáculas', tem sido importante para a pesquisa de letramentos”. As práticas de letramento "reais", ou melhor da realidade *offline* são significativas quando transportadas para o universo *online*, por exemplo, a diferença entre preencher um formulário físico e um *online*, fazer buscas nos arquivos digitais de biblioteca em outro continente, ou mesmo da leitura de um romance no *kindle*. Tais circunstâncias, reais e virtuais, remetem-nos à fase de transição entre a cultura de papel e a cultura da tela (SOARES, 2002), no sentido de lidar com novas demandas linguísticas na rede que, por sua vez, implicam em novas interações com o signo linguístico e ideológico.

Quando propusemos discutir nesta seção a interação *online* mediada pelo signo linguístico/ideológico falamos de um lugar, de uma visão de mundo que considera a língua não dissociada da história. Sabemos que a língua está em todas as esferas, e ela não é um sistema homogêneo produzida por um sujeito monológico (BAKHTIN, 2003). A língua é antes de tudo heterogênea e por isso carrega as nuances da sociedade, da divisão de classe, dos diferentes interesses das estruturas de poder. Sendo assim, é oportuno conceber a perspectiva de sujeitos inseridos em práticas virtuais das mais diversas possíveis, com tons ideológicos e posicionamentos de muitos domínios discursivos, além disso, compreender como tais sujeitos estão mobilizando estratégias linguísticas para produção e construção de sentidos em espaços de escrita *online*.

CAPÍTULO 3 – LÍNGUA PORTUGUESA OU LÍNGUAS PORTUGUESAS?

“Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir.”
Vergílio Ferreira

Das centenas de línguas faladas pelos nativos em terras brasileiras ao que temos hoje enquanto língua oficial no Brasil há um longo processo que vai além do contato inicial entre índios, colonizadores e negros. Fatores políticos, econômicos e administrativos estabelecidos pela Coroa Portuguesa no período colonial foram determinantes para o predomínio da Língua Portuguesa no "novo mundo" em detrimento de outras línguas.

Nesse contexto, longe de fazer uma exposição exaustiva sobre os primeiros contatos linguísticos no Brasil colonial, este capítulo trata de questões sobre a construção do imaginário acerca da LP no Brasil, de forma a problematizar como foram construídas as várias percepções sobre língua, gramática e normas linguísticas, bem como a contribuição das instituições responsáveis pelo ensino e divulgação da LP, o que inevitavelmente perpassa determinados acontecimentos históricos responsáveis por mudanças socioculturais que influenciaram, por sua vez, políticas linguísticas.

Sendo assim, em três seções vamos fazer um retrospecto da relação entre língua, poder e Estado em solo brasileiro. Na primeira, faremos brevíssima exposição da chegada da língua portuguesa em solo brasileiro, e como determinados acontecimentos foram decisivos para o delineamento linguístico em relação à noção de norma, e que vai se refletir na construção discursiva do português brasileiro, conteúdo que será tratada na segunda seção. Finalizaremos este capítulo com a triangulação Gramática, Escola e RS sobre LP no Brasil.

3.1 A Língua dos portugueses chega ao Brasil

Para Naro e Scherre (2007), no início do século XVI, época dos primeiros contatos dos portugueses com o Brasil, Portugal já tinha estratégia linguística para lidar com o estrangeiro, inicialmente porque teve o território ocupado por outros povos em séculos anteriores e depois como resultado das primeiras explorações navais na África Ocidental, onde a comunicação era baseada no que chamavam “língua de preto”, isso permite afirmar que ao começar a

colonização efetivamente no Brasil, por volta de 1532, data segundo os historiadores, já havia uma forma de lidar com outros falares, e no encontro de muitas línguas é importante ressaltar a forma como tais línguas ocuparam o mesmo espaço e tempo, considerando que a cada lugar cabem especificidades contextuais e históricas diferentes.

De acordo com Freire (2004), “as fontes primárias para uma história social das línguas no Brasil, embora fragmentadas e dispersas, são ricas, mas não foram suficientemente interrogadas” (p. 30). Para o pesquisador, que estudou sobre a história das línguas na Amazônia, as pesquisas são raras e podem ser classificadas de duas formas:

[...] Esses trabalhos podem ser classificados em estudos *preliminares* – quando deslocam o foco de preocupação quase exclusivamente sobre a trajetória da língua portuguesa em solo nacional ou regional, desinteressando-se pelas línguas indígenas e estudos *circunstanciados* – quando procuram avaliar a evolução das diversas línguas em contato. (FREIRE, 2004, pp. 30-31, grifos nossos).

Freire (2004) afirma que tais estudos preliminares manifestam uma tendência a generalizar para todo o território brasileiro, aspectos da língua que se limitaram ao litoral ou à região centro-sul, em virtude da noção aceita de unidade nacional e linguística¹². Por sua vez, os autores que publicaram obras em diferentes épocas sobre a trajetória do português no Brasil, entre eles Serafim da Silva Neto (1917-1960), Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000), Silvio Elias (1913-1998) e Antonio Houaiss (1915-1999) ressaltaram o papel das cidades na difusão da língua portuguesa, porém, segundo Freire (2004), nos recortes de análise as línguas indígenas aparecem marginalmente, isso quando aparecem, ou “dentro de um enquadramento em que a hegemonia do português é apresentada como resultado de qualidades inerentes à própria língua europeia que seriam superiores às línguas americanas”. (FREIRE, 2004, p. 31).

Castilho (1962), ao falar sobre a história da Língua Portuguesa no Brasil, chama atenção para os fatores externos à língua, como as condições demográficas e políticas, ambas importantes para a constituição do idioma nacional. Quanto à questão demográfica, o autor aponta três fatores: 1 os colonos portugueses, estes oriundos de várias partes de Portugal a partir de 1532; 2 os aloglotas, isto é, aqueles que deixaram sua língua para falar português (índios e africanos) e 3 o deslocamento de imigrantes italianos, alemães e japoneses no século XIX para o Brasil, embora com influência transitória, pois tais contingentes já encontraram uma língua portuguesa consolidada. No que diz respeito à política, Castilho (1962) aponta a

¹² Freire (2008) afirma que a historiografia brasileira, na ânsia de imaginar uma comunidade nacional, organizou, entre outros, dois esquecimentos relacionados diretamente com a trajetória das línguas no Amazonas: o primeiro contribuiu para a construção de uma unidade territorial e política da nação brasileira, e o segundo construiu uma unidade linguística com base no português como se, desde 1500, essa fosse a única língua falada pelos brasileiros.

chegada da família real, em 1808, como um marco que divide a história externa da Língua Portuguesa em dois quadros:

1 Dos primórdios da colonização até o século XVIII, fase caracterizada por três matizes: o português falado na costa por brancos e descendentes, os criolos ou semicriolos de índios e negros e a língua geral (tupi) falada no contato entre brancos, mamelucos com os índios.

2 A chegada de D. João VI dá início à europeização do país ao passo que impulsiona o desenvolvimento de grandes núcleos urbanos, fato que contribuiu para a diferença entre os falares urbanos e rurais. (CASTILHO, 1962, p.11-12)

Já Guimarães (2015) estabelece quatro períodos distintos na história da Língua Portuguesa no Brasil, considerando como elemento definidor o modo de relação da língua portuguesa com as demais línguas praticadas em terras brasileiras.

O primeiro momento, de acordo com o autor, começa com o início da colonização e vai até a saída dos holandeses do Brasil, em 1654.

Nesse período o português convive, no território que é hoje o Brasil, com as línguas indígenas, com as línguas gerais e com o holandês, esta última a língua de um país europeu e também colonizador. As línguas gerais eram línguas tupi faladas pela maioria da população. Eram as línguas do contato entre índios de diferentes tribos, entre índios e portugueses e seus descendentes, assim como entre portugueses e seus descendentes [...]. (GUIMARÃES, 2015, p. 24).

O segundo período, para o autor, começa com a saída dos holandeses do Brasil e vai até a chegada da família real portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808. Essa época é marcada pela relação entre o português, as línguas indígenas e línguas africanas dos escravos, além de outras imposições da Coroa que determinaram o destino das línguas no espaço brasileiro, como as medidas que levam ao declínio das línguas gerais, como assegura Guimarães (2015):

Nesse período, ainda, há dois fatos de extrema importância. O primeiro deles é a ação direta do império português que age para impedir o uso da língua geral nas escolas. Esta ação é uma atitude direta de política de línguas de Portugal para tornar o português a língua mais falada do Brasil. Uma dessas ações mais conhecidas é o estabelecimento do Diretório dos Índios (1757), por iniciativa do Marquês de Pombal, ministro de Dom José I, que proibia o uso da língua geral na colônia. Assim, os índios não poderiam mais usar nenhuma outra língua que não a portuguesa. Essa ação, junto com o aumento da população portuguesa no Brasil, terá um efeito específico que ajuda a levar ao declínio definitivo da língua geral no país. O português que já era a língua oficial do Estado passa a ser a língua mais falada no Brasil. (GUIMARÃES, 2015, p. 24)

O terceiro momento do português no Brasil começa com a vinda da família real em 1808 e termina com a Independência.

A vinda da família real terá dois efeitos importantes. O primeiro deles é um aumento, em curto espaço de tempo, da população portuguesa no Brasil. Chegaram ao Rio de Janeiro em torno de 15 mil portugueses. O segundo é a transformação do Rio de Janeiro em capital do Império que traz novos aspectos para as relações sociais em território brasileiro, e isto inclui também a questão da língua. Logo de início Dom João VI criou a imprensa no Brasil e fundou a Biblioteca Nacional, mudando o quadro da vida cultural brasileira, e dando à língua portuguesa aqui um instrumento direto de circulação, a imprensa. Esses fatos produzem um certo efeito de unidade do português para o Brasil, enquanto língua do rei e da corte. (GUIMARÃES, 2015, p. 24)

O quarto período começa em 1826, nessa fase, segundo Guimarães (2015), houve uma reivindicação sobre uma língua verdadeiramente nacional em oposição à língua do colonizador, assim como “um grande número de discussões sobre o fato de que os professores deveriam ensinar a ler e a escrever utilizando a gramática da língua nacional” (p. 25), e ainda,

É também dessa época o processo pelo qual os brasileiros tiveram legitimadas suas gramáticas para o ensino de português e seus dicionários. Dessa maneira cria-se historicamente no Brasil o sentido de apropriação do português enquanto uma língua que tem as marcas de sua relação com as condições brasileiras. Pela história de suas relações com outro espaço de línguas, o português, ao funcionar em novas condições e nelas se relacionar com línguas indígenas, língua geral, línguas africanas, se modificou de modo específico e os gramáticos e lexicógrafos brasileiros do final do século XIX, junto com nossos escritores, trabalham o “sentimento” do português como língua nacional do Brasil”. (GUIMARÃES, 2015, p. 25)

Guimarães (2015) pontua nesse quarto período o processo de imigração de outros povos para o Brasil como uma novidade para relação entre as línguas:

[...] Esse processo de imigração terá um momento muito particular na passagem do século XIX para o XX (1880-1930). A partir desse momento entraram no Brasil, por exemplo, falantes de alemão, italiano, japonês, coreano, holandês, inglês. Deste modo o espaço de enunciação do Brasil passa a ter, em torno da língua oficial e nacional, duas relações significativamente distintas: de um lado as línguas indígenas (e num certo sentido as línguas africanas dos descendentes de escravos) e de outro as línguas de imigração [...]. (GUIMARÃES, 2015, p. 25)

Ressaltamos a afirmação do referido autor quanto à visão de línguas que se estabeleceu nessa fase, ou melhor, ao modo de relação entre línguas, uma vez que as línguas que chegaram posteriormente já eram oficiais e prestigiadas nos seus países de origem, diferente da situação encontrada no Brasil, pois parte da população teve a identidade negada por meio do apagamento das línguas no processo de colonização, em outras palavras, como afirma Guimarães (2015), “[...] as línguas indígenas e africanas entram na relação como línguas de povos considerados primitivos a serem ou civilizados - no caso dos índios ou escravizados - no caso dos negros [...]”. (GUIMARÃES, 2015, p.25)

É exatamente esse ponto que vamos abordar a partir de agora, como determinadas línguas foram silenciadas à medida que seus falantes não tiveram os espaços de falas respeitados, por meio de políticas do Estado Português.

3.1.2 Aspectos políticos e linguísticos da colonização no Brasil

Pensar na relação da(s) língua(s) com o Estado em solo brasileiro nos leva a refletir a partir de fatos históricos enquanto política civilizatória, na forma como foram articulados mecanismos de poder, aliados a questões institucionais e gramaticais, em termos de produção de conhecimento sobre as línguas, bem como das práticas realizadas após tais articulações para imposição e consolidação de um idioma nacional, como esclarecem Orlandi e Guimarães (2001) no texto "Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil":

De um lado, a história das ideias linguísticas se produz nas condições determinadas em que se inscreve a constituição da 'língua nacional'. De outro, como a questão da 'língua nacional' deriva do domínio do Estado, a produção do saber metalinguístico inscreve-se em um jogo complexo entre o papel legislador do Estado, o papel regulador da instrução e a tradição gramatical. (ORLANDI e GUIMARÃES, 2001, p. 21).

Por sua vez, Mariani (2003), ao abordar o estabelecimento de políticas portuguesas de defesa e implantação do idioma português no mundo considerou dois pontos de distinta natureza, mas interligados no colonialismo:

[...] 1 as ações da igreja católica e, mais especificamente, dos jesuítas na prescrição do modo e dos meios linguísticos para se processar a evangelização dos povos não cristãos, e 2 a revolução tecno-linguística que, a partir do Renascimento europeu, tanto organizará uma produção maciça de gramáticas e de dicionários monolíngues para as línguas neo-latinas, quanto proporcionará a 'tecnologia' necessária para a descrição das línguas do novo mundo. (MARIANI, 2003, p. 73)

Mariani (2003) utiliza a expressão *Colonização linguística do Brasil* para caracterizar o “processo histórico que aglutinou a realeza e a igreja portuguesas em um projeto político-linguístico em larga medida comum e simultaneamente nacional e internacional” (pp. 73-74). De acordo com a pesquisadora, a noção envolve fatos resultantes do acontecimento linguístico na colônia brasileira, isto é, do encontro de povos e memórias sem contato anterior, em outras palavras, “a relação de colonização é, em si, da ordem de um acontecimento discursivo, tal como Pêcheux o formula: “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. (MARIANI, 2003, p. 74).

[...] Quando trago como proposta teórica a questão da colonização linguística, estou supondo que um processo colonizador, enquanto acontecimento, não existe sem as línguas. Essa colonização linguística é desencadeada no bojo do acontecimento linguístico que um processo colonizador convoca, qual seja, no ainda irrealizado languageiro que virá a se constituir como língua nacional, há um complexo e tenso jogo entre memórias e apagamentos das imagens produzidas sobre as línguas em circulação”. (MARIANI, 2003, p. 74).

Também em perspectiva discursiva, Severo (2016) aborda o processo colonial de discursivação das línguas na América tomando como exemplos a produção de gramáticas, dicionários, listas de palavras, catecismos, além de uma profusão de traduções de gêneros europeus religiosos e administrativos para o contexto não-europeu, a partir de uma matriz de poder centrada na lógica da modernidade/colonialidade do século XVI. Para ela, “considera-se que a vontade de saber sobre as línguas no contexto colonial fundamentou, em um só gesto, a conversão religiosa (catequização) e a imposição política – lusitanização” (SEVERO, 2016, p. 13). Sendo assim, a referida autora trabalha com a ideia de que a América e a América Latina são invenções coloniais:

[...] o que significa que as formas de sua discursivização são fortemente afetadas pelo dispositivo colonial (FOUCAULT, 1999b). Tal dispositivo inclui um conjunto amplo e heterogêneo de práticas e discursos que englobam leis, documentos, tratados, cartas, cartografias, relatos de viajantes, crônicas, ilustrações artísticas, anotações de viagem, gramáticas, dicionários, listas de palavras, traduções de textos, invenção/adaptação de alfabetos, entre outros. Trata-se de arsenal discursivo que ajudou a produzir uma visão colonial e colonialista sobre as experiências travadas e vividas na América a partir da perspectiva dos agentes coloniais [...]. (SEVERO, 2016, p. 13)

Com o objetivo de colonizar e evangelizar, Estado e Igreja se uniram no sistema descrito por Mariani (2003) como sistema de padroado, ou seja, “por um lado o papa atribuía à Coroa portuguesa atividades da hierarquia religiosa e as despesas eram tributadas ao Rei; por outro, cabia a Portugal a tarefa de evangelizar os habitantes das terras descobertas”. (MARIANI, 2003, p. 76).

O padroado gerava obrigações e sujeições para ambas as partes: Portugal devia evangelizar, mas o clero ficava submetido ao poder real. A única ordem religiosa que tinha mais independência, mais acesso direto ao Papa e menos subserviência aos reis portugueses, era a Companhia de Jesus. São os jesuítas que, ao longo da história da formação da sociedade colonial, exercerão um papel influente na composição das políticas linguístico-colonizadoras tecidas pelos reis portugueses e pelo Vaticano. [...]. (MARIANI, 2003, p. 76)

Nesse contexto colonial, Mariani (2003) pontua sobre o exercício de uma política unitária de imposição da língua, e como as instâncias de poder concebiam tal política. Para o Estado português a imposição da língua representava “a possibilidade de domesticação e

absorção das diferenças de povos e culturas indígenas que se encontravam fora dos parâmetros do que se entendia como civilização na época” (p. 76), e para a Igreja, a evangelização por meio da “adoção do ‘vernáculo local’ no caso, da utilização do tupi, a língua indígena majoritariamente falada na costa do Brasil”. (MARIANI, 2003, p. 76),

Na prática das políticas linguísticas no “Novo Mundo” sobressaem ações relacionadas a um conceito muito importante para compreender a configuração das línguas no cenário colonial, qual seja, Gramatização. Termo postulado por Sylvain Auroux (1992, p. 65, *apud* Vieira, 2018) entendido como “o processo que conduz a descrever e instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico -- a gramática e o dicionário”. (p. 9).

Orlandi e Guimarães (2001), Pagotto (2001), Mariani (2003), Severo (2016), Vieira (2018), entre outros estudiosos adotam em suas análises a perspectiva teórica de Auroux. Nas palavras de Vieira (2018):

Auroux utiliza a noção de gramatização para explicar o que para ele constituiu a segunda revolução técnico-linguística depois do advento da escrita: a produção massiva de gramáticas de diferentes línguas do mundo, entre os séculos V e XIX, a partir de uma única tradição linguística, isto é, do modelo gramatical greco-latino [...]. (VIEIRA, 2018, p. 9, grifo do autor)

Diante da diversidade linguística no Brasil no período colonial, de acordo com Mariani (2003), os esforços de gramatização centraram-se fundamentalmente na *língua brasílica*, como era chamada a língua geral eleita pelos jesuítas nas primeiras décadas da colonização.

Tanto no caso da coroa portuguesa como no caso da igreja, uma única língua, ou a portuguesa ou a brasílica, era convocada para diluir a diversidade e civilizar os índios. Seja como for, em ambos os casos o objetivo era o mesmo: inscrever o índio como um sujeito colonizado cristão e vassalo de El-Rei a partir do aprendizado e utilização de uma só língua [...]. (MARIANI, 2003, p. 76)

Barros (1995) desenvolve um trabalho no sentido de reconstruir a política linguística da Companhia de Jesus no Brasil no século XVI, a partir de três questões: 1 a identificação do intérprete tupi da missão -- os que eram membros da Companhia de Jesus; 2 a presença de uma tradição de discurso público exortativo (advertência, clamor) tanto entre missionários como entre grupos tupi como estratégia de conversão; e 3 conhecer os espaços de elaboração e difusão de uma escrita colonial tupi através do enfoque do uso colonial da gramática de José Anchieta. E nesse contexto, Barros (1995) faz considerações sobre a elaboração de três gêneros desenvolvidos após a escrita alfabética em terras brasileiras: catecismo, vocabulário e gramáticas. De acordo com Barros (1995), o primeiro gênero a ser elaborado em tupi foi o

catecismo, já os vocabulários foram feitos por iniciativa individual até 1555, para que os jesuítas europeus, a caminho da colônia, pudessem usar como forma de aprendizado. No que diz respeito à produção de gramáticas, nas palavras de Barros (1995, p. 8):

Quanto à gramática, a primeira foi a de Anchieta, escrita entre 1555-56 em São Vicente e publicada em 1595. Uma outra, tupi, foi escrita no século XVII por Luis Figueira, quando o foco da ação jesuítica passou a ser as colônias mais ao norte (Maranhão e Grão Pará). Anchieta, ainda, colaborou com Manuel Viegas na elaboração de uma arte na língua Marominin. (BARROS, 1995, p. 8).

Barros (1995) afirma que a gramática em tupi se constrói paralela ao ensino de latim, pois como sabemos era a língua base para o ensino de língua portuguesa.

A ideia de fazer uma Arte tupi já é mencionada por Navarro em 1553 (Leite, 1950, vol. II, p. 549), porém seu primeiro autor acabou sendo Anchieta, professor de latim em São Vicente. Ele menciona estar trabalhando na Arte em 1555, mas não encontrava ali pessoas que soubessem gramática, que pudessem fazer uso da obra, apenas os que chegassem da Metrópole com conhecimento de latim. (BARROS, 1995, p. 8)

Barros (1995) complementa afirmando que “a primeira gramática tupi (1555) foi contemporânea à primeira gramática do português (1536). A proliferação de gramáticas no século XVI foi um sinal da ideologia das letras, que tornou o latim modelo universal” (BARROS, 1995, p. 8).

Seguindo a mesma linha, Vieira (2015) chama atenção para o termo “Arte” nos títulos das gramáticas em vernáculo brasileiro no período colonial, enquanto herança greco-romana:

Vale dizer que a palavra ‘arte’ [*tékhne*], utilizada e difundida posteriormente pelos romanos [*ars*], fora recorrente nos títulos de muitas gramáticas ocidentais ao longo da história, inclusive no que diz respeito às gramáticas do vernáculo brasileiro do período colonial, como a Arte da Grammatica da Lingo a mais usada na Costa do Brasil, do Pe. José de Anchieta (escrita em 1554-1556 e publicada em 1595, em Coimbra), e a Arte da língua brasilica, do Pe. Luís Figueira (1621) [...]. (VIEIRA, 2015, p. 86).

No que diz respeito à elaboração de dicionários, Prudente (2017) desenvolveu pesquisa com foco na política linguística da Companhia de Jesus e do governo português para o Estado do Grão-Pará e Maranhão, tendo como objeto o processo de produção de três dicionários em Língua Geral (“Dicionário de 1756”, “Prosódia” e “Vocabulário da língua Brazil”) redigidos por jesuítas originários da Europa Central que atuaram na região amazônica no contexto das reformas pombalinas na década de 1750. De acordo com o referido autor, o dicionário de 1756 se soma a pelo menos dez dicionários manuscritos em Língua Geral, e que hoje estão em bibliotecas portuguesas, britânicas e brasileiras.

É importante ressaltar aqui o valor pedagógico das obras produzidas em Língua Geral, embora fossem voltados para “os padres do reino” (BARROS, 1995), e que a gramática era a estratégia de aprendizado da língua para os membros vindos da metrópole com uma forte formação literária (FIGUEIRA, 1878, *apud* BARROS 1995). E, a gramática de Anchieta deu ensejo à institucionalização do tupi como matéria de ensino nos colégios (LEITE, 1950. vol. II, p. 561 *apud* BARROS, 1995). Fato ocorrido até a Coroa se opor ao uso da Língua Geral, posicionando-se via expressa por meio do Diretório dos Índios, de 1757.

De acordo com Faraco (2016, p. 98), "a questão linguística é tema do parágrafo 6 do Diretório, em meio a um conjunto de medidas constitutivas do processo de inclusão dos índios na nova ordem colonial". Quanto a essa fase, Severo (2016) ressalta que

a expulsão da Companhia de Jesus por Marquês de Pombal foi fruto de um processo de racionalização do Estado português; paralelamente, foi nesse mesmo período que a língua portuguesa foi oficializada no Brasil pelo Diretório dos Índios, em 1759, juntamente com a instauração do ensino laico. Os jesuítas foram expulsos das colônias espanholas em 1767. (SEVERO, 2016, p. 6).

Faraco (2016) acrescenta que as políticas linguísticas da Coroa portuguesa para as suas colônias foram bastante frouxas até meados do século XVIII, citando Mariani (2004), “trata-se de uma legislação oscilante, que ora enfatiza o ensino do português, ora incentiva o conhecimento da língua geral, salomanicamente, tenta conciliar as duas” (MARIANI, 2004, p. 133 *apud* FARACO, 2016, p.100).

A questão é que a política linguística implantada por Marquês de Pombal foi responsável por um imaginário monolíngue, embora isso não ocorresse na prática, pois houve a tendência ao bilinguismo como afirma Faraco (2016) e foi “preciso mais de um século ainda depois do Diretório para que o português se tornasse, em decorrência de vários fatores socioeconômicos, efetivamente a língua hegemônica na Amazônia”. (p. 101). Aos poucos a língua lusitana vai predominando em solo brasileiro, com as devidas políticas de silenciamento dos nativos, pois como acrescenta o autor, “[...] Marginalizados e depreciados seus falantes, a sociedade progressivamente deixou de ouvir suas vozes, tidas como bárbaras e inferiores [...]”. (FARACO, 2016, p. 101)

Na confluência de tais acontecimentos históricos, com políticas de apagamento e silenciamento de línguas no mesmo espaço geográfico, vão se construindo as percepções e o imaginário sobre línguas, sejam maternas, sejam do cotidiano em trocas comerciais ou afetivas, escolares/disciplinares ou estrangeiras, na complexidade dos usos linguísticos, uma vez que a comunidade linguística idealiza formas de comportamento linguístico baseadas no que

aprenderam como sendo visões corretas de uso conforme as noções de norma instituída socialmente a partir de forças políticas e ideológicas.

3.2 A construção discursiva do português brasileiro a partir das noções de norma e gramática

A seção anterior é imprescindível para compreender como foram se construindo os saberes sobre a LP ao longo do tempo. Primeiro por considerar a língua em evolução, logo, em movimento, passível de mudanças. Segundo por entender que fatores culturais, políticos e econômicos no território brasileiro foram decisivos para estabelecer as ideias correntes. É nessa perspectiva sociohistórica que vamos delinear as noções de norma e gramática

Bastante discutida nos cursos de Letras, a noção de norma ainda se apresenta, de forma geral, ambígua, isso porque, normalmente, a relacionam com a norma culta, que se confunde com a norma-padrão (FARACO, 2012), que por sua vez, também é uma noção que gera muitas reflexões, tendo em vista a dimensão e variedade linguística do Brasil e os critérios para determinar o que é padrão. A questão é que, segundo Coelho, Monguilhott e Severo (2014), “a cada época normas vernaculares e normas cultas competem com normas do passado, como se existissem diferentes normas ou gramáticas em competição em um mesmo período de tempo”. Para as estudiosas, o conceito de norma é polissêmico e polêmico por envolver diferentes variáveis e motivações, como por exemplo, a política, pois

se elege uma dada forma de escrever e falar como representativa de uma determinada identidade nacional. Contudo, esse gesto produz efeitos ideológicos, instaurando, por exemplo, avaliações pejorativas e preconceituosas sobre os usos linguísticos, como as ideias de “certo e errado” ou “belo e feio. (COELHO, MONGUILHOTT e SEVERO, 2014, p. 7)

Para Lucchesi (2012), o conceito de norma tem papel importante para os padrões habituais e coletivos de comportamento linguístico, pois definem tanto os grupos dentro de comunidades de fala quanto a posição do indivíduo dentro dos diversos estratos sociais. De acordo com o autor, a realidade linguística brasileira não é apenas heterogênea, mas também polarizada, definida dentro de dois sistemas igualmente heterogêneos e variáveis: a norma culta e a norma vernacular ou popular.

Numa perspectiva histórica, a polarização de tais normas remonta a atenção dada às línguas em contato em solo brasileiro, como vimos anteriormente, inclusive por meio de documentos oficiais, a exemplo do Diretório dos Índios que oficializou as diferenças sociais

entre índios e negros, dando àqueles a condição de vassalo e a este o estatuto de escravos, conforme salientam Coelho, Monguilhott e Severo (2014). Acrescenta-se a isso a formação de uma classe de elite composta por imigrantes portugueses que ocuparam predominantemente as escolas, e ao redor dela (elite), “elementos marginalizados, que não tinham acesso aos ambientes de ensino e que tinham conhecimento rudimentar da língua portuguesa” (OLIVEIRA, 2009, *apud* COELHO, MONGUILHOTT e SEVERO, 2014, p. 19).

Coelho, Monguilhott e Severo (2014) acrescentam que a instituição da norma popular e da norma culta faz parte de um processo que envolve pelo menos dois percursos sociohistórico, o primeiro defendido pela hipótese de criouliização (LUCCHESI, BAXTER e RIBEIRO, 2009), isto é, que o português brasileiro é resultado de um processo entendido como efeito do contato entre o português europeu e a aprendizagem irregular da língua portuguesa pelos africanos; e o segundo diz respeito à deriva secular (SCHERRE e NARO, 2007), em outros termos, os autores dessa hipótese, embora reconheçam a importância desse processo, defendem que as mudanças sofridas pelo português popular no Brasil não decorrem de um processo de criouliização, mas da própria dinâmica histórica da língua portuguesa.

Evidentemente que há mais fatores envolvidos nas questões da norma para além da polarização. O fato é que herdamos dos desdobramentos históricos normas linguísticas baseadas em avaliações estereotipadas a partir de prescrição de regras gramaticais bem distanciada dos falares populares.

Faraco (2002) aceita o conceito técnico de que os grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que são de uso comum, que caracterizaria o que se chama de *norma linguística*. Assim, de acordo com o autor, uma sociedade diversificada e estratificada como a brasileira haverá inúmeras normas linguísticas, como por exemplo, a norma de comunidades rurais tradicionais, de grupos juvenis urbanos ou de populações periféricas, ou ainda informal de classe média urbana e assim por diante.

Faraco (2002) acrescenta que a norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas. Daí termos normas prestigiadas socialmente e outras nem tanto, uma vez que as normas usadas por comunidade em contextos formais de fala ou escrita e próximas à cultura letrada (norma culta) foram historicamente colocadas em posição superior às usadas por grupos “incultos” e “ignorantes”.

É nesse contexto que retomamos os apontamentos de Castilho (1978)¹³, em que o autor aborda o problema da variação linguística, o conceito de norma e o tratamento que o ensino institucionalizado da língua portuguesa tem dado à variação linguística.

Para Castilho (2002), há um conceito amplo e um conceito estrito de norma. De forma ampla, é um fator de coesão social; estritamente, corresponde aos usos e aspirações da classe social de prestígio. Como exemplo do primeiro conceito, Castilho (2002) afirma que a pressão social é responsável por unificar os traços culturais e identitários de um grupo quando por exemplo corrige a linguagem infantil, para ajustar a fala da criança ao que é considerado pela comunidade. E no sentido restrito, o autor afirma tratar-se das “regras do uso bom”, e completa com a distinção, dentro do conceito restrito, entre a norma objetiva, a norma subjetiva e a norma prescritiva.

a) Norma objetiva, explícita ou padrão real é a linguagem efetivamente praticada pela classe social de prestígio, que se podia identificar no Brasil de hoje com a chamada classe culta, escolarizada. Trata-se de um dialeto social que em si nada tem de “melhor” em relação aos demais, decorrendo seu prestígio unicamente da importância da classe social a que corresponde.

b) Norma objetiva, implícita ou padrão ideal é a atitude que o falante assume perante a norma objetiva, fato que podemos avaliar por meio de testes especiais. Essa atitude corresponde ao que a comunidade linguística “espera que as pessoas façam ou digam em determinadas situações” (RODRIGUES, 1968, p. 43). Naturalmente, as atitudes flutuam em razão do nível social dos indivíduos quem compõem a comunidade. Os testes de avaliação das atitudes sociais perante a linguagem são mencionados em W. Labov (1970, p. 50) e têm sido aplicados aos portugueses do Brasil por Brian F. Head (1973 e 1975a) e Paulino Vandresen (1997).

c) Norma prescritiva: decorre da combinação da norma objetiva com a norma subjetiva. Por outras palavras, merecem ser ensinados os usos linguística de uma classe prestigiada considerados mais adequados a cada situação e melhor identificados com o ideal de perfeição linguística. É em nome do caráter unificador da norma prescritiva que se pode aceitar sua feição impositiva. Toda a sua autoridade “decorre das próprias regras sociais”, como acentua Alain Rey (1972, 12). (CASTILHO, 1977. In: Bagno, 2002, pp. 27-28)

Os conceitos de norma em sentido restrito apresentado por Castilho (2002) fazem parte de um movimento relacionado à valorização do uso da língua em contextos formais de fala e escrita, e aproxima-se à noção de *norma culta* defendido por Faraco (2002) que, por sua vez, não pode ser confundida com *norma-padrão*.

De acordo com Faraco (2002), a expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada em determinadas situações com certo grau de

¹³ Trata-se do texto *Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa* apresentado no Simpósio sobre Língua Portuguesa e Sociedade Brasileira – XXIX Reunião Anual da SBPC (São Paulo, 1997) e publicado originalmente em Caderno de Estudos Linguísticos, nº I, 1978). In: BAGNO, M. (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

formalidade por grupos imersos na cultura da escrita, em especial aqueles legitimados historicamente que controlam o poder social. Já norma-padrão, “ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística buscando neutralizar a variação e controlar a mudança” (FARACO, 2002, p. 38). Para o autor, o resultado desse processo que chamamos *norma padrão* ou *língua-padrão*.

Faraco (2002) ressalta que o padrão, embora não se confunda com a norma culta, está mais próximo dela do que das demais normas, pois os codificadores e os que assumem o papel de guardiões são os usuários da língua culta, e que de uma certa forma, influenciam sobremaneira em termos de valores sociais a relação entre os sujeitos brasileiros com o seu idioma, ao passo que se cria mecanismos ou formas institucionais para perpetuar determinadas normas em detrimento de outras, a partir do que Orlandi e Guimarães (1998) chamam de “lugares de representação dos saberes (escola, gramática, manuais, literatura) em nossa sociedade”(ORLANDI E GUIMARÃES [1998], *apud* LAGAZZI-RODRIGUES, 2002, p.15).

No que diz respeito à gramática, Moura Neves (2009) faz uma observação quanto à necessidade de especificar exatamente o que se fala quando se trata de gramática, uma vez que para a autora, “é possível ir desde a ideia de gramática como mecanismo geral que organiza as línguas até a ideia de gramática como ‘disciplina’” (MOURA NEVES, 2009, p. 29). E no último caso, envolve múltiplas noções, e ainda, como as noções se apresentam em várias perspectivas como no modelo normativo puro, ou no estruturalismo, gerativismo e assim por diante.

Savioli (2014), em referência ao ensino de LP no Brasil nos últimos cinquenta anos, identifica três estágios distintos marcados pela publicação de gramáticas de base linguística, a exemplo da produção do professor Evanildo Bechara de 1961. O 1º estágio – entre meados de 1960 e fins de 1970 – “é o momento mais inexpressivo do ensino de gramática. Era uma matéria (o nome na época) como outras da vida escolar: autônoma, permeada de descrições muito pouco explicativas dos fenômenos, prescristivista, enfadonha. (SAVIOLI, 2014, p. 136). No 2º estágio, de acordo com o autor, é um período de transição e de contraste. Situado no intervalo entre as décadas de 80 e fins dos anos 90, e “com cursos de linguística implantados em instituições de ensino superior e professores capacitados, consolidou-se uma reação contra o estado de coisas característico do estágio anterior”, isso porque, segundo Savioli (2014), já havia crítica a gramáticas tradicionais na década de 1970 e propostas de superação. E nesta fase “começaram a surgir gramáticas inspiradas nas novas conquistas teóricas da linguística e dos

estudos de linguagem em geral (SAVIOLI, 2014, p.139). O autor acrescenta que no intervalo entre 1980 a 2000 aproximadamente, houve um avanço sensível na produção acadêmica no sentido de considerar a língua em funcionamento. No 3º estágio, a partir do ano 2000, conforme o autor, os fundamentos teóricos das gramáticas de base linguística foram acolhidos com entusiasmo por grande parte dos responsáveis pelo ensino de LP. Savioli (2014) pondera que o período gestacional das críticas efetuadas nos anos de 1960 foi completado, e assim, duas condições explicam a aceitação de tantas obras inovadoras: a exaustão do material e a convergência de bons artífices,

Os modelos de abordagem da língua pelas gramáticas circulantes se esgotaram e criaram grande expectativa por propostas renovadoras que fossem, ao mesmo tempo, acessíveis à competência interpretativa dos professores. Em contrapartida, como que atendendo aos apelos dos educadores, vários acadêmicos se mobilizaram e trouxeram à luz as obras demandadas, dando, pela variedade de ofertas, alternativas para gostos distintos [...]. (SAVIOLI, 2014, p.144)

Vieira (2015, 2018)¹⁴, que também estudou gramáticas brasileiras contemporâneas, tem um posicionamento um pouco diferente. A partir do conceito de Paradigma Tradicional de Gramatização (PTG), Vieira (2018) defende a tese de que a história da Gramática Tradicional equivale à história do PTG, noção relacionada à constituição, difusão e permanência da doutrina gramatical na cultura linguística do Ocidente, tendo como suporte teórico Aurox (1965).

O PTG se constitui a partir de uma ramificação dos estudos linguísticos oriundos da filosofia grega clássica e se tornou o mentor teórico-metodológico e socioideológico do que tradicionalmente vem se entendendo por gramáticas desde os gramáticos alexandrinos da Antiguidade aos gramáticos brasileiros hoje. (VIEIRA, 2018, p. 10)

Ao abordar as gramáticas do século XX, Vieira (2018) salienta os postulados da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) enquanto documento oficial do Ministério da Educação e Cultura de 1958, bem como a publicação da Nomenclatura Gramatical Portuguesa (NGP), no sentido de mostrar a influência na produção das gramáticas a partir de então e a política de aproximação entre as duas nomenclaturas.

Após essa fase, Vieira (2018) se propõe a analisar várias gramáticas importantes para o contexto político-pedagógico, tais como a *Gramática metódica da língua portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida, de 1944, com muitas edições no mercado brasileiro, e segundo

¹⁴ A referência Vieira (2018) é resultado da parte da tese de doutoramento de Francisco Eduardo Vieira da Silva intitulada *Gramáticas brasileiras contemporâneas do português: linhas de continuidade e movimentos de ruptura com o paradigma tradicional de gramatização*. Recife, 2015.

o autor, “até agora, completa mais de setenta anos de circulação e reafirmação dos traços mais conservadores do PTG”. (VIEIRA, 2018, p. 195)

No mesmo caminho de Napoleão Mendes de Almeida, Vieira (2018) cita Rocha Lima, com a obra *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de 1957, também com forte presença do PTG, assim como *A Moderna gramática expositiva da língua Portuguesa*, de 1959, de autoria de Artur de Almeida Torres, que também trabalhou na elaboração da NGB.

Outros nomes são citados por Vieira (2018), como Gladstone Chaves de Melo, com a *Gramática fundamental da língua portuguesa*, de 1967, a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* de Domingos Paschoal Cegalla, de 1962, e a *Nova Gramática do português contemporâneo*, elaborada pelo brasileiro Celso Ferreira da Cunha e o português Luis Felipe Lindley Cintra, além de *Moderna gramática portuguesa*, 1999, de Evanildo Bechara. Para melhor exposição da análise de tais obras, Vieira (2015) postula:

Não há por que não dizer que, das últimas décadas do século XIX à primeira década do século XXI, houve manutenção epistemológica em nossa produção gramatical. Os gramáticos brasileiros, em geral, embora escrevessem suas gramáticas destinadas a brasileiros, também tiveram como objetivo auxiliar no aperfeiçoamento do uso da língua de acordo com o modelo português, que ditava o falar e o escrever “certos”. Essa atitude permaneceu nas gramáticas produzidas no Brasil ao longo do século XX e chegou, inclusive, às atuais referências normativas em várias instâncias (inclusive na escolar), como as já citadas Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2008), Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara (2009), e Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Rocha Lima (2010). Em sua essência, tais gramáticas, apesar de suas últimas edições datarem do século XXI, atuam sob o prisma da doutrina gramatical greco-romana, compartilhando os mesmos princípios e procedimentos que caracterizaram o processo de gramatização do português há quase quinhentos anos e elegendo a norma-padrão lusitana como o modelo de língua prescrito [...]. (VIEIRA, 2015, p. 183-184)

Na proposta de Vieira (2015) aparecem outras gramáticas elaboradas por autores brasileiros, inclusive aqueles que se propõem à análise gramatical com viés linguístico, ou seja, com o objetivo de mostrar questões e exames reflexivos dos fenômenos linguísticos, ou melhor, linguistas brasileiros que produziram gramáticas sob a perspectiva não doutrinária, a exemplo da obra de Moura Neves (2000), e Castilho (2010), embora essas duas não fizeram parte do *corpus*, como lembrado nas considerações finais da tese, e sim Azeredo (2008), Ferrarezi Júnior e Teles (2008), Perini (2016), Bagno (2012) e Vitral (2017).

Dessa forma, das produções brasileiras analisadas por Vieira (2015 e 2018), pode-se dizer que há ainda uma forte presença de valores gramaticais normativos, ainda que os objetivos da proposta sejam baseados nos estudos científicos da ciência da linguagem, como observou o próprio estudioso ao afirmar que as gramáticas elaboradas por autores brasileiros “[...] oscilam entre movimentos de ruptura e linhas de continuidade no tangente às suas

demandas e propósitos sociais, às suas concepções teóricas e configurações metodológicas, ao seu arcabouço descritivo, categorial e conceitual e à sua língua gramatizada” (VIEIRA, 2015), e ainda,

todavia, na contramão do que inicialmente supus, os resultados das análises empreendidas me levam a afirmar que não há exatamente um novo paradigma de gramatização em vigor, mas sim o esgarçamento do PTG – paradigma ocidental hegemônico por mais de dois mil anos – e a elaboração inaugural de novas gramáticas à luz de novas frentes de gramatização ainda embrionárias, que buscam atender às demandas da virada linguística. Friso que os pontos fortes e fracos dessas novas gramáticas nem sempre correspondem, respectivamente, aos seus conjuntos de rupturas e continuidades. (VIEIRA, 2015, p. 416)

É nesse contexto que as RS sobre língua, norma e gramática vão se delineando no seio social, principalmente nos espaços educacionais e por instituições responsáveis pelo trabalho com o ensino de língua materna.

Dessa forma, as escolas, de forma geral, devolvem à sociedade um conjunto de saberes baseado em práticas pedagógicas tradicionais, desvalorizando os falares populares e supervalorizando normas de uma minoria elitizada.

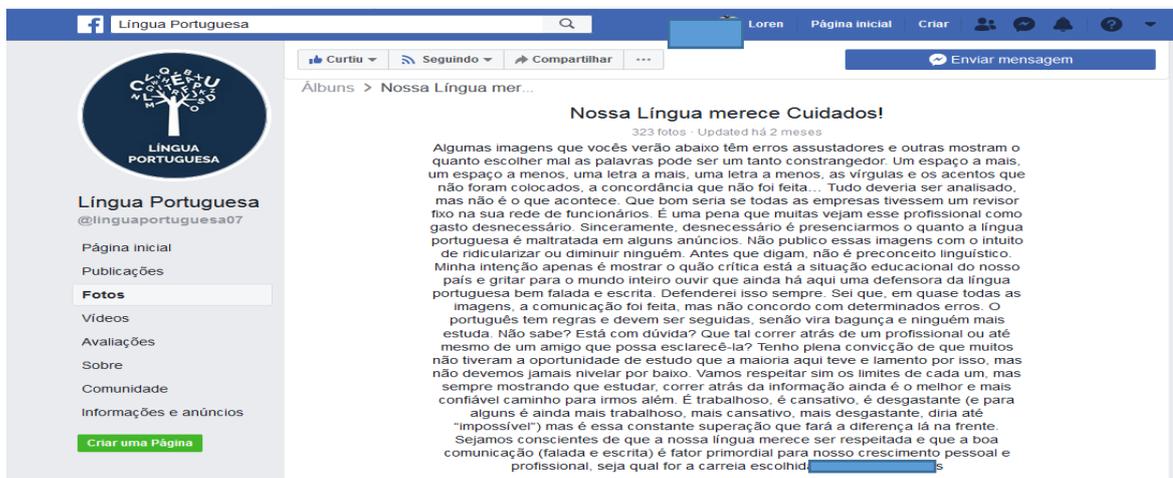
CAPÍTULO 4 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO FACEBOOK

Neste capítulo, procederemos à análise dos dados coletados na página *Língua Portuguesa*. Dividimos em dois momentos, inicialmente mostraremos como a página seleciona os conteúdos e se posiciona diante deles, e para isso, capturamos nove (09) *prints* (um álbum específico e outros *posts* aleatórios). Em seguida, passaremos a analisar as RS inferidas a partir de *posts* e comentários em sete (07) *prints*, e categorizadas com base em dimensões internas de representação e temáticas (SPINK,1994).

4.1 Perfil representacional da página *Língua Portuguesa*

Neste momento, vamos traçar um perfil geral da página objeto de análise, com a finalidade de apreendê-la em termos representacionais. Sendo assim, faremos a reflexão a partir da descrição do primeiro álbum publicado, chamado *Nossa Língua merece Cuidados!* que contém mais de 300 imagens similares (figuras 3 e 4).

Figura 3 - Descrição do álbum “Nossa Língua merece Cuidados”!



Fonte: < https://www.facebook.com/pg/linguaportuguesa07/photos/?tab=album&album_id=272563609424284>. Acesso em 30 abr.2019.

Quadro 1 - Texto do álbum “Nossa Língua merece Cuidados!”

Algumas imagens que vocês verão abaixo têm erros assustadores e outras mostram o quanto escolher mal as palavras pode ser um tanto constrangedor. Um espaço a mais, um espaço a menos, uma letra a mais, uma letra a menos, as vírgulas e os acentos que não foram colocados, a concordância que não foi feita... Tudo deveria ser analisado, mas não é o que acontece. Que bom seria se todas as empresas tivessem um revisor fixo na sua rede de funcionários. É uma pena que muitas vejam esse profissional como gasto desnecessário. Sinceramente, desnecessário é presenciarmos o quanto a língua portuguesa é maltratada em alguns anúncios. Não publico essas imagens com o intuito de ridicularizar ou diminuir ninguém. Antes que digam, não é preconceito

linguístico. Minha intenção apenas é mostrar o quão crítica está a situação educacional do nosso país e gritar para o mundo inteiro ouvir que ainda há aqui uma defensora da língua portuguesa bem falada e escrita. Defenderei isso sempre. Sei que, em quase todas as imagens, a comunicação foi feita, mas não concordo com determinados erros. O português tem regras e devem ser seguidas, senão vira bagunça e ninguém mais estuda. Não sabe? Está com dúvida? Que tal correr atrás de um profissional ou até mesmo de um amigo que possa esclarecê-la? Tenho plena convicção de que muitos não tiveram a oportunidade de estudo que a maioria aqui teve e lamento por isso, mas não devemos jamais nivelar por baixo. Vamos respeitar sim os limites de cada um, mas sempre mostrando que estudar, correr atrás da informação ainda é o melhor e mais confiável caminho para irmos além. É trabalhoso, é cansativo, é desgastante (e para alguns é ainda mais trabalhoso, mais cansativo, mais desgastante, diria até “impossível”), mas é essa constante superação que fará a diferença lá na frente. Sejam conscientes de que a nossa língua merece ser respeitada e que a boa comunicação (falada e escrita) é fator primordial para nosso crescimento pessoal e profissional, seja qual for a carreira escolhida. [...].

Fonte: <https://www.facebook.com/pg/linguaportuguesa07/photos/?tab=album&album_id=272563609424284>. Acesso em 30 abr.2019. (323 fotos. Updated há dois meses)

Figura 4- Exemplos de *post* do álbum “Nossa Língua merece Cuidados!”



Fonte: <https://www.facebook.com/pg/linguaportuguesa07/photos/?tab=album&album_id=272563609424284>. Acesso em 30 abr. 2019.

A postura da página sobre LP é conservadora e normativista. Como um todo o texto é uma justificativa/defesa para a existência do álbum, este constituído por registros de textos em diversos suportes como placas, muros, faixas, carrinhos de vendas e/ou anúncios em várias partes do Brasil. Não temos como saber se foi escrito em 2011, no início da página, ou recentemente, a informação é que o álbum foi modificado dois meses antes dos *prints*, mas isso também não muda o posicionamento discursivo diante dos conteúdos pulicados há mais de sete anos, uma vez que os flagrantes desvio ortográficos fotografados pelas ruas do país, da forma como são tratados, isto é, sem discussões ou reflexões dos fenômenos linguísticos, são vistos não como manifestação popular da língua, mas como uma ofensa à “verdadeira LP”, um desrespeito à “última flor do Lácio”.

Selecionamos e grifamos (quadro 2) trechos da descrição do álbum em análise, com o objetivo de refletir sobre a postura da página e captar temas relacionados ao uso da LP.

Quadro 2 -Posicionamentos do álbum Nossa Língua merece cuidados!

“Nossa Língua **merece Cuidados!**”
 “[...] **erros assustadores** e outras mostram o quanto **escolher mal as palavras** pode ser um tanto **constrangedor [...]**”.
 “[...] o quanto a língua portuguesa **é maltratada** em alguns anúncios”.
 “[...] Não publico essas imagens com o **intuito de ridicularizar ou diminuir ninguém. Antes que digam, não é preconceito linguístico [...]**”.
 “[...] Minha **intenção** apenas é mostrar o **quão crítica está a situação educacional do nosso país e gritar para o mundo inteiro ouvir que ainda há aqui uma defensora** da língua portuguesa **bem falada e escrita [...]**”.
 “[...] **Defenderei** isso sempre. Sei que, em quase todas as imagens, a comunicação foi feita, mas **não concordo** com determinados erros [...]”.
 “O português tem **regras** e **devem** ser seguidas, senão **vira bagunça e ninguém mais estuda**”.
 “[...] não devemos jamais **nivelar por baixo [...]**”.
 “Sejamos **conscientes** de que a nossa língua **merece ser respeitada** e que a boa comunicação (falada e escrita) é fator primordial **para nosso crescimento pessoal e profissional**, seja qual for a carreira escolhida”.

A escolha do léxico reflete um posicionamento contundente e um tanto passional do enunciador (1ª pessoa do singular) frente a algumas noções de LP. Inicialmente, se há uma língua que merece “cuidados”, como propõe o título do álbum, temos uma língua “descuidada”, sendo assim, questionamos: Há quantas línguas portuguesas? Quem fala e escreve a língua “cuidada”? Que língua é essa bem falada e bem escrita e de acordo com que regras? Quem são os sujeitos que “maltratam” a língua com erros assustadores? Há preconceito linguístico? Quem são os “defensores” do idioma? Que competência linguística deve ser desenvolvida para uma boa comunicação falada e escrita? O crescimento profissional e pessoal está relacionado ao “bom uso da língua”?

Já falamos que a postura da página é conservadora quanto à noção de língua, defende a GN como caminho ideal a ser seguido, amenizando todas as contradições históricas e sociais da realidade educacional brasileira, embora em algumas postagens apareçam menções à Linguística.

Bezerra e Pimentel (2016) investigaram a mesma página, mas sob a perspectiva do normativismo linguístico a partir da relação com as práticas de escrita no ambiente digital. O artigo apresenta uma relevante análise para nossa pesquisa, uma vez que aborda, em caráter exploratório e qualitativo e com viés sociolinguístico, postagens e comentários dos usuários, e concluíram,

Observamos que o normativismo linguístico nas redes sociais digitais, exemplificadas pelo *Facebook*, opera em páginas como *Língua Portuguesa* no sentido de manter e reforçar velhas concepções de língua/linguagem alinhadas com a tradição gramatical. De um modo geral, pode-se afirmar que a língua é, nesse contexto, identificada com a norma padrão, a ponto de ser designada como “língua padrão”. Essa variedade

idealizada, portanto, é tomada como a língua legítima, e o “português popular” é tratado como algo menor cuja legitimidade no máximo será relegada à oralidade. (BEZERRA e PIMENTEL, 2016, p. 752)

As fórmulas rápidas, as famosas “dicas de português”, “não erre mais” ou “fale/escreva assim”, são muito presentes nas postagens. Entendemos que essa linguagem imediatista dos manuais utilizados em cursinhos pré-vestibulares ou preparatório para concurso público (figuras 5, 6, 7, 8) corresponde a uma expectativa da sociedade em buscar melhores condições de vida, tendo em vista as exigências mercadológicas competitivas.

Figura 5 - Dicas gramaticais 1

Se quando eu venho,
eu venho **da**, quando
vou, craseio o **a**.

Se quando eu venho,
eu venho **de**, colocar
crase pra quê?

Vou à Espanha. (Venho **da** Espanha.) Vou a Barcelona. (Venho **de** Barcelona.)
Vou à França. (Venho **da** França.) Vou a Manaus. (Venho **de** Manaus.)
Vou à padaria. (Venho **da** padaria.) Vou a Fortaleza. (Venho **de** Fortaleza.)

Curtir Comentar Compartilhar Opções Enviar no Mes

Fonte: <<https://bit.ly/2Wltpjg>>. Acesso em 07 set. 2019.

Figura 6 - Dicas gramaticais 2

Dicas de Português

Não estou **a fim de** viajar com pessoas que não conheço.
Ela sempre **traz** os relatórios para a gerência.
A letra desta música não tem **nada a ver** comigo.
O horário do almoço é meio-dia e **meia**.
Ele comprou a casa **a prazo** e ela comprou o carro **à vista**.
Eles estão **meio** cansados e elas estão **meio** irritadas.
Haja vista o ocorrido, não irei trabalhar.
Que **seja** eterno enquanto dure.
Comprei o vestido **para eu** usar na festa.
Não há mais nada **entre mim e você**.
Minha filha está **menos** resfriada hoje.
É uma hora da tarde!
Faz zero **grau** no Canadá.
O serviço engloba entrega **em domicílio**.
A partir de novembro, estarei de férias.
A decisão foi tomada **em nível de** direção, não cabe recurso.
A meu ver essas dicas são valiosíssimas.

Figura: Português - Cda

Fonte: <<https://bit.ly/3di0jkG>>. Acesso em 07 set. 2019.

Figura 7- Dicas gramaticais 3

"Menas" não existe!

Quero **menos** feijão.
Preciso comer **menos** comida.
Tenho **menos** roupas do que minha irmã.
Teremos **menos** chances futuramente.
Houve **menos** reclamações na reunião.

"Menos" é uma palavra invariável, ou seja, não há flexão em gênero (masculino e feminino) e em número (singular e plural).

Figura: Português - Cda

Fonte: <<https://bit.ly/2Jbfeix>>. Acesso em 24 set. 2018.

Figura 8 - Dicas gramaticais 4

"Português se torna o vilão dos concursos públicos. Num momento em que as pessoas leem menos e escrevem menos, seleções priorizam entendimento do idioma. Hoje, a língua portuguesa é a responsável pela maioria das reprovações."

Figura: Português - Frederick

Fonte: <<https://bit.ly/2xacxLI>>. Acesso em 21 set. 2018.

As RS subjacentes ao imaginário coletivo em tais postagens estão relacionadas à ideia de que o “português correto” garante acesso a posições e a lugares prestigiados socialmente, isso porque boa parte da população acredita que não “domina” o seu idioma e que por isso precisa estudá-lo para se submeter a exames e avaliações que cobram, na sua maioria,

regras da gramática normativa em LP, assim, na concepção de maioria, a norma culta é a garantia de uma “vida melhor”. Lembrando que estamos falando de um país marcado pela desigualdade social e a entrada em um curso superior ou concurso público é privilégio.

Bagno (2002) aborda o assunto no Mito 8 “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social” que, para o autor, está relacionado a sérias questões sociais.

Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. [...] (BAGNO, 2002, p. 69)

As RS são ditas e repetidas constantemente e se naturalizam na superfície dos dizeres, mas é abaixo dessa camada discursiva que se encontram as contradições, os conflitos ideológicos e as relações de poder constituídos a partir de demandas históricas e políticas, como pontua Bagno (2002),

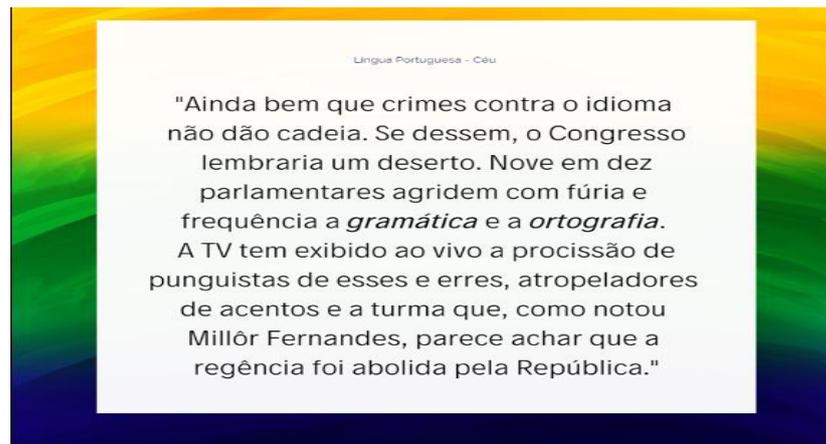
[...] O domínio da norma culta de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados, à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida e a de seus concidadãos. O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente, a uma pessoa que viva numa zona rural onde um punhado de senhores feudais controlam extensões gigantescas de terra fértil, enquanto milhões de famílias de lavradores sem-terra não têm o que comer. ((BAGNO, 2002, p. 70)

Um fato que nos chamou atenção foi a volta de alguns *posts* polêmicos, como já anunciava Faraco (2002), ao falar sobre o eterno retorno, a exemplo das figuras 9 e 10, postadas pelo menos duas vezes, com a diferença de quatro anos, 2015 e 2019 respectivamente, mesmo após críticas e debates acirrados sobre o conteúdo das publicações.

Figura 9 - Crimes contra o idioma 1

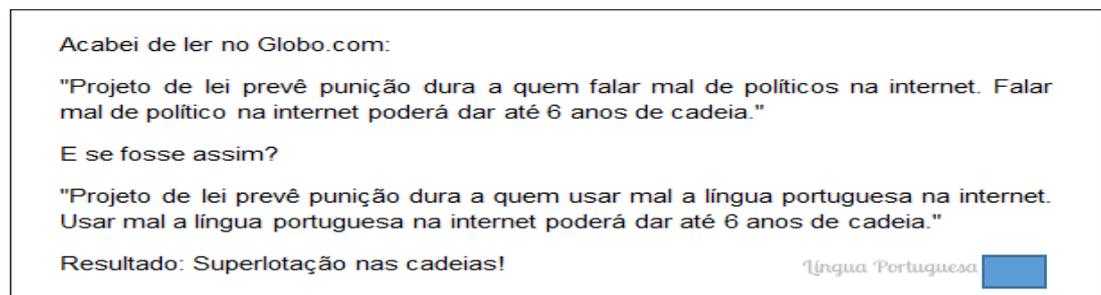


Fonte: <<https://bit.ly/33A6AUt>>. Acesso em 24 set. 2018.

Figura 10 - Crimes contra o idioma 2

Fonte: < <https://bit.ly/2WySxg8>>. Acesso em 07 set.2019.

Aparentemente, não houve uma reflexão, logo, não houve mudança de posicionamento por parte da página, muito pelo contrário, o conteúdo passou por um processo de elaboração, dando origem a uma paráfrase, como podemos observar na figura 11.

Figura 11 - Crimes contra o idioma 3

Fonte: < <https://bit.ly/2QAmiZ>>. Acesso em 24 set. 2018.

O discurso alarmista e ao mesmo tempo punitivista remete a um conjunto de valores éticos e morais a partir de RS baseadas no domínio da criminalidade e ainda no poder coercitivo do Estado. Além disso, a presença do componente semiótico que, embora não esteja no escopo de nossas investigações, é muito significativo em termos representacionais, uma vez que as imagens 9 e 10 carregam uma forte ligação com a simbologia de determinadas noções de patriotismo e nacionalismo referentes às cores verde e amarela da bandeira do Brasil e da arquitetura da cidade de Brasília, onde estão os três poderes políticos, Executivo, Legislativo e Judiciário na estrutura e organização do sistema democrático do país.

É nítida a supervalorização da GN na página *Lingua Portuguesa*. De um lado temos os esquemas rápidos de memorização e macetes das regras gramaticais. De outro, o tom legislador

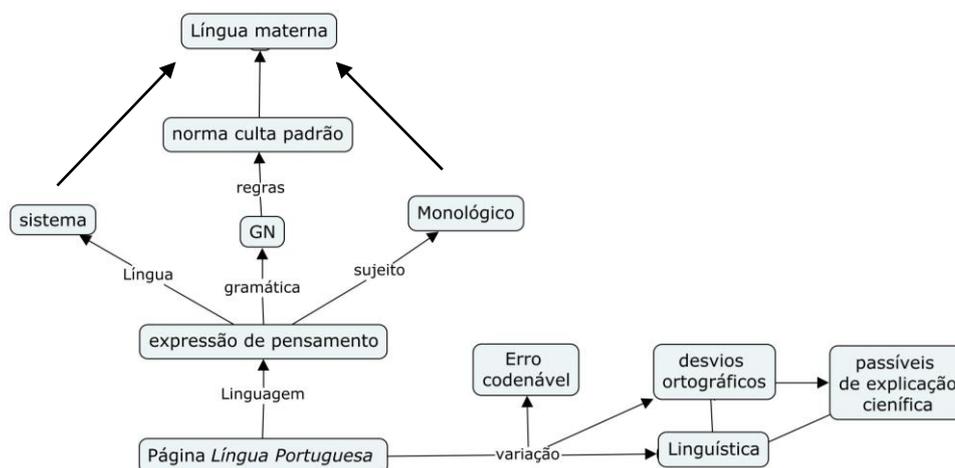
e coercitivo aplicado àqueles que não usam a língua conforme a norma culta padrão, que por sua vez “merecem” cadeia ou prisão, comportamento típico dos que se julgam donos da língua. Para melhor visualizar as posições da página, elaboramos os tópicos de análise abaixo (Quadro 3), com objetivo de mapear as RS sobre LP.

Quadro 3 - Posicionamento da Página *Língua Portuguesa*

Noções	Posicionamentos
Língua/ Linguagem	A linguagem é expressão do pensamento. A língua é um sistema abstrato, ideal. A língua portuguesa é a norma culta padrão.
Gramática	Conjunto de regras a ser seguido. Normas do “bem dizer e bem escrever”, de acordo com a GN.
Regras	Regras fixas e bem definidas que devem ser seguidas em todas as circunstâncias comunicativas, tanto na fala quanto na escrita.
Certo e errado	A GN é o modelo para determinar o que é certo e errado.
Sujeito	Sujeito monológico, ideal, sem considerar questões sociais, históricas e culturais.
Fala	Distanciada da realidade, deve reproduzir a escrita.
Escrita	Deve seguir o modelo dos grandes escritores.

A partir do exposto, elaboramos o Mapa 1 para auxiliar no entendimento da gênese das RS da página *Página Língua Portuguesa*.

Mapa 1 - Representações Sociais da página *Língua Portuguesa*



Fonte: Ferreira (2019)

A partir do Mapa 1, podemos fazer algumas afirmações sobre a página *Língua Portuguesa*. Primeiro, temos ainda um modelo ultrapassado de língua/linguagem, em pleno 2019, mais de um século após a instituição da Ciência da Linguagem. Segundo, aparentemente,

a Linguística não circula em determinados espaços como deveria, mesmo com grande produção e esforços dos estudiosos da área. Além disso, desconsidera-se a concepção de língua enquanto processo de interação, bem como a perspectiva de análise da Gramática Descritiva (TRAVAGLIA, 2009), e por conseguinte, distancia-se da visão sociodiscursiva da linguagem (BAKHTIN, 2003) e das características fundamentais da diversidade linguística, desrespeitando a identidade linguística e cultural dos falantes.

Assim, a proposta da página é sim divulgar a LP, mas ainda enraizada em concepções que consideram somente uma variedade de língua. Isso fica claro quando lemos o trecho da descrição do álbum *Nossa Língua merece cuidados!!* "[...] Não publico essas imagens com o intuito de ridicularizar ou diminuir ninguém. Antes que digam, não é preconceito linguístico [...]" (grifo nosso). A declaração é um posicionamento diante de tantas críticas recebidas, pois as imagens do referido álbum foram colocadas com tom jocoso, com valoração negativa da língua usada pelo povo, razão pela qual colocamos o tópico sobre linguística isolado no Mapa 1, pois não há uma proposta de análise reflexiva sobre os fatos da linguagem no álbum.

Assim, os conhecimentos linguísticos aparecem mesmo por meio dos comentários dos internautas, pessoas com formação em Letras que refutam os conteúdos carregados de equívocos primários e preconceituosos, como já dizia Possenti (2009), “as representações que fazemos das outras formas de falar são muito engraçadas. Melhor seriam, se isso não significasse exclusão, rebaixamento ou, no mínimo, gozação” (POSSENTI, 2009, p. 15).

Ainda assim, é importante ressaltar que não são todas as pessoas do curso de Letras que participam das discussões que tem a mesma atitude de pensar de forma crítica sobre as questões, pois encontramos muitos que se intitulam professores de LP com posicionamentos similares da página, legitimando um discurso ultrapassado sobre língua, gramática e ensino de língua materna, tendo em vista as estruturas estruturadas das RS sobre LP, a exemplo do preconceito linguístico, pois, como afirma Bagno (2002), “o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa” (BAGNO, 2002, p. 9).

Nesse contexto, inferimos a primeira RS, que norteará boa parte das demais:

A língua portuguesa é a gramática normativa.

Importante perceber as nuances na elaboração das RS, no sentido de olharmos para a superfície, no caso a materialidade linguística que circula no *Facebook*, e buscar as possíveis explicações na construção da RS.

A RS inferida faz parte do senso comum, está no imaginário brasileiro ao assimilar a noção de uma possível língua monolíngue, como postula Bagno (2002). Daí o processo de objetivação e ancoragem, na forma como a força simbólica da linguagem se internaliza na formação do imaginário coletivo, enquanto ideias criadas e cristalizadas socialmente na reprodução de mitos e visões equivocadas sobre a língua.

Nesse sentido, os processos constitutivos das RS da página podem ser entendidos, a propósito do círculo vicioso de Bagno (2002), a partir dos três elementos (a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos), que na verdade são quatro, segundo o autor, responsáveis pela manutenção também do preconceito linguístico, como observamos no esquema abaixo:

Figura 12- Círculo Vicioso, Bagno (2002)



Fonte: Bagno (2002, p. 73)

Bagno (2002) acrescentou o quarto elemento ao círculo vicioso, o que ele chama de comandos paragramaticais, “é todo esse arsenal de livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programas de rádio e de televisão, colunas de jornal e de revista, CD-ROMS, “consultórios gramaticais” (BAGNO, 2002, p. 76).

Na perspectiva de nossa pesquisa, a página em estudo está entre os comandos paragramaticais, conforme Bagno (2002), exatamente por usar as mídias na perpetuação de RS relacionadas à ideia de que o falante de LP não sabe falar nem escrever ou se comunicar na própria língua, disseminando assim concepções errôneas sobre LP e contribuindo para a solidificação e funcionamento dessa grande engrenagem, como demonstra o Diagrama 1.

Diagrama 1 - Página Língua Portuguesa como elemento do “círculo vicioso”



Fonte: Ferreira (2019)

4.2 Representações Sociais de LP em postagens e comentários na página *Língua Portuguesa no Facebook*

Nesta subseção, faremos a análise de *posts* e comentários da página *Língua Portuguesa* selecionados previamente de acordo com os critérios explicitados no capítulo metodológico, a partir do dispositivo de interpretação apresentado por Spink (1994).

Assim, trataremos as RS em termos de produto e processo (MOSCOVICI, 1978, CRUSOÉ, 2004 e ABRIC, 1994), isto é, o conhecimento em si sobre a língua, as RS, e ainda, o processo de elaboração desse conhecimento que, por sua vez, dá-se de duas formas: objetivação e ancoragem. Enquanto produto, encontramos RS de diversas ordens, como não poderia ser diferente, pois trata-se de uma página muito ativa. Já enquanto processo, procuramos compreender a constituição discursiva e imaginária das RS. Daí nossa preocupação em delimitar as dimensões analíticas para não incorreremos no equívoco de repetir perspectivas e podermos apreender melhor os posicionamentos. Nesse contexto, por uma questão organizacional, analisaremos 7 *posts*, bem como recortes de comentários, categorizados com base em dimensões internas e temáticas (SPINK, 1994).

No que diz respeito à dimensão interna, segundo Spink (1994), consiste em mapear os discursos considerando os elementos cognitivos, a prática do cotidiano e o investimento afetivo. Quanto à temática, a autora postula que o caminho é “mapear o discurso a partir de temas emergentes definidos a partir da leitura flutuante e guiados pelos objetivos do pesquisador” (SPINK, 1994, p. 131).

A análise dos dados nos permitiu estabelecer três dimensões para esta proposta: Dimensão Cognitiva/Prática; Dimensão Afetiva e Dimensão de Poder/Resistência. As temáticas

foram sistematizadas a partir de tópicos pré-definidos como noção de língua, conceitos de gramática e norma linguística.

4.2.1 Representações Sociais de Língua Portuguesa – Produto e Processo

Sabemos que a Teoria das Representações Sociais (TRS) diz respeito à construção de saberes sociais, que envolve também elementos cognitivos e afetivos mediados pela linguagem, e como o objeto desta pesquisa refere-se à língua, não enquanto estrutura, mas na forma como os sujeitos interpretam e simbolizam essa realidade discursivamente, nosso foco de análise torna-se sensível porque estamos lidando com um tipo de conhecimento que vai se construindo antes mesmo da realização vocal dos sons, uma vez que os sujeitos estão interagindo na língua antes de pronunciarem as primeiras palavras, ou desenvolverem outros sistemas de comunicação, a exemplo dos surdos. Para Guareschi (1994),

o caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona a dimensão dos afetos, porque quando os sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. A construção da significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo. (GUARESCHI, 1994, p. 20),

Quando falamos em tipo de conhecimento sensível neste recorte teórico/metodológico nos baseamos nas observações de Guareschi (1994) sobre o processo formador das RS que, de acordo com ele, o próprio fundador da TRS afirmava que o “propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar” (MOSCOVICI (1984), p. 23-24 *apud* GUARESCHI, 1994, p. 212). Especificamente neste caso, debruçaremos-nos sobre algo que nos constitui subjetivamente, que nos distingue identitariamente, que está na mediação das relações sociais (unindo ou segregando), algo tão íntimo e tão nosso.

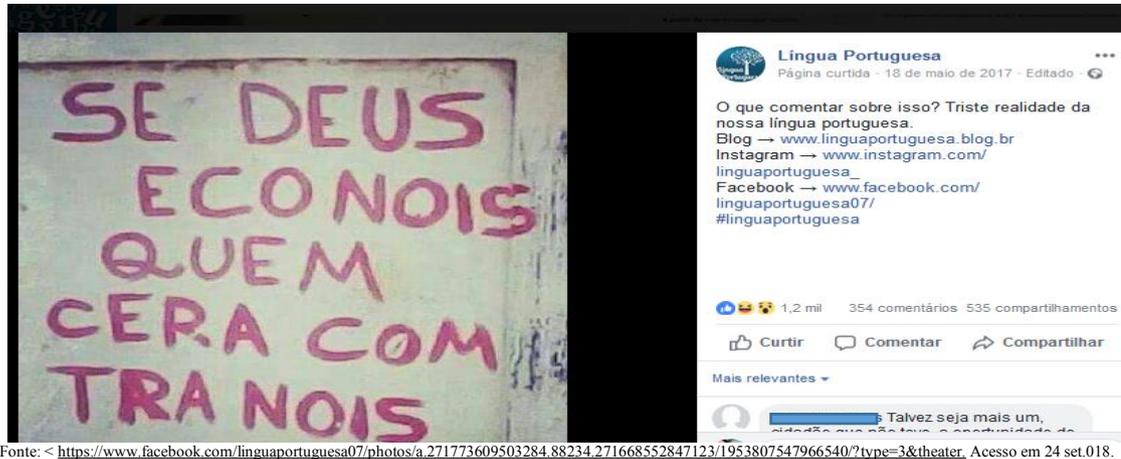
Nesse contexto, estamos lidando com um produto que tem sujeito, história, classe social e marcas ideológicas, algo que não somente faz a mediação interpretativa simbólica da realidade, mas é a própria matéria.

4.2.2 Representações Sociais de Língua Portuguesa - Dimensão Cognitiva/Prática

Achamos oportuno unir a Dimensão Cognitiva à Prática, pois tratam-se de RS identificadas no nível do saber/usar a LP de forma quase instantânea. Assim, a materialidade

linguística selecionada abaixo corresponde às visões estruturadas em noções de “certo” *versus* “errado”, “adequado” *versus* “inadequado”, regras da GN, diferença de registros de fala e escrita, além da presença de elementos externos e socioculturais (figuras 13 e 14).

Figura 13- Registro de inscrição em muro – “Se Deus eco nois quem cera com tra nois”



Fonte: <<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284.88234.271668552847123/1953807547966540/?type=3&theater>>. Acesso em 24 set.018.

Figura 14 - Texto multimodal: “A MINHA CARA quando alguém escreve ou fala errado”



Fonte: <<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284.88234.271668552847123/1264767260203909/?type=3&theater>>. Acesso em 24 set.2018.

Escolhemos os dois *posts*, entre tantos de natureza similar, primeiro pelo teor do conteúdo, pois mobiliza nos usuários, sejam comuns ou linguistas, um conjunto de conhecimentos básicos sobre a LP; segundo pelo número expressivo de visualizações (Figura 13 - 1,2 mil reações, 354 comentários e 535 compartilhamentos; Figura 14 - 3,1 mil reações, 182 comentários e 1,3 mil compartilhamentos). Como já comentamos, não conseguimos mensurar o alcance de tais publicações e os desdobramentos a partir delas, mas podemos dizer que são flagrantes exemplos de veiculação de textos sem análise reflexiva.

Identificamos várias RS nas postagens, inclusive o estranhamento dos internautas. Sem explicações plausíveis, muito pelo contrário, o tom negativo na legenda “triste realidade” no primeiro *post* direciona o internauta a um olhar preconceituoso sobre as realizações linguísticas de origem popular.

Como vimos, a figura 13, publicada em 18.05.2017/Acesso em 24 set.2018, trata de uma fotografia de um muro com o texto “SE DEUS ECO NOIS QUEM CERA COM TRA NOIS”. Considerando a análise referente ao perfil representacional da página sobre recortes da mesma categoria, vamos nos ater aqui à recepção do *post*, no sentido de revelar as RS oriundas da confusão entre sons e representação gráfica, fala *versus* escrita ou ainda ao que se entende sobre “saber” de fato LP.

Os comentários vão surgindo rapidamente com marcas muito significativas, os seguidores sentem-se à vontade para expressar suas convicções. São comuns as tentativas de justificar “os erros de português” em diversas perspectivas, sejam no âmbito sociológico, educacional ou propriamente humano

 [Maria Cavalcante](#) Talvez seja mais um, cidadão que não teve. a oportunidade de estudar. Acredito que seja por isso que não soube escrever as palavras corretamente.. Fico muito mais, decepcionada quando vejo alguns jovens escreverem, pela metade, com siglas que levam até nas redações....Entretanto o mais importante é sabermos corrigir de maneira humanizada, isso porque também erramos.Afinal errar é humano!!!

Os recursos de réplicas e trélicas a um comentário permitem observar o embate de ideias e os processos discursivos envolvidos nas RS, como a mudança de ponto de vista do usuário ou uma certa modalização na fala, após as respostas indicarem opinião oposta ou apontarem desvios ortográficos no enunciado gerador da discussão, a exemplo da Maria Cavalcante.

  Há casos e casos, obviamente não podemos generalizar. Mas é sabido que muitos com curso superior ou ainda estudantes tem um péssimo português, cometem erros grosseiros, inadmissíveis para um nativo.

 [Bárbara Mota](#) E vc tá errando muito tbm, observa direitinho.

  [Bárbara Mota](#), Juro que quis acreditar que a [Maria Cavalcante](#) tava errando tanto de propósito, mas parece que não, rsv

 [Maria Cavalcante](#) Humildemente peço desculpas a vocês PHDS em Língua Portuguesa,Redação e Gramatica pois confesso não ter decorado as regras de pontuação...Terminei a faculdade com muita luta e sacrificio. Mas não atuo como pró minha realidade profissional passa longe da sala de aula e como disse anteriormente:" Errar é humano . E muinto pelo contrário sempre fui ótima aluna,Já sou concursada graças a Deus!! Obrigado pelas críticas queridos,com certeza me fizeram perceber o quanto vocês praticam a humanização na hora de corrigir as pessoas....Certamente irei revisar essas regrinhas de pontuação,para quem sabe de uma proxima vez eu me sinta tão inteligentes como vocês,que certamente nunca cometem sequer um" errinho".Apenas quis me expressar , prometo não dar mais minha opnião.

Diante dos comentários, é possível dizer que as RS relacionadas ao normativismo linguístico são tão fortes que causam insegurança nos próprios falantes nativos a ponto de se sentirem inferiores em relação a outros sujeitos e hesitarem emitir opiniões em espaços públicos, por receios de julgamentos, com pedidos de desculpas, inclusive.

Além das justificativas, os comentários ora concordam com a página, ora discordam totalmente.

 ESTOU COM A PÁGINA. POR CAUSA DESSA LENIÊNCIA É QUE MUITOS JOVENS ESTÃO DO JEITO QUE ESTÃO. PRA ALGUMAS SITUAÇÕES DEVE-SE TER MENOS TOLERÂNCIA.

 EU! Faria, a quem escreveu essa desgraça, lamber essa porcaria até desaparecer.

 Ah, me poupem. Temos até médicos e advogados escrevendo errado pq são acomodados e não acham que isso é importante, que escrever não é importante, que não ad pessoas precisam se adaptar...

 Eu não critico. A pessoa conseguiu a capacidade de se comunicar, mesmo com desvios da norma padrão.

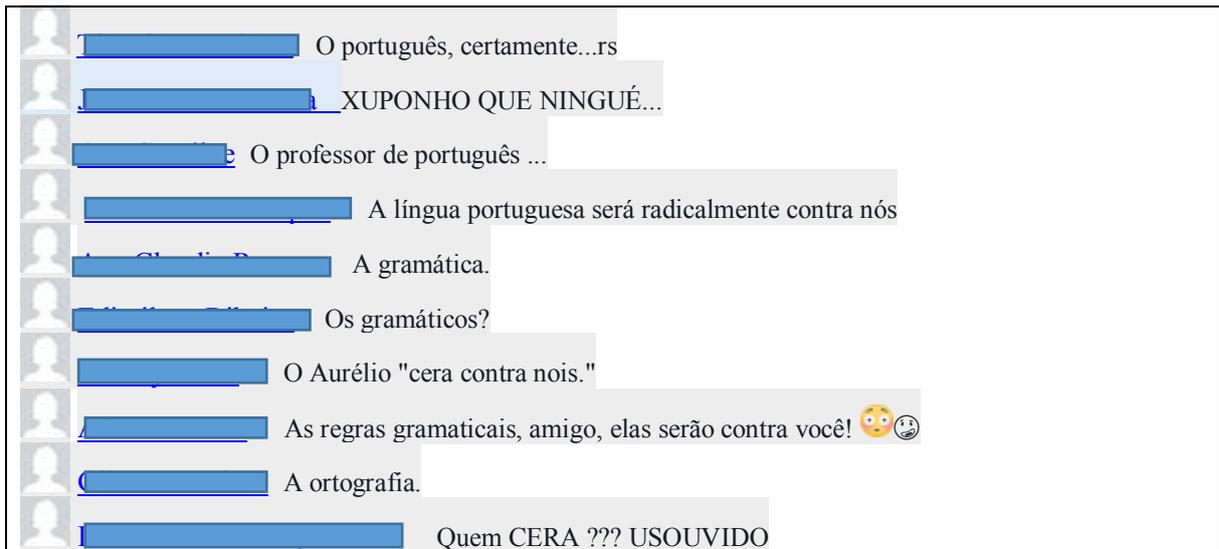
 Bem, todos entenderam aqui. Mesmo com os desvios gramaticais. A página foi preconceituosa, não levou em consideração alguns estudos da sociolinguística

 Esse Pessoa talvez não teve oportunidade de estudar. Então Vamos valorizar a mensagem e não os erros de português. E muito fácil criticar o outro em vez de ver o outro lado da história.

São no mínimo interessantes os posicionamentos dos sujeitos frente à instituição social que é a língua, onde as RS são elaboradas a partir de diferentes formas individuais de simbolizar a realidade dentro de estruturas sociais consolidadas historicamente.

Selecionamos algumas RS (Quadro 4) a partir das respostas ao enunciado da figura 13 que, por sua vez, faz alusão ao livro bíblico de Romanos 8:31, “Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Bíblia, 1995, p. 313), mas escrito com desvios ortográficos.

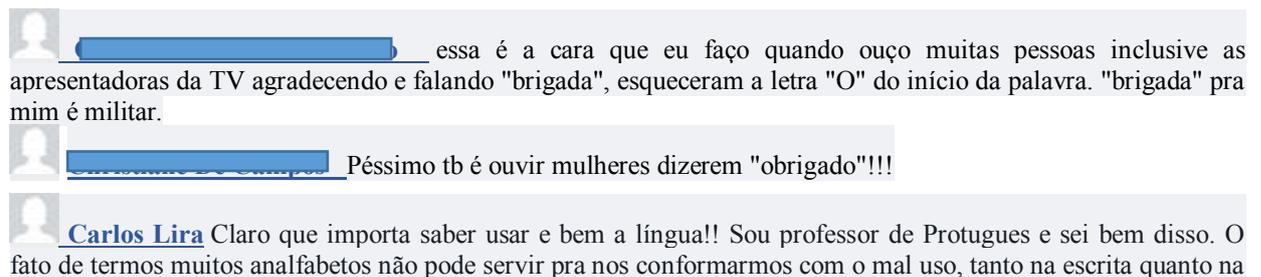
Quadro 4 - Resposta ao enunciado da figura 13 (Quem será contra nós?)



As noções de certo ou errado sobre determinadas realizações linguísticas foram construídas socialmente dentro de uma comunidade de fala, legitimadas por discursos de várias esferas, entre elas a escola, a mídia e a família. No geral, os internautas acompanham o posicionamento da página, com RS baseadas no “certo” e “errado”. Na maioria, as RS estão na oposição entre “bom português” e “péssimo português”.

De igual forma, a figura 14 – texto multimodal com uma família de corujas expressando estranhamento ou reprovação com a frase “A MINHA CARA quando alguém escreve ou fala errado” – demanda um olhar sobre as RS pertinentes às duas modalidades da língua: fala e escrita. Publicado em 05.10.2015/ Acesso em 24 set.2018, esse texto se repete pelo menos três vezes na página e sempre causando polêmica, debates acirrados entre RS oriundas da visão linguista *versus* as RS dos “defensores” do “bom português”.

A ideia de que a GN é a LP e não uma parte dela é de responsabilidade da visão conservadora propagada na maioria das escolas, dando origem a atitudes corretivas, isto é, a necessidade de apontar os possíveis erros na fala ou na escrita. Assim, os sujeitos, por não aceitarem os “erros grosseiros”, sentem-se na obrigação de “corrigir” uns aos outros, como nos recortes apresentados.



fala. Justamente por haver vários registros usados em diferentes situações linguísticas, é que é preciso saber usar e bem cada um deles. Quem só domina o uso coloquial tem limitadas as suas oportunidades, inclusive profissionais.



Pois vou usar sua medida [Carlos Lira](#). Utilize as regras e faça BOM uso na escrita (contrário de BOM e MAU com U) Passe bem!

Pode-se dizer que a cultura da vigilância, que envolve também o constante corrigir, está ligada ao processo de ensino-aprendizagem nas escolas, principalmente quando se tem ancorada a ideia de que se aprende de fato LP em sala de aula, passando a desprezar a modalidade falada, como já confirmava Bagno (2002), no Mito 6 - “O certo é falar assim porque se escreve assim”,

Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. (Imagine se alguém fosse falar inglês ou francês do jeito que se escreve!) Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” quem fala muleque, bejo, minino, bisoro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo! (BAGNO, 2002, p. 52)

É válido ressaltar aqui o posicionamento ditatorial, ainda, de muitos professores de LP que, enquanto representantes institucionalizados para o ensino de língua materna, comportam-se de forma preconceituosa diante da variação linguística.

Evidentemente, há posicionamentos menos radicais que consideram os aspectos culturais e as variações linguísticas, mas ainda baseados na ideia de que a LP é difícil, a exemplo dos recortes abaixo.



Não existe essa coisa de falar errado, e sim, falar fora da norma culta da língua. É deselegante criticar, talvez o "errante" nem teve oportunidade de aprender. É bom ensinar sem ridicularizar.. Eu, por exemplo, não a domino. Português é difícil... Não esqueçamos, o Brasil tem milhões de analfabetos.

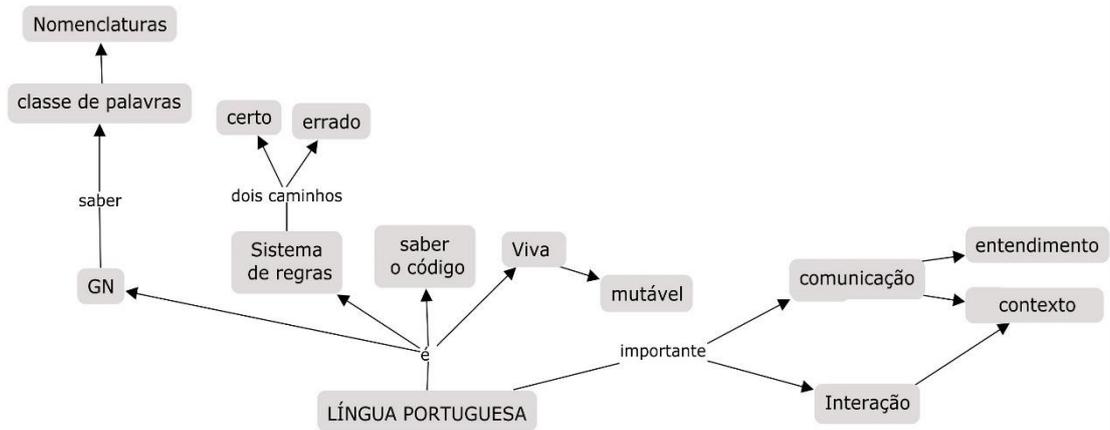
É importante reconhecer o valor da escrita e entender que a escola é responsável pelo desenvolvimento dessa modalidade da língua, pois, como defende Bagno (2002),

é claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua alada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das] forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer BUnito ou BOnito, mas que só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu, particular! (BAGNO, 2002, p. 52)

Nesse contexto, conhecer a língua e compreender seus usos faz uma grande diferença tendo em vista a interação dos sujeitos dentro de práticas discursivas, o que implica necessariamente saber o que significa falar e escrever e em que contexto os sujeitos se sentem confiantes em utilizar tais modalidades da língua.

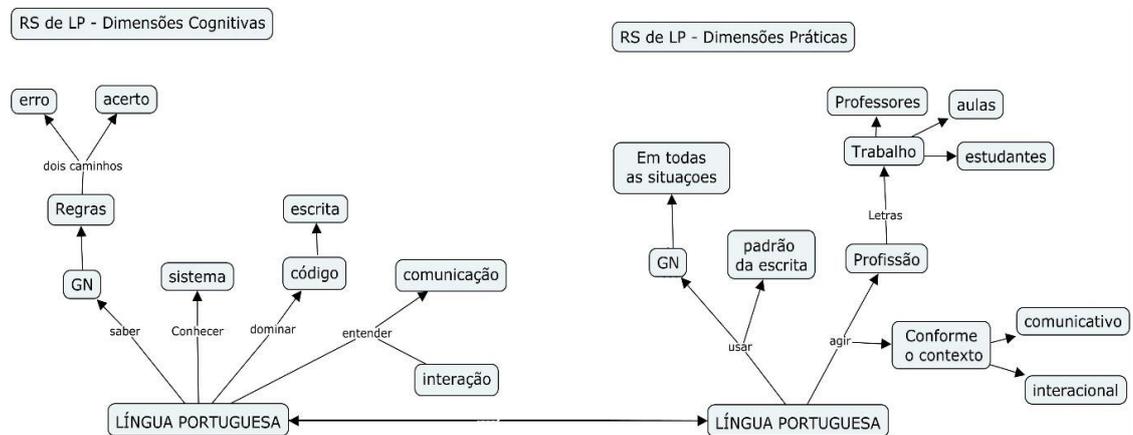
Após leitura e reflexão norteadas pela perspectiva das dimensões cognitivas e práticas, selecionamos várias RS, que também darão origem a temas e elaboramos os mapas abaixo, Mapa 2, de forma geral, e no Mapa 3 mais detalhado.

Mapa 2 - RS de LP - Dimensão Cognitiva/Prática (geral)



Fonte: Ferreira (2019)

Mapa 3 - RS de LP- Dimensão Cognitiva/Prática (detalhado)



Fonte: Ferreira (2019)

Tais mapas foram elaborados a partir de questões norteadoras como **a)** o que é importante em termos de língua”, e nos comentários surgiram: “comunicação/mensagem e intenção”, “interação”, “entender e ser entendido”, “saber usar o código, o sistema”; **b)** o que é a língua, e muitos escreveram: “é a GN (Elementos gramaticais, classes de palavras, verbos, pleonasma, ditongo, morfologia, sintaxe, crase, concordância, dicionário, Aurélio, ditado).”

No que diz respeito à Gramática, identificamos as RS relacionadas a “regras”, “erro”, “acerto”, “Transtorno Obsessivo-Compulsivo-TOC em corrigir”, comportamento diretamente ligado à paranoia criada com a pressão social de sempre usar o “português correto”.

Quanto às impressões sobre LP, observamos a insegurança dos sujeitos, e creditamos que isso também corresponde à pressão social exercida pela GN, assim, os comentários foram: “muito difícil”, “horrível”, “complexa”, “terrível”, “bagunça”, “caos”.

Sobre os desafios comuns quanto ao “saber” a língua (cobrança em casa e na escola), notou-se a frequência da pergunta “Qual a maior palavra da LP?” As respostas foram geralmente palavras de difícil pronúncia, repetidas à exaustão (paralelepípedo, obilubilado, inconstitucionalissimamente, quintessência, beneplácido etc.), as quais são solicitadas por professores conservadores ou pais também rigorosos quanto a pontos que julgam importantes em termos de língua.

4.2.3 Representações Sociais de Língua Portuguesa - Dimensão Afetiva

Quando pensamos em afetividade somos impelidos a refletir sobre os sujeitos da/na linguagem. Quem são, o que sentem e como se sentem diante da língua materna?

Tais questionamentos são importantes porque somos herança do estruturalismo, das famosas dicotomias saussureanas, ou como diria Guimarães (1995)¹⁵, do corte saussureano, concepção que atravessa os estudos em linguagem com grande influência no processo de ensino-aprendizagem de línguas.

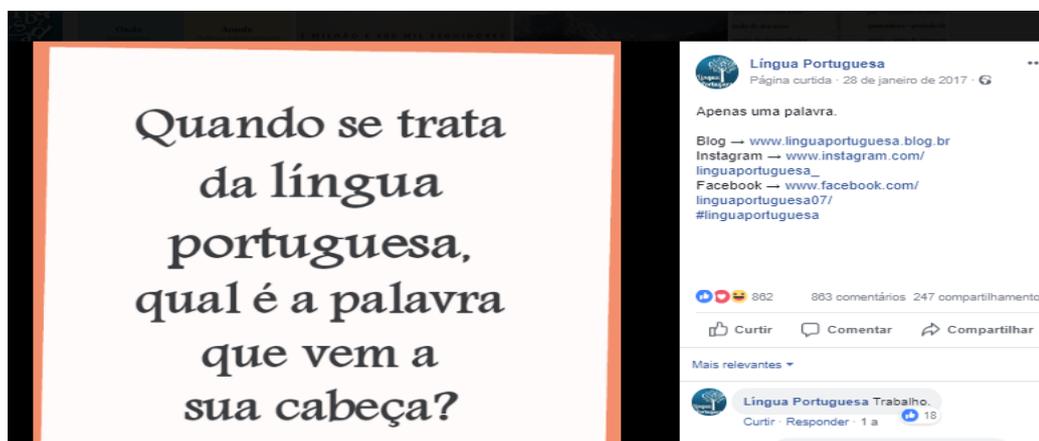
Para além da sala de aula, cientes que não conseguiremos responder aqui em razão da complexidade das questões formuladas, mais questionamentos: como os sujeitos se relacionam linguisticamente em outros lugares? Que sentimentos são acionados ao perceberem a diferença dos falares, da variação, dos sotaques, dos tons e dos diferentes registros?

¹⁵ Eduardo Guimarães (1995) em *Os limites do Sentido* faz uma abordagem sobre os estudos da significação nos estudos linguísticos a partir da inclusão de elementos excluídos por Saussure no *CLG*, quais sejam: sujeito, mundo e a história.

As perguntas surgiram depois da leitura flutuante dos dados, ainda não tínhamos bem definidas as dimensões que seriam validadas. Como dissemos, talvez não tenhamos todas as respostas, mesmo porque não é objetivo desta pesquisa, o fato é que os afetos e as paixões são inerentes ao homem e as RS estão ligadas também a fenômenos individuais e psicológicos, lembrando Guareschi (1994, p. 20), “[...] a construção da significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo”.

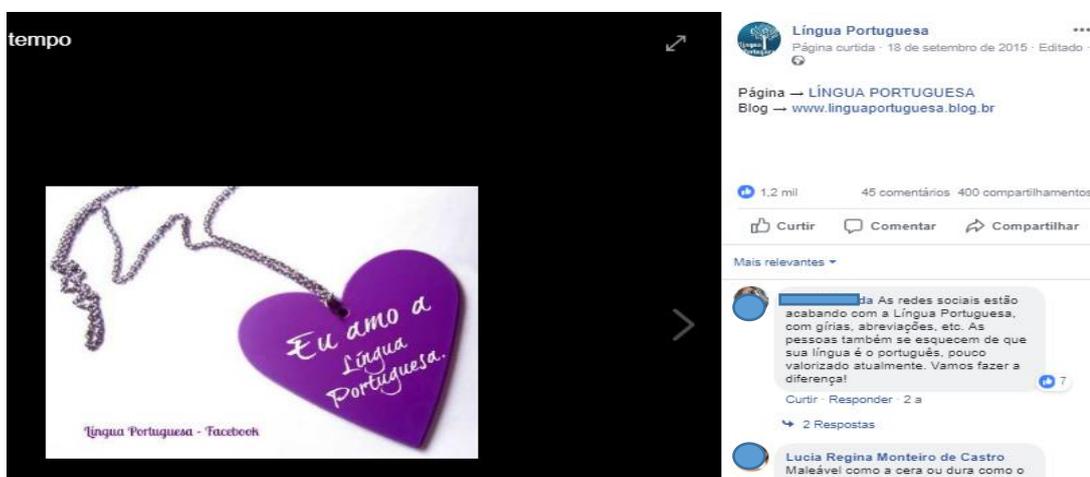
As duas publicações selecionadas foram muito importantes no processo de apreender as impressões dos sujeitos em relação a LP, de forma mais geral, com a delimitação do enunciado “Apenas em uma palavra” (Figura 15) e mais específica com a afirmação “Eu amo a Língua Portuguesa” (Figura 16).

Figura 15 - Percepções sobre Língua Portuguesa



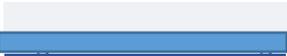
Fonte: <<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.2711773609503284.88234.271668552847123/1788358537844776/?type=3&theater>>. Acesso em 24 set. 2018.

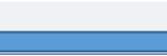
Figura 16 - Declarações de amor à Língua Portuguesa



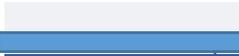
Fonte: <<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.2711773609503284.88234.271668552847123/1788358537844776/?type=3&theater>>. Acesso em 24 set. 2018.

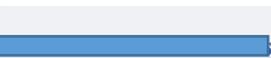
A maioria das RS identificadas tem forte ligação com sentimento maternal e familiar, daí se desdobram em questões identitárias e culturais, logo, marcas linguísticas próprias de determinados lugares também apareceram.

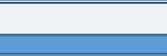
  Casa

  Ôxe!

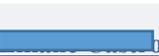
Desde que nasci ouço frequentemente esse som, mais que uma palavra, um signo de identificação de meus iguais. Ariano Suassuna debruçava-se e ponderava sobre esse simples e significativo "ôxe". É como se o "Ôxe" fosse minhas raízes

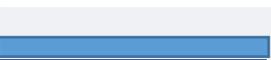
  Pátria. A língua portuguesa é uma pátria mãe.

  Oxente!!! Porque é a palavra que mais identifica nós nordestinos.

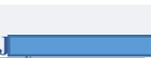
  Junta. * * Lembra minha filha.

Ela diz: "Mainha está com dor de junta. Junta tudo e joga fora." Acho muito legal uma palavra só, com significados tão diferentes. A nossa língua é bela e única.

  Trem e uai, sou mineira, rs. Essas palavras substituem quase tudo.kkk

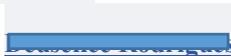
  Amo minha língua . apesar de todas suas complicações ,e amo a minha pátria.

É interessante como os sujeitos idealizam RS sobre determinadas palavras, cria-se no imaginário coletivo visão específica sobre um signo, baseada em valores sociais e culturais, e no *corpus* selecionado a RS que mais apareceu foi saudade (82 vezes). Há uma magia, uma sensação que herdamos dos lusitanos, da poesia, da música, que reverberou na cultura brasileira de forma muito intensa, seja com a ideia muito difundida de que é uma palavra que só existe em língua portuguesa e por isso, muitos acreditam que o sentimento em si só pode ser expressado no idioma português, seja como algo inerente ao ser humano.

  Saudade! A única (me corrijam caso eu esteja errada) que não tem em nenhum outro idioma !

  Estou con Jo  lindo explicar 'saudade' a outra gente porque não existe em seus idiomas.

  Saudade. Porque só conhecendo a comunicação entre os falantes da língua comprede-se o significado.

  Saudade.Humaniza as pessoas.

Freitas, Lourenço e Pitta (2014) fizeram um estudo exploratório da palavra saudade sob a perspectiva etimológica. De acordo com eles, trata-se de um vocábulo de origem árabe e latina que em Portugal foi tomando outros sentidos,

a palavra Saudade tornou-se, na formação de Portugal no decorrer dos séculos, um elemento de identificação do povo lusitano bem como seu patrimônio cultural, assim como o Fado, por exemplo, arte musical de maior expressão da saudade portuguesa. (FREITAS, LOURENÇO e PITTA, 2014, p.6)

Continuando na herança de Portugal, encontramos também RS referentes à colonização ou à LP escrita e falada lá, ora negando o português brasileiro, isso porque acredita-se que somente além-mar é falado o verdadeiro idioma, ora exaltando o poeta português Luiz de Camões.

 Portugal, os portugueses usam a lingua usando tempos verbais corretos. O brasileiro sai da universidade falando de qualquer modo, isso eu acredito seja um pouco culpa das modinhas das telenovelas.

 CAMOES!!! pai da lingua portuguesa.

 Linda e Machado de Assis.

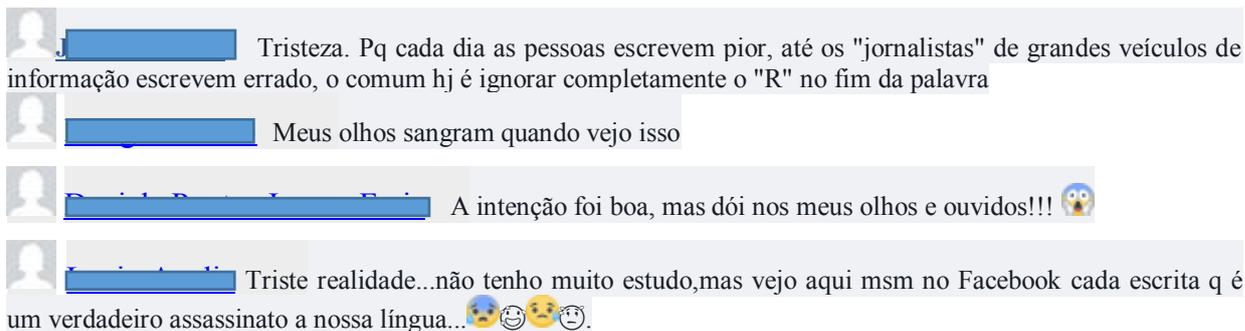
 Colonização

A primeira RS é explicada por Bagno (2002) no Mito 2, “Brasileiro não sabe português” / “Só em Portugal se fala bem português”,

essas duas opiniões tão habituais, corriqueiras, comuns, e que na realidade são duas faces de uma mesma moeda enferrujada, refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais "civilizado". (BAGNO, 200, p. 20)

Já a segunda RS está ligada à noção oriunda da tradição escolar, especificamente dos exemplos gramaticais com trechos de obras literárias, a exemplo também de Machado de Assis ou Olavo Bilac com a visão romantizada da “última flor do Lácio”. Assim, a escrita de escritores clássicos serviu de modelo durante gerações como a língua “bem vista”, “bom uso”, digna de ser imitada, fato que também é questionado por Bagno (2002, p. 73): “Será a língua dos nossos grandes escritores, que sempre serviu de material para o trabalho dos gramáticos normativistas”?

As RS referentes ao amor e à admiração também emergiram com certa frequência. Em oposição a tais sentimentos surgiram RS pertinentes à dor, ao sofrimento, à tristeza e à morte.

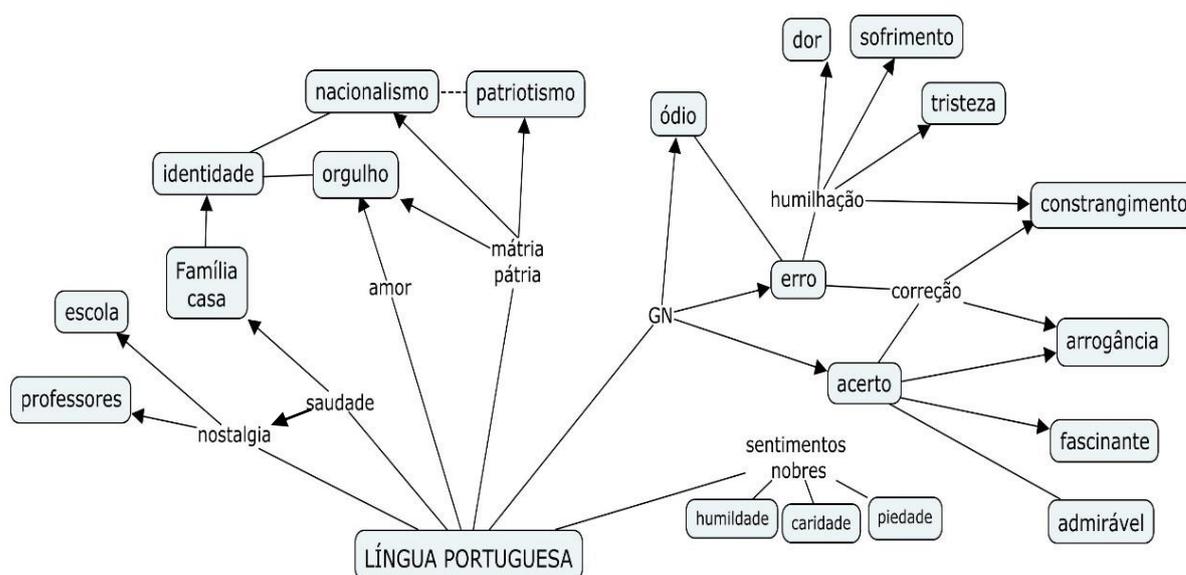


Pode-se dizer que as RS relacionadas ao sofrimento são resultados da grande influência da GN no imaginário brasileiro, a ponto de causar sentimentos negativos em caso de transgressão às regras gramaticais, além de atitudes discriminatórias em relação ao interlocutor.

De acordo com Britto (2012, p. 137), "é curioso que uma forma linguística qualquer possa ser tão estigmatizada que leve o ouvinte a ter uma manifestação tão antipática e agressiva em relação ao outro, a ponto de sugerir que a fala alheia machuca o ouvido [...]". Para o autor, não é possível explicar indignações similares apenas pela forma, a causa objetiva das reações negativas é que se referem a frases tipicamente populares. Tais RS dão origem também a crenças de que o idioma é complexo, difícil, horrível, inacessível, longe da realidade. A Língua Portuguesa é estranha, é Outra, "não a que eu falo".

Assim, após leitura e categorização dos sentimentos em relação a LP, elaboramos o Mapa 4.

Mapa 4 - RS de Lp - Dimensão afetiva



Fonte: Ferreira (2019)

Sobressaíram as RS na oposição entre o amor e ódio, o que demanda uma atenção sobre os sentimentos em relação à língua materna, no sentido de investigar quais fatores sociais foram responsáveis pela repulsa da própria língua. Como pode a língua ser usada para causar dor e humilhação?

A mesma oposição ocorreu em relação aos discursos relacionados a “trabalho”, no sentido de ser trabalhosa, de difícil uso, e ao mesmo tempo proporcionar prazer.

Por sua vez, a maioria das emoções positivas estão ligadas ao imaginário escolar, aos estudos, às aulas, às Letras, à Linguística, a Saussure”, aos Professores de LP, muitos foram marcados na publicação como lembranças boas e com sentimento de gratidão.

Quanto à gramática, para uma grande parte, trata-se de uma instituição “complexa”, “difícil”, ou “gramática certa” com adjetivos como “fascinante, linda”. Entraram aqui também RS referentes à cultura e identidade como “pátria”, “mátria”, “orgulho”, além de outros sentimentos nobres: “piedade”, “generosidade”, “humildade”.

4.2.4 Representações Sociais de Língua Portuguesa - Dimensão de Poder/Resistência

Definida a partir dos embates discursivos observados no *corpus*, esta dimensão engloba um conjunto de visões marcadamente ideológico oriundas de instâncias de poder e seus agentes reguladores como a escola, o livro e as concepções de língua e ensino.

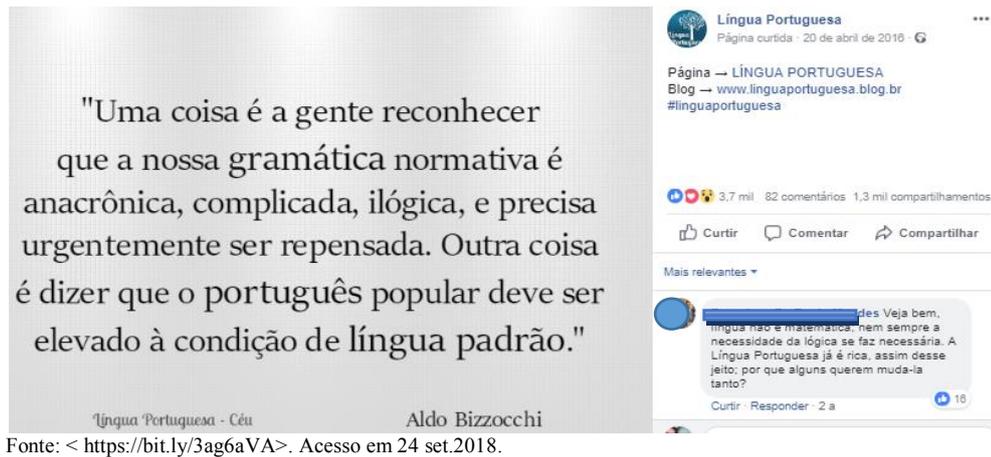
Para Guareschi (1994),

algumas RS são mais abrangentes em termos de sociedade como um todo e revelam a visão de mundo de uma determinada época. São as concepções das classes dominantes dentro da história de uma sociedade. Mas essas mesmas ideias abrangentes possuem elementos de passado na sua conformação e projetam o futuro em termos de reprodução da dominação. (GUARESCHI, 1994, p. 109),

Como já foi dito, tomamos o signo linguístico na perspectiva bakhtiniana, onde “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997, p. 35), razão pela qual determinadas RS apareceram com mais evidência em oposição ao *status quo*, qual seja, a força de ideologias linguísticas advindas de visões conservadoras e normativistas, como foi comprovado anteriormente na análise do perfil representacional da página *Língua Portuguesa*.

Desta forma, selecionamos os *posts* abaixo (figuras 17 e 18), os quais conduzem as discussões pertinentes no âmbito dessa dimensão.

Figura 17 - Opinião sobre Português Popular e Português Padrão



Fonte: < <https://bit.ly/3ag6aVA>>. Acesso em 24 set.2018.

Figura 18 - Afirmação sobre o “assassinato da LP”



Fonte: < <https://bit.ly/2xn9K1S>> . Acesso em 24 set.2018.

Trata-se de duas publicações polêmicas, principalmente por conter o debate antigo e fervoroso entre RS de ordens diversas, no caso, a relação entre a GN e o português popular. Com não poderia ser diferente, tendo em vista a grande visibilidade da página, a imagem 17 obteve 3,7 mil reações, 82 comentários e 1,3 mil compartilhamentos; e a 18 alcançou 4,1 mil reações, 85 comentários e 1,5 mil compartilhamentos.

Bezerra e Pimentel (2016) analisaram o texto da figura 17, que se refere ao linguista Aldo Bizzocchi, e ponderaram que o teor pode parecer óbvio para o autor, mas aparentemente o texto dialoga com alguma voz não explicitada que defenderia essa promoção do “português popular” à condição de “língua padrão”. É exatamente essa voz, ou são essas vozes que pretendemos revelar. Assim, no enunciado, há uma disputa de poder que envolve língua, classe social e sistema de escrita. Nas palavras de Gnerre (1991),

a língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural

apresentado como um “corpus” definido de valores, fixados na tradição escrita. (GNERRE, 1991, p. 6)

Em consequência disso, o incômodo tanto da página quanto de alguns internautas ao se depararem com a possibilidade do português popular alçar o *status* de língua padrão está relacionado à possibilidade da classe desprestigiada socialmente chegar à condição ocupada historicamente por uma camada privilegiada, no caso, a elite brasileira. Muitos não sabem que o português padrão hoje teve origem no latim vulgar, nos falares incultos.

Na mesma perspectiva, a língua “assassinada” todos os dias (Imagem 18) é a língua “bonita”, “certa”, que “merece respeito”, ao contrário da “feia”, “estereotipada”, a dos “erros absurdos e inaceitáveis”, que para muitos nem merece perdão, nem respeito e merece punição, como podemos ver nos comentários abaixo.

  Assassinar a língua portuguesa me agride sim !

  (...) . A Internet não é um ambiente acadêmico, pelo contrário é um lugar para descontrair, geralmente as pessoas escrevem coisas na Internet em circunstâncias de pressa e sem prestar muita atenção então tá tudo certo... Só não acho legal assassinar o português a sangue frio com tiro de calibre 12 mas erros acontecem são poucos doutos em língua portuguesa pela Internet.

É válido ressaltar que os valores positivos e negativos não se dão pela língua em si, mas por representarem sujeitos sociais, de um lado, “respeitáveis”, “dignos”, “importantes”, e do outro lado, sujeitos “ignorantes”, “burros”, “mediócras”. Como justifica Gnerre (1991), “uma variedade linguística 'vale' o que 'valem' na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. (GNERRE, 1991, p. 6)

Por se dá na língua e ser quase natural, muitas vezes não percebemos a violência em tais circunstâncias, mesmo porque são situações ancoradas por meio de relações de poder implícitas, que passam de geração a geração sem questionamentos.

Ao abordar sobre o poder simbólico, Bourdieu (1989) apresenta uma perspectiva importante para a discussão suscitada. Para ele, trata-se de um poder ignorado, “é com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem” (BOURDIEU, 1989, pp. 7-8). Poder esse enquanto instrumentos de conhecimento diluídos em sistemas simbólicos (arte, religião, língua) como estruturas estruturadas e estruturantes e, ainda, como instrumentos de dominação.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de

instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço e contribuindo assim, segundo Weber, para a domesticação dos dominados. (BOURDIEU, 1989, p. 11)

Contra ao que está posto surgem diferentes manifestações, por meio de variados recursos linguísticos. Um dos mais recorrente nos espaços de escrita *online* é o deboche, isso porque efeitos de humor e ironia presentes em gêneros que circulam em suportes impressos passaram para o contexto *online*, e sabemos que nos dois casos não é somente causar riso, trata-se de crítica, na tentativa de mudar a ordem, de confundir o interlocutor, por isso encontramos falas que tentam desestruturar a visão passada como verdade absoluta, como nos comentários abaixo:

 [redacted] Eu sofri muito, dizem que eu inscrevo errado, mais eu nao vejo iço, mim ensinarao assim, e eu aprendi assim.

 [redacted] Oia la, tem genti corrigindo o cara, mais ninguem erra.

 [redacted] Fiquei aflita com a falta de acentuação no seu texto! Como pode isso? É terrível! É uma afronta a senhora dona Gramática! 😊;)

Há outros recursos, sejam na forma de *emojis*, imagens, *gifs*, sejam como revolta e repúdio, aí o uso de adjetivos pejorativos e palavras que demandam certa rudeza passam sem filtro. Além desses, são pertinentes os argumentos fundamentados cientificamente outros nem tanto, mas que refletem RS importantes ligadas aos discursos de resistência à postura da página ou ao teor dos *posts*, conforme os recortes de comentários seguintes.

 [redacted] A dona ou o dono e seus adms são idiotas e não deveriam estar gerenciando uma página chamada "Língua portuguesa" e sim "Idiotas que não deveriam estar gerenciando uma página chamada Língua Portuguesa"

 [redacted] Bem, todos entenderam aqui. Mesmo com os desvios gramaticais. A página foi preconceituosa, não levou em consideração alguns estudos da sociolinguística

 [redacted] Às vezes, me pergunto: a moderadora dessa fanpage fez mesmo Letras? Nunca vi tanto preconceito linguístico num só lugar. A norma-padrão é apenas uma gota no oceano, nossa língua é muito mais que isso. Infelizmente, essa norma imposta pela gramática normativa, ainda, é muito coercitiva sobre as outras variações. Não vamos engessar a língua, tal como a gramática já é.

As dúvidas sobre a formação acadêmica dos administradores da página sinalizam para um ponto importante sobre as RS de saber/poder/dominar que, inevitavelmente, perpassam questões de legitimidade, ao que é socialmente reconhecido como verdadeiro por vim de um sujeito específico ou por circular em determinado grupo de produções simbólicas. Assim,

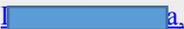
forças em conflito emergem no bojo da relação entre o discurso acadêmico/científico e o senso comum, pois este acredita que o conteúdo da página, por ser elaborado e postado por alguém formado em Letras, por si só, garantiria legitimação, é a voz proferida por um especialista, logo, não pode haver equívoco. Porém, há controvérsia, como podemos confirmar na discussão seguinte:

 Quem escolhe o curso de Letras ama a língua portuguesa. Duvido nao ter aflição e agonia ler ortografia e gramatica erradas. E mostra e amostra tem sentidos diferentes. Só acho

Respostas

 MUITO PELO CONTRÁRIO!

Eu curso letras e entendi, nas minhas aulas de linguística a não ter um comportamento rígido sobre a língua. Até porque ela é um organismo vivo e está sujeita a adequações em seus múltiplos usos. Gente, é isso que é lindo na língua: a possibilidade de ser variável. Pelo amor de Deus, que tipo de professores estamos formando????

Professores que se acham donos da língua e simplesmente querem expor uma intelectualidade linguística tão desnecessária... é por isso que temos alunos que gritam que detestam o português, a sua própria língua materna! Porque ainda temos professores de espírito tradicional, num método tradicional pra ensinar sobre uma coisa que está em constante movimento e transformação.  a, eu tenho medo por esse alunos.

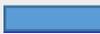
 Eu estudo Letras e não fico cagando regra gramatical, sei que a língua está em constante evolução, sei tbm que existem diversas situações comunicacionais, sei que o Brasil é um país com uma educação precária... Acho que antes de julgar e principalmente constranger uma pessoa corrigindo seu erro ortográfico, a gente precisa ter inteligência e analisar as várias situações possíveis pra essa pessoa escrever ou falar "errado". Eu mesma já fui vítima de preconceito linguístico no Facebook, uma rede que utiliza escrita porém possui características da oralidade, onde a gente usa gírias e etc... E não foi nada legal.

Seguindo os estudos bourdieusianos, Campo e Capital Simbólico são duas importantes noções para compreender o processo de constituição de objetivação e ancoragem das RS no discurso de professores de LP, de estudantes de Letras assim como as RS enraizadas nos comentários apresentados sobre tais sujeitos.

Para Bourdieu (2004), campo e capital simbólico são espaços de poder, o primeiro com uma ordem própria e funções específicas, configurando-se um lugar de conflito e relações de forças, onde os agentes lutam para manter discursos dominantes, já o segundo é desdobramento de outros tipos de capital assegurado por valores sociais, em outros termos, “o capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 166).

Assim, para o senso comum, espera-se, por exemplo, que os profissionais de Letras sejam conhecedores e reprodutores da gramática normativa, e ainda, comportem-se como verdadeiros vigilantes do “português correto” (poder simbólico), é como se o espaço institucional da academia impusesse, por meio da ideologia, uma visão única sobre LP (campo), e na verdade, o discurso acadêmico, baseado na Ciência da Linguagem, vem

desconstruir concepções ultrapassadas sobre LP e o ensino dela. Daí o conflito de ideias presente nos comentários enquanto forças discursivas divergentes que mostram como ainda temos uma escola, no geral, ancorada em práticas normativas em detrimento da variação linguística.

 s é realmente muitoooooo triste mesmo , que alguns futuros professores achem que corrigir a escrita e a fala (não que não façam isso) de maneira autoritária seja mais importante dq utilizar a linguagem trazido por eles para que possam desenvolver um trabalho de conscientização e aí sim praticar as regras da norma culta padrão . Ficar ditando regras de Bechara e Rocha Lima não adianta nada

 : Eu escolhi o curso de letras e certamente porque amo a língua portuguesa, mas o que eu já aprendi no curso faz com que eu não sinta aflição diante de erros gramaticais! Pra isso existe a linguística! Quem cursa letras sabe do que estou falando. Sem mais!
Aflição eu tenho é ver gente formada em Letras se bitolando nas regras da gramática normativa. No mínimo, nunca ouviu falar em Bagno! 😞:*

É evidente o confronto de ideias objetivadas e ancoradas em RS historicamente opostas. Sabemos que o valor e o reconhecimento atribuídos ao discurso acadêmico são construções sociais que perpassam as relações de poder e de forças simbólicas, e a escola tem grande responsabilidade na elaboração e “repassa” dos conhecimentos da academia à população, por isso é pertinente pensar nas formas pelas quais o conhecimento científico em relação à língua materna está se materializando na prática escolar e no dia a dia, ou ainda, se o ambiente educacional colabora (in)conscientemente na reprodução e perpetuação da divisão de classe, como pondera Fagundes (2017), “[...] à autonomia do sistema escolar esconde o fato de ser a escola um instrumento ideológico eficaz, que serve aos anseios da classe dominante [...]”.(FAGUNDES, 2017, p, 107).

Nesse sentido, é no mínimo intrigante pensar a posição da Ciência da Linguagem quando questionamos o papel da Linguística na sociedade em geral, cabem aqui as inquietações do pesquisador Rajagopalan (2003) ao falar da preocupação constante de fazer com que os avanços da Linguística sejam postos ao alcance da população.

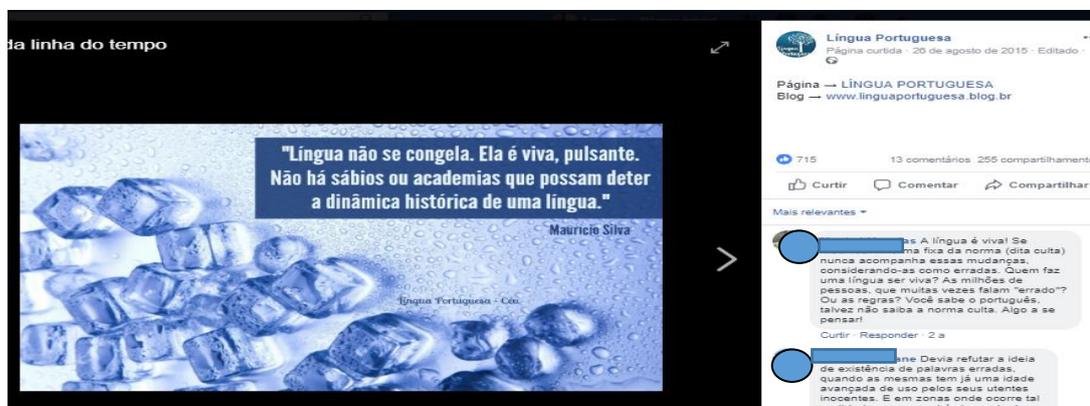
A linguística é uma ciência que, indiscutivelmente, se encontra numa fase madura em nosso país. Porém, como é do conhecimento comum, poucas pessoas fora do mundo acadêmico têm noção, ainda que vaga, do que se trata a linguística. Essa situação se repete no mundo inteiro. Estou convencido de que há uma necessidade urgente de se fazer algo a respeito. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 7).

Para Rajagopalan (2003), há uma invisibilidade da Linguística perante a opinião pública, razão pela qual é fundamental refletir sobre a atuação das instituições promotoras de discussões sobre a LP, a escola e a mídia no geral, porque compartilhamos da ideia defendida pelo autor quando afirma que “os desafios envolvidos na empreitada de “divulgar” a

Linguística entre os não linguistas não são diferentes dos desafios encontrados na tarefa de ensinar, principalmente aos alunos ingressantes num curso de linguística [...]” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 10)

Considerando as RS sociais identificadas nos comentários, podemos afirmar que a Linguística tem um longo caminho a percorrer, mesmo com o imenso esforço dos estudiosos da área, e muitos espaços a ocupar na sala de aula. E no caso da página, observamos que em postagens que supostamente levantam questões reflexivas sobre a LP (Imagem 19), com conteúdo de análise linguística, há subjacente, na verdade, uma grande influência do PTG (VIEIRA, 2018), legitimado como a LP “verdadeira” na maioria das publicações.

Figura 19 - Texto multimodal – comparação entre o gelo e a dinâmica das línguas



Fonte: <<https://bit.ly/39g5WfM>>. Acesso em 24 set.2018.

A Linguística se inclui entre as RS de resistência, como força simbólica no confronto de visões equivocadas e preconceituosas sobre LP, e por ser um campo ainda visto com ressalvas, justamente pelo domínio e poder da gramática tradicional, é normal o impacto, porque para muitos, é o novo chegando para desestabilizar o que já estava ancorado, mas aos poucos a sociedade em geral está elaborando os conhecimentos linguísticos e interpretando à sua maneira, e aqui confirmamos como se processam a objetivação e ancoragem (MOSCOVICI, 1978), em outros termos, como são assimiladas as informações dentro de um universo subjetivo e externados num ambiente objetivo e estruturado, conforme demonstram os comentários seguintes.

Uma coisa que muitas pessoas não entendem sobre os conceitos dos linguistas, e aí falam um monte de bobagens, como dizer que linguistas têm preguiça de estudar, se são eles os que mais estudam a língua e o seus usos, é que os linguistas não são contra e nem desprezam a GN, apenas entendem que há muitos contextos e situações de comunicação em que o uso dela não é obrigatório, até porque realmente existem inúmeras variações dentro de uma língua, e a GN é apenas uma delas. Aliás, a mais artificial de todas, posto que foi padronizada por regras de uso para a escrita determinadas pelo homem, desconsiderando, em grande parte, a

naturalidade da língua em uso na fala, e não à toa recebe o nome de gramática **NORMATIVA**. Mas, enfim, cada um com a sua mente, algumas abertas e muitas fechadas!



Sei que sou novo nesse campo e provavelmente falta muito estudo para, e se chegar, a uma opinião sobre esse assunto. Acho que a pergunta que tanto gramáticos quanto Linguistas deveriam fazer é: O quanto o ensino e a compreensão da gramática normativa mantem a "estabilidade" de uma língua e facilita na compreensão textual de interlocutor para com o locutor. Ou melhor; o quanto a ausência da compreensão da gramática normativa afasta o locutor e o interlocutor de uma melhor compreensão de textos (orais, ou escritos).

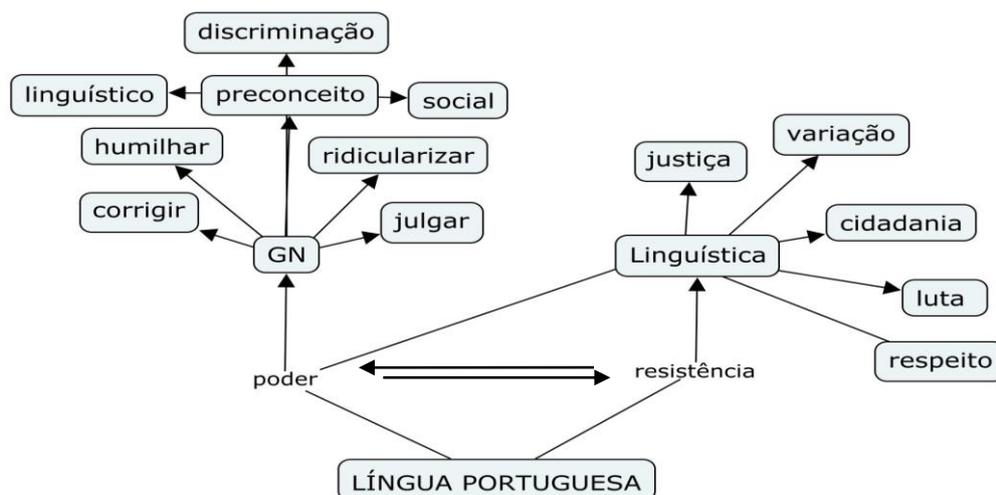
Acredito seriamente que seria um ponto interessante a ser analisado, tanto de um lado quanto do outro. (E deve ter estudos a respeito disso). Contudo acho tolo essa "disputa" que alguns gramáticos tem com linguistas e vice-versa. Acho que nem a gramática pode regradar tudo e engessar o que não pode ser paralisado por completo. Porém vejo alguns linguistas praticamente pregando que o uso inadequado é muito subjetivo...Ora isso dá margem para justamente o que acontece hoje com nossos adolescentes e crianças; Não acho errado em uma conversa na internet alguém escrever "véio", mas me preocupa o individuo não saber que cometeu tal erro. Esse discurso de inadequado e adequado tem que ser mudado e tratado (ao meu ver) como errado e correto mesmo. É óbvio que ninguém fala como escreve e não queremos um professor Paschoal corrigindo cada palavra dita em alguma conversa. Mas a partir do momento em que em uma prova mostra a um adolescente, que provavelmente não sabe a diferença entre mais e mas, que Pacolé (ou sei lá o que) é um assunto pertinente e que deve ser observado, motivamos (mesmo que indiretamente) nossos jovens a aceitarem que escrever errado não existe e que tudo isso é culpa dos malditos e antiquados gramáticos.

Novamente, sei que não é isso que os linguistas defendem, mas para todas as novas gerações (desde a minha) isso é mais do que o suficiente para desmotivar a aprendizagem da gramática normativa da língua culta; o que sabemos ser bem importante

Os dois comentários selecionados apresentam densidade analítica relevante que refletem RS no encontro entre o conhecimento familiar sobre um objeto com o não familiar, mesmo em processo de elaboração, considerando as especificidades das atividades simbólicas representacionais. Assim, as RS apresentam um dado novo (a Linguística) a um tópico conhecido (a noção comum e ancorada sobre LP), por isso encontramos noções equivocadas sobre o papel do linguista na sociedade que, muitas vezes são acusados de relativistas ou que “tem preguiça de estudar”. A noção geral é que depois da Linguística “tudo pode” ou que há uma “ode ao mau português”, e sabemos que não é exatamente isso, como afirma Faraco (2002), “o que os linguistas efetivamente vêm combatendo é o caráter excessivamente artificial do padrão brasileiro; é a concepção do padrão como camisa de força e todos os preconceitos daí advindos”. (FARACO, 2002, p. 43)

De posse de tais elucidações, identificamos outras RS pertinentes à Dimensão Poder/Resistência relacionadas à discriminação e preconceito que, por sua vez, se distribuem em RS ligadas à soberba, à arrogância, à superioridade por parte de quem “domina a língua padrão culta”, com atitudes de humilhar, julgar e punir quem não segue as regras da GN, e ainda, no confronto e enfrentamento surgem as RS de luta, resiliência, respeito, combate, justiça, cidadania e equidade, como apresentados no Mapas 5.

Mapa 5 - RS de LP - Dimensões de Poder/Resistência

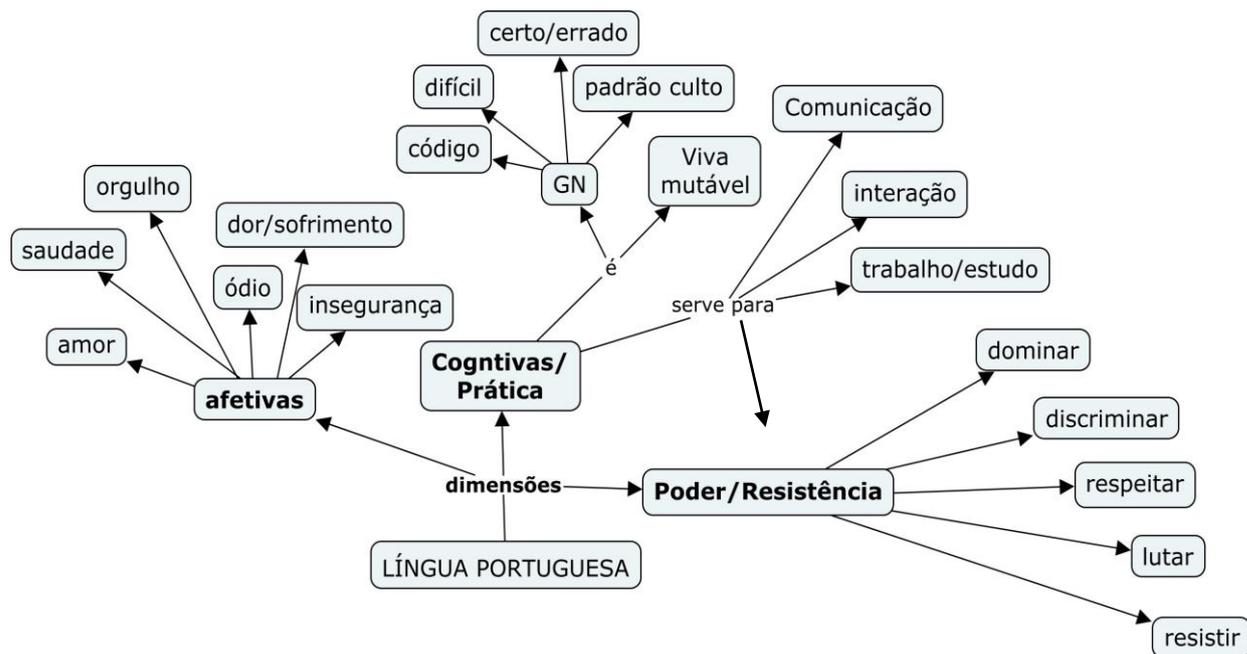


Fonte: Ferreira (2019)

As RS identificadas fazem parte de um conjunto de forças simbólicas que lutam dentro de estruturas estruturadas e estruturantes, como processos de saber/poder linguístico construído historicamente sobre a LP.

Para concluir a análise, elaboramos o Mapa 6, considerando as RS sobre LP a partir das três dimensões internas identificadas na página *Língua Portuguesa*.

Mapa 6 - RS de LP, de acordo com as três dimensões



Fonte: Ferreira (2019)

As RS identificadas no *corpus* estão alicerçada na idealização de uma suposta língua perfeita, com referência ao que acreditam ser adequado independente das situações de uso, e claro, baseados num conjunto de valores sociais elitista.

Ao falar sobre Norma-padrão brasileira, Faraco (2002) ressalta um ponto importante ao questionar por que alguns enunciados nunca perdem a vitalidade: “estão sempre ali incólumes e disponíveis para o eterno retorno” (p. 35). De acordo com o autor, a norma culta (língua padrão) voltou ao cenário midiático acompanhada do velho discurso de que a língua portuguesa vai (muito) mal no país. Para ele, o eterno retorno de certos discursos sociais sobre a língua está ainda para ser estudado e melhor compreendido. Além disso, há de se considerar duas situações colocados pelo o autor. De um lado, para fazer esse tipo de estudo não se pode perder de vista “o alerta de Foucault (1997 [1969]) sobre o funcionamento discursivo em geral: os enunciados são raros. No fundo, há pouco a ser dito, de tempos em tempos, só resta mesmo redizer esse pouco” (FARACO, 2002, p. 35). Por outro lado, no caso da língua, há pouco o que se diz sobre ela no senso comum, porém, há de reconhecer que também “é muito pouco o que temos realizado em termos de estudo e da compreensão das articulações discursivas do senso comum” (FARACO, 2002, p. 35).

O fato é que estamos em sintonia com a forma de pensar do autor: “Há, portanto, muito ainda a se fazer no destrinçamento dos dizeres sociais sobre a língua” (FARACO, 2002, p. 36). Assim, esta pesquisa foi um recorte dentro de tantas possibilidades de olhares e análises sobre as RS sobre nossa língua materna.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as RS de LP na página *Língua Portuguesa* no Facebook em postagens e comentários dos internautas, de modo a investigar como os conteúdos referentes ao idioma português são expressos e discutidos *online*. Para alcançar nossos objetivos, apropriamo-nos de conceitos da sociologia e da ideologia linguística, estabelecendo como arcabouço teórico-metodológico a TRS - Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (1978), a partir da releitura do dispositivo de interpretação apresentado por Spink (1994). Além disso, tendo em vista o viés discursivo na nossa abordagem, baseamo-nos na concepção dialógica da linguagem.

É importante retomar aqui algumas preocupações iniciais da pesquisa, como por exemplo o campo de coleta dos dados, em razão da heterogeneidade das informações que circulam na *internet* e da instabilidade própria dos espaços de escrita *online*, isso porque além da grande quantidade de conteúdo disponível, a qualquer momento a página selecionada poderia sumir do ciberespaço, o que causou um certo receio quanto à escolha do campo. Outra preocupação diz respeito às questões de ética e privacidade, principalmente por se tratar de sujeitos, mesmo que sejam representações desses, mas que carregam traços de individualidades como nomes e imagens do “mundo real”. Percebemos que diferente de outras áreas do conhecimento, as quais possuem amparo institucionalizado por meio de comitês de ética, as diretrizes para pesquisas em *internet* ainda estão se consolidando, e assim, o documento Ethical Decision-Making and Internet Research: Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0) foi muito importante para nosso trabalho. Nesse contexto, cautela na delimitação, bom senso e sensibilidade na coleta do material empírico foram imprescindíveis para o resultado final.

Considerando a atenção dada aos sujeitos da pesquisa, uma vez que trabalhamos com percepções e construção de saberes socialmente sistematizados, fizemos um levantamento teórico com vistas a compreender como os sujeitos da/na linguagem se situam em espaços de escrita *online*, em tempos de ciberespaço, assim, pautamo-nos inicialmente em Pierre Levy (1999, 2011), Castells, (2003), Recuero (2009), para refletir sobre os nuances do ambiente virtual dentro de transformações mais amplas que influenciam a dinâmica das relações humanas em redes sociais; em seguida, mas com foco em discussões sobre o comportamento linguístico/discursivo de tais sujeitos, orientamo-nos pelos estudos de Barton & Lee (2015), a partir da noção de centralidade da linguagem nas interações mediadas por computador enquanto práticas situadas. Acrescentamos a essa discussão a visão dialógica da linguagem,

assim, vimos que o signo ideológico proposto por Bakhtin/Voloshinov (1997) muda toda uma visão de língua/linguagem, e a “voz” do sujeito será determinada pelas condições concretas de enunciação, sendo assim, o signo que circula nos espaços de escrita *online* são reflexos das orientações e situações sociais reais de tais sujeitos, o que significa dizer que os sujeitos emitem opiniões e/ou posicionamentos (in)conscientes na rede. A ambiguidade proposital na expressão (in)consciente se dá em razão primeiramente da noção real das condições de produção de sentido, isto é, os sujeitos conscientemente interagem na língua e sobre a língua nos ambientes *online*; e segundo, eles não têm noção que na base de seus discursos estão subjacentes RS oriundas de diversas ideologias, garantidas pela história, sociedade, classe e das formas de constituição identitárias.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, apresentamos um retrospecto da história da LP no Brasil, no sentido de compreender a formação do imaginário sobre a língua materna, a partir de acontecimentos que determinaram estruturas sociais que direcionaram políticas linguísticas, inclusive por meio de documentos oficiais, os quais foram decisivos para a supremacia da língua lusitana em detrimento de outras tantas também faladas em território nacional. Essa tomada histórica foi importante para refletir sobre as noções de norma e gramática que delenearam a construção discursiva do português brasileiro, e ainda, institucinalizando o saber linguístico por meio de espaços de representações legitimados socialmente, ou “lugares de representação de saberes”, retomando a expressão usada por Orlandi e Guimarães (1998) ao se referirem a escolas, livros, gramática etc..

Ainda sobre norma e gramática, percebemos que mesmo com muitas normas circulando e interagindo em variadas esferas sociais, a força e permanência de determinadas visões de língua materna baseadas no componente prescritivo estão muito presentes no imaginário coletivo, e independentemente do tempo e dos avanços dos estudos em linguagem, podemos dizer que as gramáticas, de forma geral, foram e continuam sendo moldadas de acordo um projeto ideológico de saber sobre as línguas que envolve relações de poder e dominação, com a supervalorização da norma padrão culta inclusive em gramáticas com viés linguístico, conforme a constatado por Vieira (2015, 2018) na tese em alusão ao Paradigma Tradicional de Gramatização (PTG). Além disso, é importante uma revisão sobre o papel da escola, esta enquanto lugar institucionalizado para o trabalho com a língua materna e necessariamente com a gramática, no sentido do funcionamento da linguagem, como pontua Moura Neves (2009), distinto “daquilo que está arraigado na nossa concepção viciada de gramática” (MOURA NEVES, 2009, p.79).

A análise do material empírico coletado na página *Língua Portuguesa* se deu como um exercício importante e necessário que possibilitou captar/identificar conhecimentos comuns e compartilhados sobre a língua materna, num espaço público e aberto, de grupos de pessoas de várias regiões do país e nível de escolaridade diferenciado. Tendo em vista tal diversidade, o recorte feito a partir do método das RS foi fundamental para direcionarmos o enfoque das observações e assim definir as dimensões e mapear as RS.

Tínhamos a prévia noção da existência bem demarcadas de duas posições: a língua usada no cotidiano e a língua ideal. Assim, inicialmente, percebemos nos *posts* e comentários que em termos representacionais há duas LPs mediadas pelos espaços reais de circulação dos sujeitos, uma língua familiar e outra escolar, esta bem distanciada da realidade, mas isso ainda estava na superfície dos dizeres sobre a língua materna, precisávamos ir além.

Dando continuidade às nossas reflexões para fins de estabelecer categorias de análise, acreditamos que as três dimensões responderam às nossas expectativas.

Na Dimensão Cognitiva/Prática, conseguimos visualizar como as concepções de LP estão fortemente ligadas à GN, isso porque as RS revelaram que saber LP significa saber regras do “bom português”, do “português correto”, e conhecer a língua implica em dominar o código e o sistema de regras. A presença do saber institucionalizado é bem acentuada, pois boa parte do que se estabelece como adequado surge da noção disciplinar de sala de aula, como se antes de adentrar os espaços de ensino, o falante não conhecia a sua própria língua. Evidentemente que pensar assim é um equívoco. Nessa dimensão, a prática consiste em um único caminho: usar a LP de acordo com a norma ditada pela GN em todos os contextos, como já apontavam os estudos de Bagno (2002), Possenti (1996), Travaglia (2009), o que de certa forma gera insegurança nos sujeitos diante de sua própria língua materna.

No que diz respeito à Dimensão Afetiva, foi possível apreender a relação dos sujeitos no campo sensível com a língua materna, nas instâncias que os constituem como seres dotados de sentimentos, ora bons ora ruins, na forma como simbolizam as coisas do mundo. Assim, pátria, origem, identidade, família e escola representam sensações aprazíveis, com memórias saudosistas e nostálgicas, mas também incitam emoções desagradáveis, lembranças negativas e constrangedoras. As impressões de amor e ódio à língua nos comentários chamaram atenção, demandando um olhar instigante, primeiro pela facilidade em identificar tais RS; segundo, por terem passado por um processo de naturalização, pois a maioria acha normal sentir pavor, horror e sofrimento frente a realizações linguísticas, como se fosse natural experimentar ativa ou passivamente situações humilhantes. A pergunta nos entremeios da análise foi: Como pode haver sentimentos tão díspares quanto ao mesmo objeto? Percebemos a vigilância e pressão da

sociedade em geral na busca incessante de uma língua ideal, na qual a oralidade corresponderia à escrita formal, à imagem dos cânones literários, à língua lusitana, sem lugar para a variação.

Quanto à Dimensão de Poder/Resistência, observamos o levante de vozes contra o tradicionalismo e o combate ao tratamento acrítico da GN. O argumento principal vem da cientificidade inerente à Linguística. Ficou evidente nessa dimensão a presença da ideologia no sentido de dominação, uma vez que as relações de poder perpassam o jogo de interesse da luta de classes, onde a minoria privilegiada detém o controle do saber/poder sobre a língua e utiliza todo um aparato institucionalizado e midiático para inferiorizar outras variedades e menosprezar os sujeitos desprestigiados socialmente. Ficaram evidentes as RS relacionadas ao campo semântico de luta, resiliência, justiça, cidadania, igualdade e equidade, respeito.

Percebemos nessa dimensão que o embate entre o discurso popular e o discurso acadêmico é bem marcado. Assim, se as RS fazem parte de um escopo do senso comum, acreditamos que fizemos um movimento importante na tentativa de compreender, seguindo as inquietações de Rajagopalan (2003), até que ponto os resultados dos estudos científicos são postos ao alcance da população fora dos centros de pesquisa e ensino superior, uma vez que chama atenção, mesmo com o avanço da Linguística, posicionamentos carregados de mitos oriundos de visões que privilegiam somente uma variedade de língua, no caso a variedade culta padrão, julgada “naturalmente” como a “certa”, “bonita”, “adequada”, em detrimento das outras consideradas “feias”, “erradas”, “estereotipadas” (BAGNO, 2002 e 2009), situações que merecem reflexões sobre a visibilidade da Linguística na sociedade em geral.

Nosso posicionamento, enquanto pesquisadores da linguagem, consiste justamente em desnaturalizar determinadas visões e atitudes, no sentido de buscar as origens e desconstruir as ideias equivocadas tão comuns no cotidiano. Enquanto educadores, compartilhamos das afirmações de Sena (2001), pois cremos que “qualquer trabalho de caráter pedagógico é também de natureza política” (SENA, 2001, p.13), formando cidadãos críticos, participativos e conscientes das contradições históricas. E nesse contexto, temos ciência da enorme responsabilidade social que nos cabe diante de um país tão injusto e desigual como o Brasil, principalmente em tempos tristes para universidade pública em razão de desmontes impostos por um projeto de governo insano.

Ao longo da pesquisa, observamos um leque de possibilidades de análise que, por questões de delimitação própria do fazer científico, não foi possível a abordagem. Assim, entre os temas para futuras investigações sinalizamos as RS sobre a Linguística, uma vez que a ciência da linguagem ainda não ocupa lugar de destaque no imaginário coletivo, daí a importância de estudos para compreender como a sociedade está elaborando tais

conhecimentos. Na mesma linha e talvez por consequência do viés linguístico, seria interessante refletir também sobre as RS sobre o estudante e profissional de Letras, pois aparentemente estamos passando por uma crise, em que a sociedade no geral cobra e espera atitudes ancoradas em noções de língua ligadas ao prescritivismo gramatical, ao mesmo tempo em que o ensino de língua vem passando há algum tempo por grandes transformações conceituais que, por sua vez, requerem atitudes menos conservadoras em termos de língua.

Finalizamos essa pesquisa, mas com sentimento de que fechamos um recorte de um todo bem mais abrangente, e sabendo das lacunas presentes que podem ser preenchidas por outros caminhos na longa estrada acadêmica.

Referências

- ABRIC, J-C. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994. In: CRUSOÉ, N. M de C. A. *Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa*. Ano II, n. 2, pp. 105-114, 2004.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. *Representações Sociais: Aspectos Teóricos e Aplicações à Educação*. *Revista Múltiplas Leituras*. v. 1, pp. 18-43, jan./jun.2008.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 4.ed. Campinas, SP: Papiros, 2004. In: SOUZA, C.H.M, COSTA, M.A. *Fronteiras do ciberespaço*. *Revista Vértices*.v.7, n.1/3, jan./dez.2005.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 1992. In: VIEIRA, F. E. da S. *A Gramática Tradicional: História Crítica*. São Paulo, Parábola, 2018.
- BAGNO, M. (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico, o que é, como se faz*. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira et alii. 8. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. *O Problema dos Gêneros Discursivos. Estética da Criação Verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Maria Cândida D. M. *Os "línguas" e a gramática tupi no Brasil (século XVI), 1995*. In: ACTES La "découverte" des langues et des écritures d'Amérique. Paris: Assoc. d'Ethnolinguistique Amérindienne. p. 3-14. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12262136-Os-linguas-e-a->>. Acesso em 18.08.2018
- BARTON, D. e LEE, C. *Linguagem online: texto e práticas digitais*. Tradução de Milton Camargo Mota. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BEZERRA, B, G e PIMENTEL, R, L. *Normativismo linguístico em redes sociais Digitais: uma análise da fanpage Língua Portuguesa no Facebook*. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(55.3): 731-755, set./dez. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000300731&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 07.09.2019
- BÍBLIA, N. T. Romanos. In *BÍBLIA. O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Campinas-São Paulo: Os Gideões Internacionais no Brasil, 1995.
- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Monteiro. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Coleção Memória e Sociedade. Lisboa: Difel, 1989.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges; revisão de Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venâncio Majer; atualização para a 6a ed. Jussara Simões. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999). In: SOUZA, C.H.M, COSTA, M.A. *Fronteiras do ciberespaço*. *Revista Vértices*.v.7, n.1/3, jan. /dez.2005.
- CASTILHO, Ataliba T. *A Língua Portuguesa no Brasil. Artigo tema da Aula Inaugural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília*, São Paulo, 1962.

- CASTILHO. Ataliba T. *Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa*. Texto apresentado no Simpósio sobre Língua Portuguesa e Sociedade Brasileira – XXIX Reunião Anual da SBPC (São Paulo, 1997) e publicado originalmente em Caderno de Estudos Linguísticos, nº I, 1978). In: BAGNO, M. (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- COELHO, I. L., MONGUILHOTT, I. de O.e S., SEVERO, C. G. *Norma linguística do português no Brasil : 12º período – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC*, 2014.
- CRUSOÉ, N. M de C. *A Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa*. Ano II, n. 2, pp. 105-114, 2004.
- Ethical Decision-Making and Internet Research: Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0), disponível em <http://ethics.aoir.org/>
- FAGUNDES, G. de A. *Algumas reflexões em torno dos conceitos de habitus, campo e capital cultural*. Revista Café com Sociologia. Vol.6, n.2, mai./jul., 20117, p.103-123
- FARACO, C. A. *Estudos pré-saussurianos*. In: MUSSALIM, F. BENTES, Ana Christina (org.). *Introdução à Linguística: fundamentos teóricos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FARACO, C. A. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo, Parábola, 2016.
- FARR. R. *Representações Sociais: a teoria e sua história*. In: GUARESCHI, P. A. JOVCHELOVITCH, S. (org.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.
- FERREIRA, V. *Da minha língua vê-se o mar*. Disponível em: <https://terrear.blogspot.com/2008/02/da-minha-lngua-v-se-o-mar.html>. Acesso em 26.06.2018.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FRAGOSO, S. RECUERO, R. AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FRANCO. M. L. P. B. *Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência*. Cadernos de Pesquisa. V. 32. n° 121. P. 169-86. jan./abr., 2004.
- FREIRE, J. R. B. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro, Atlântica, 2004.
- FREIRE, J. R. B. *Nheengatu: a outra língua brasileira*. In: Ivana Stolze Lima e Laura do Carmo (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.
- FREITAS, M.S.P; LOURENÇO, S. C.; PITTA, S.C. *Saudade: um estudo etimológico*. Unifal em Pesquisa, 2014. Disponível em: <http://www.italo.com.br/portal/cepesq/revista-eletronica.html>. São Paulo SP. Acesso em 10.07.2019
- GNERRE, M. *Linguagem, Escrita e Poder*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GUARESCHI, P. A. JOVCHELOVITCH, S. (org.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994
- GUARESCHI, P.A. *Representações sociais e ideologia*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFUSC, Edição Especial Temática, pp. 33-46, 2000.
- GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975

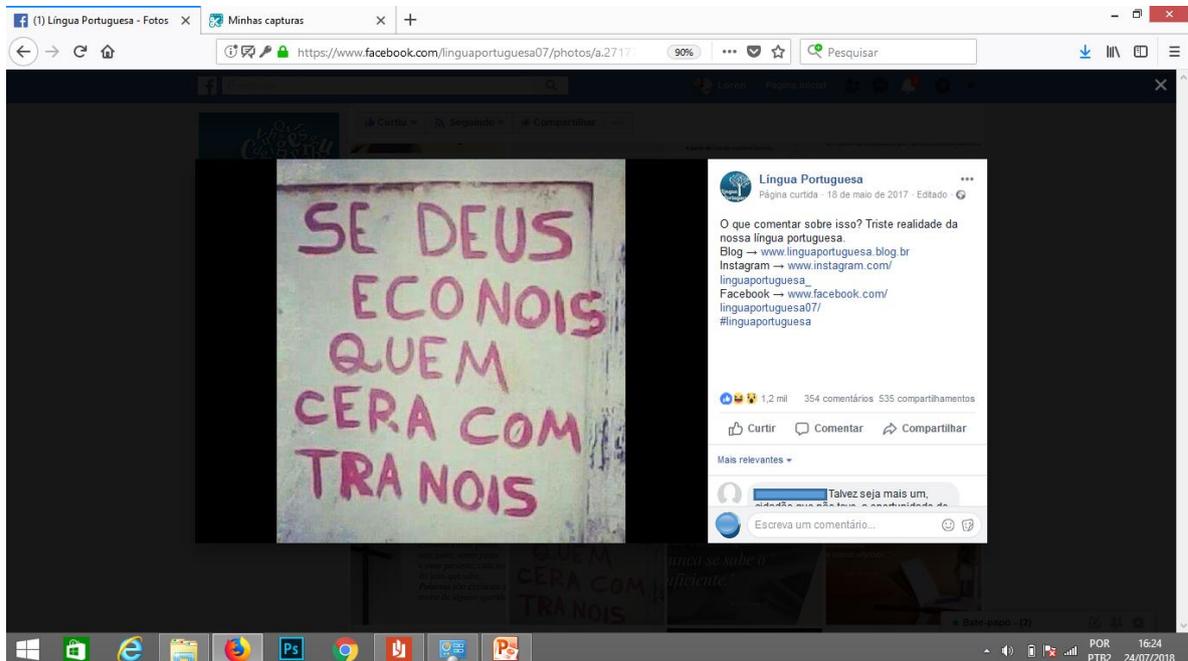
- JOHN, P. GASSER, U. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Tradução de Magda França Lopes; revisão técnica de Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre: Grupo A, 2011.
- KRESS, G. *Writing the Future: English and the Making of a Culture of Innovation*. Sheffield: National Association for the Teaching of English. 1995. In: BARTON, D. e LEE, C. *Linguagem online: texto e práticas digitais*. Tradução de Milton Camargo Mota. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LUCCHESI, D. *Norma linguística e realidade social*. In: BAGNO, M. (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MARIANI, B. *Colonização Linguística*. Campinas: Pontes, 2004. In: FARACO, C. A. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo, Parábola, 2016
- MINAYO, M. C. de S, (org.), DESLANDES, S. F. NETO, O.C., GOMES, R. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.
- MOITA-LOPES, L.P da. (org.) *Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola? Norma e Uso na Língua Portuguesa*. 3 ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- ORLANDI, Eni P. e GUIMARÃES, E. “*La Formation d’un Espace de Production Linguistique. La grammaire au Brésil*”, 1998. In: ORLANDI, Eni P. e GUIMARÃES, E (org.). *Institucionalização dos estudos da linguagem: A Disciplinarização das Ideias Linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- PAGOTTO, Emilio Gozze. *Gramatização e Normatização: Entre o Discurso Polêmico e o Científico*. In: Eni P. Orlandi (Org.). *História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional*. Campinas (SP); Pontes (Cáceres, MT), Unemat Editora, 2001.
- POSSENTI, S. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- PRUDENTE, Gabriel de Cassio Pinheiro. *Entre índios e verbetes: a política linguística na Amazônia portuguesa e a produção de dicionários em Língua Geral por jesuítas centro-europeus (1720-1759)*. Dissertação de Mestrado. UFPA. Belém (PA), 2017.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAVIOLI, F.P. O percurso das gramáticas nas ações escolares. In: MOURA NEVES, CASSEB-GALVÃO. *Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra os autores/Evanildo Bechara... [et.al.]*. 1.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- SENA, O. *Palavra, poder e ensino da língua*- 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

- SEVERO, C. G. *A invenção colonial das línguas da América*. Alfa, São Paulo, 60 (1): 11-28, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1604-1>. Acesso em 02.07.2018.
- SILVA, F. M. da. *As dicotomias saussureanas e suas implicações sobre os estudos linguísticos*. In: REVELLI: Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas ISSN 1984-6576, v. 3, n. 2, outubro de 2011, p. 38-55 Disponível em: www.ueg.inhumas.com/revelli.
- SNYDER, I (org.). *Page to Screan: Taking Literacy into the Electronic Era*. Londres/Nova York: Routledge, 1998. In: BARTON, D. e LEE, C. *Linguagem online: texto e práticas digitais*. Tradução de Milton Camargo Mota. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- SOARES, M. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>
- SOUZA, C. H. M, COSTA, M. A. *Fronteiras do ciberespaço*. Revista Vértices. v. 7, n.1/3, jan./dez.2005.
- SPINK, Mary Jane. *Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais*. In: GUARASCHI. Pedrinho, A. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- VIEIRA, F. E. da S. *A Gramática Tradicional: História Crítica*. São Paulo, Parábola, 2018.
- VIEIRA, F. E. da S. *Gramáticas brasileiras contemporâneas do português: linhas de continuidade e movimentos de ruptura com o paradigma tradicional de gramatização*. Tese apresentada à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- ZANDWAIS, A. Bakhtin/Voloshinov: *Condições de produção de Marxismo e Filosofia da Linguagem*. In: BRAIT. B. (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto: 2009.

ANEXOS

POSTS E COMENTÁRIOS

Figura 13



Fonte:

<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284.88234.271668552847123/1953807547966540/?type=3&theater>

Acesso em 24.07.2018

Talvez seja mais um, cidadão que não teve a oportunidade de estudar. Acredito que seja por isso que não soube escrever as palavras corretamente.. Fico muito mais, decepcionada quando vejo alguns jovens escreverem, pela metade, com siglas que levam até nas redações...Entretanto o mais importante é sabermos corrigir de maneira humanizada, isso porque também erramos.Afinal errar é humano!!!

Respostas:

Falar errado hoje é moda... Entre cantores de funk, sertanejo, forró etc... Pessoas com faculdade... Como o mc catra; tem faculdade de direito. Porém, fala tudo errado.

Perfeito! Quem sabe se a pessoa que escreveu teve oportunidade de estudar? Acesso a livros didáticos ou a alguém que o ajudasse? São tantos erros que a resposta só pode ser negativa. Em sua ignorância expressou os sentimentos de fé e esperança. Sentimentos que devem ser compartilhados e cultivados independentemente do uso apropriado do português. Eu tinha um grande preconceito contra esse tipo de mensagens até o dia em que li um recado de um pai praticamente analfabeto a sua filha universitária. Ele se desculpava por escrever tão mal, mas estava com saudade e queria dizer à filha o quanto a amava... Chorei. E passei a ser mais complacente com os erros gramaticais alheios.

Há casos e casos, obviamente não podemos generalizar. Mas é sabido que muitos com curso superior ou ainda estudantes tem um péssimo português, cometem erros grosseiros, inadmissíveis para um nativo.

Claro, Rosilene Vieira. Eu sou do tipo que corrijo até cartazes nas ruas e cardápios de restaurante. Não como "àlcarte" de jeito nenhum, rrsr. Mas há casos em que a pessoa nunca teve contato com a alfabetização apropriada. E casos em que universitários cometem erros crassos. Deixei apenas para estes as minhas correções (mentais ou discretas).

-  [Redacted] Ah, me poupem. Temos até médicos e advogados escrevendo errado pq são acomodados e não acham que isso é importante, que escrever não é importante, que não ad pessoas precisam se adaptar...
-  [Redacted]s Pessoas com curso superior, escrevendo errado, só mostra o quanto a educação escolar, está deixando a desejar.
-  [Redacted] Concordo.. Tô lendo o livro que chama A língua de Eulália, muito bom.
-  [Redacted] Bina neta esse livro é ótimo, mudei completamente minha visão sobre a língua portuguesa após a leitura. Parei de julgar as pessoas pela forma de falar.
-  [Redacted] A penas diferente!!
-  [Redacted] Oia la, tem genti corrigindo o cara, mais ninguem erra.
-  [Redacted] Delma, eu acreditava nisso até encontrar um cara que erra porquê simplesmente não liga para escrever certo. Aí percebi que existe gente que é idiota mesmo.
-  [Redacted] E vc tá errando muito tbm, observa direitinho.
-  [Redacted]do Rose Dylan Juro que quis acreditar que a Delma tava errando tanto de propósito, mas parece que não, rs.
-  [Redacted] Falou tudo! 😊😊
-  [Redacted] Jeová, entendeu direitinho! ... a troca de consoante, foi só um detelhe. Jeová: vê o CORAÇÃO!!!!
-  [Redacted]ira Delma Vc escreve bem... mas usa ponto e vírgula onde ã deveria.
-  [Redacted]ps Ou talvez foi só mais um aluno preguiçoso e irresponsável, como a maioria.
-  [Redacted]s Falta de oportunidade para escrever bem? A qualidade na escrita (não digo perfeição) é obtida com leitura, o problema é a que muitos possuem preguiça para ler.
-  [Redacted]ns Humildemente peço desculpas a vocês PHDS em Língua Portuguesa,Redação e Gramatica pois confesso não ter decorado as regras de pontuação...Terminei a faculdade com muita luta e sacrifício. Mas não atuo como pró minha realidade profissional passa longe da sala de aula e como disse anteriormente:" Errar é humano . E muinto pelo contrário sempre fui ótima aluna,Já sou concursada graças a Deus!! Obrigado pelas críticas queridos,com certeza me fizeram perceber o quanto vocês praticam a humanização na hora de corrigir as pessoas....Certamente irei revisar essas regrinhas de pontuação,para quem sabe de uma proxima vez eu me sinta tão inteligentes como vocês,que certamente nunca cometem sequer um" errinho".Apenas quis me expressar , prometo não dar mais minha opnião.
-  [Redacted]a Delma Martins, excelente resposta!!...Concordo com vc!

 [Redacted] Eu não critico. A pessoa conseguiu a capacidade de se comunicar, mesmo com desvios da norma padrão.

Respostas:

-  [Redacted] Estou com você. Mais do que erros gramaticais (isso se ajeita com algumas aulas) é a mensagem que se quer passar. Será que ninguém entende?
-  [Redacted] Bem, todos entenderam aqui. Mesmo com os desvios gramaticais.
A página foi preconceituosa, não levou em consideração alguns estudos da sociolinguística
-  [Redacted]lo Sim. Exatamente isso. Infelizmente, o ensino de português no Brasil ainda se encontra preso a conceitos gramaticais.
-  [Redacted] Muito legal sua postura, Rosely! Concordo com você. A página deu um fora dessa vez.
-  [Redacted]a Depende, se a pessoa em questão frequenta ainda uma sala de aula, mas recusa se a estudar de fato, está errado escrever assim.
Mas caso esta pessoa nao teve oportunidades de estudos é perdoavel sim!!

Depende do contexto.

[\[Redacted\]](#) a Tb compartilho da mesma visão.

[\[Redacted\]](#) llo ESTOU COM A PÁGINA. POR CAUSA DESSA LENIÊNCIA É QUE MUITOS JOVENS ESTÃO DO JEITO QUE ESTÃO. PRA ALGUMAS SITUAÇÕES DEVE-SE TER MENOS TOLERÂNCIA.

[\[Redacted\]](#) elo Às vezes, o importante é a mensagem. Sarney é imortal da Academia Brasileira de Letras, escreveu livros, e nenhuma palavra escrita nessas obras ---- embora escritas corretamente--- carrega alguma mensagem.

Respostas:

[\[Redacted\]](#) Sarney é um imortal da Academia Brasileira de Letras, escreveu várias publicações e no entanto é um ladrão, corrupto e vagabundo. Velho coronel da política e está envolvido na Lava-Jato.

[\[Redacted\]](#) Benício José aqui estão se referindo aos defeitos ortográficos, que são corrigíveis, vc está se referindo ao defeito de caráter que infelizmente é irreversível.

[\[Redacted\]](#) Não importa se para a humanidade esteja errado! o mais importante de tudo... é a #Fé de quem escreveu. Sei que estão falando da língua portuguesa, é só um momento de desabafo. Boa noite!

[\[Redacted\]](#) Então, se compreendi bem as mensagens, a mensagem que há nelas é que tanto faz escrever bem ou mal, perto ou longe do padrão gramatical. Será então que vale a pena ensinar nas escolas a escrever bem ou é mesmo tempo perdido?

Respostas:

[\[Redacted\]](#) Não é isso que está sendo colocado. A questão é que, no tocante à mensagem do post, não devemos julgar, uma vez que não sabemos se a pessoa que a escreveu teve pouco ou mesmo nenhum contato com a escrita. Outro ponto que deve ser colocado, diz respeito ao fato de que, as famigeradas regras de ortografia devem ser SIM ser respeitadas, a depender da situação. Logo, não é "tudo pode", mas sim "em que contexto pode".

[\[Redacted\]](#) Lógico! E qual é a dita situação? Segundo li, importante é que a pessoa que escreveu o texto da fotografia comunicou a sua mensagem. Com certeza, deu para compreender, mas isso não tira a importância de escrever com correção, porque afinal não vai dar para entender. Regra de ortografia não é coisa absurda imposta, é maneira para as pessoas entenderem bem o que está escrito.

[\[Redacted\]](#) Exatamente! Não há absurdo algum nas regras ortográficas. O absurdo reside no fato de alguns se acharem os "bons no português" e ficarem por aí corrigindo tudo e acusando os outros de assassinar o português sem, ao menos, analisar o contexto.

[\[Redacted\]](#) Mas corrigir não é acusar. O professor que corrige o aluno não o acusa. Acho que a intenção da professora não foi acusar a pessoa que escreveu o dito texto, mas chamar a atenção de todos nós (em fim dos falantes de português) para não fazer esses erros. E talvez para chamar a atenção das autoridades da necessidade de ensinar os alunos a escrever corretamente não apenas na escola, mas ao longo das suas vidas.

[\[Redacted\]](#) o Então é possível que tudo que eu tenha estudado em Letras acerca dos usos envolvendo a língua portuguesa esteja errado. Fiquemos, então, com nossas convicções. 🍷

[\[Redacted\]](#) Triste realidade é essa sociedade desigual e esse ensino nada atrativo. Promovam os estudos linguísticos, nós não precisamos de mais um preconceito. 😊;

[\[Redacted\]](#) "Prefiro ficar com Deus e ser julgado pelo mundo, do que ficar com o mundo e ser julgado por Deus."

A página é interessante, mas precisa se atualizar. Postagens como essas não são raras por aqui, já descurti outras páginas por bem menos, não acho legal essa ideia de criticar quem não escreve ou fala de acordo com a língua da elite. Triste fim.

 [\[Redacted\]](#) A triste realidade não é a da Língua Portuguesa, e sim a da falta de acesso a educação de qualidade.

Com certeza a pessoa que escreveu é alguém que não teve uma melhor oportunidade, por circunstâncias que a maioria de nós que estamos na página desconhecemos.

Sem mais...

 [\[Redacted\]](#) Quem domina 100% a língua portuguesa? Segundo o MEC, 75% dos Brasileiros, não sabem ler, escrever e interpretar um texto corretamente. Eu estou incluso nesse percentual. O importante é se fazer entender.

 [\[Redacted\]](#) Felizmente existe uma área chamada linguística. O importante dos atuantes da área é entender e ver que o código está sendo traduzido. Nem sempre devemos só nos deparar só com regras gramaticais.

 [\[Redacted\]](#) Não tenho como provar a minha tese sobre essa mensagem. Mas pelo traço das letras , isso não foi escrito por alguém semi analfabeto . Quem escreveu tentou forjar uma linguagem caipira mas a mim não enganou . Valeu pela criatividade . Pode assumir kkkk

Respostas:

 [\[Redacted\]](#) Caipira? Será que só os caipiras são analfabetos? Ofensa é crime.

 [\[Redacted\]](#) Você e quem leu o comentário, entendeu mto bm o que eu quis dizer. No Brasil dizemos caipira as pessoas que não tem acesso a escolas, vivem em centros urbanos ou em comunidades restritas e portanto tem dificuldades de escrever e de falar. Se considerou ofensa terá que questionar, inclusive emissoras de televisão que usam essas expressões . Eu quis defender e vc quer polemizar ? Menos viu . Tenha um bom dia

 [\[Redacted\]](#) Sua expressão maior , apesar de tão pouca intimidade ou oportunidade com nossa língua.

Resposta:

 [\[Redacted\]](#) Exato! Quem sabe se a pessoa que escreveu teve oportunidade de estudar? Acesso a livros didáticos ou a alguém que o ajudasse? São tantos erros que a resposta só pode ser negativa. Em sua ignorância expressou os sentimentos de fé e esperança. Sentimentos que devem ser compartilhados e cultivados independentemente do uso apropriado do português. Eu tinha um grande preconceito contra esse tipo de mensagens até o dia em que li um recado de um pai praticamente analfabeto a sua filha universitária. Ele se desculpava por escrever tão mal, mas estava com saudade e queria dizer à filha o quanto a amava... Chorei. E passei a ser mais complacente com os erros gramaticais alheios.

 [\[Redacted\]](#) Eu entendi a mensagem!! Mesmo não sendo crente, respeito quem tem fé. Não conheço a realidade de quem escreveu. Uma triste realidade é o julgamento!!

 [\[Redacted\]](#) "A lingoagem e figura do entendimento (...). Os bos falam virtudes e os maliçiosos maldades (...). Sabe falar os q etede as cousas: porq das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas." Extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536). Pois é. Espero que todos possamos refletir um pouco.

 [\[Redacted\]](#) Tem gente escrevendo correto, mas não sabendo pontuar (nestes comentários).

Respostas:

 [\[Redacted\]](#) Percebo muito, falta de vírgulas.

 [\[Redacted\]](#) Sujeito+ verbo+ complemento. Nessa ordem direta, não tem vírgula!

 [\[Redacted\]](#) Eu entendi. Entendi bem. Um cidadão que expôs no muro sua fé e sua exclusão. Li esperança. Achei poético.

Resposta:

 [\[Redacted\]](#) Penso exatamente assim!

 [\[Redacted\]](#) Triste realidade...não tenho muito estudo,mas vejo aqui msm no Facebook cada escrita q é um verdadeiro assassinato a nossa língua...😞😞😞😞.

 [\[Redacted\]](#) ão é questão de falta de oportunidade de estudar pois trabalho em escola e vejo alunos no ensino médio q escrevem assim, a questão é não querer aprender, ser aprovado mesmo não sabendo nada, não querem ler e quando tem livros a disposição deles não prestam atenção no q está escrito. Falta interesse para aprendizagem.

Respostas:

 [\[Redacted\]](#) Vdd, mas tb trabalho com crianças em tempo de aprendizagem e a vida de muiiitas delas é tão dura e cruel q elas não tem nem cabeça e vontade pra estudar. Falta o básico, falta comida na mesa, falta saber lher dar com o pai/mãe/cuidador dependente quími... [Ver mais](#)

 [\[Redacted\]](#): Realmente os problemas são muitos e apenas àqueles q querem ter uma vida melhor e se preocupam com seus destinos se empenham nos estudos, felizmente ainda consigo ver alguns poucos entrarem numa faculdade ou conseguirem um emprego promissor apesar de passarem por todos os problemas mencionados por vc.

 [\[Redacted\]](#) Houve um erro na digitação quis dizer empenham.

 [\[Redacted\]](#) Gente, a página é Língua Portuguesa...então é para chamar atenção aos erros de português!

 [\[Redacted\]](#) Se o problema do Brasil fosse esse... Se comunicou não? Passou a mensagem que queria não? Só não usou a norma culta. Pior quem usa a norma culta e não pensa... 😞😞😞😞😞😞😞

Respostas:

 [\[Redacted\]](#) Não justifique os erros gramaticais, eu sou estudante do idioma português ainda e vocês devem dar o exemplo sabe.

 [\[Redacted\]](#) Querida... Eu também sou estudante de Letras, e sei usar a norma culta. Mas infelizmente, muitos não conseguem!!!

 [\[Redacted\]](#) Além do mais... Tenho o direito de dar a minha opinião... E não me lembro de ter pedido a sua sobre a minha... 😊☐😊☐😊

 [\[Redacted\]](#) 🦉☐ Snigifica que a sua Fé é infinitamente superior à nossa Caridade... Em 18/5/17

 [\[Redacted\]](#) Pra quem escreveu,o importante foi entender a mensagem...kkkk

 [\[Redacted\]](#) Quem sou eu para criticar, tds que leu entendeu a msg, vamos respeitar a linguagem coloquial! !!!

 [\[Redacted\]](#) A dona ou o dono e seus adms são idiotas e não deveriam estar gerenciando uma página chamada "Língua portuguesa" e sim "Idiotas que não deveriam estar gerenciando uma página chamada Língua Portuguesa"

 [\[Redacted\]](#) e hablo español, pero hasta yo se que es un crimen ortográfico!

 [\[Redacted\]](#) Não sabe escrever corretamente, de acordo com a nossa ortografia, mas tem uma fé grande.

 [\[Redacted\]](#) o Ele escreveu do jeito que ouve, com certeza não terminou os estudos.

Respostas:

 [\[Redacted\]](#) Ouve ..de ouvir.

 [\[Redacted\]](#) Muito obrigada por avisar!

 [\[Redacted\]](#) Tive de ler duas vezes porque não achava se era português ou não. Kskks

 [\[Redacted\]](#) Mais importante é a mensagem que pode ser perfeitamente entendida.

 [\[Redacted\]](#) Lembrando que temos vários alunos do ensino médio entrando em faculdade não muito distante !

Resposta:

 [\[Redacted\]](#) s Tem gente saindo da faculdade não muito distante.

 [\[Redacted\]](#) "SE DEUS ECONOIS QUEM CERA COMTRA NOIS" Resposta: Aqueles que se acham donos da língua portuguesa e não conhece a realidade do outro.

 [\[Redacted\]](#) Lendo alguns comentários começo a pensar q se o importante é se fazer entender então para q estudar não é mesmo?

Resposta:

 [\[Redacted\]](#) z Olha, sou formada em Letras e o que as pessoas estão defendendo é que não haja preconceitos linguísticos. Não existe apenas a norma padrão, cercada de regras e que deve ser seguida rigidamente. Existe também a linguagem coloquial e as variações. Uma pessoa menos escolarizada não pode ser criticada pela sua fala ou escrita se ela atingiu seu objetivo de se comunicar. A Língua Portuguesa não é única e ela é mutável. Observação: o que se aprende na escola é a norma padrão com um intuito que vai além da comunicação.

 [\[Redacted\]](#) e Mais um post boboca desses e eu para de seguir essa página. Criticar os outros por uma capacitação que lhes foi negada é maldade.

 [\[Redacted\]](#) a Tomara que Deus não seja enjoado que nem eu e perdoe os semi analfabetos.

 [\[Redacted\]](#) a Tem outra coisa. Coisa pessoas com 2 faculdades que escrevem e falam errado. Eu posso pois sou semi analfabeta

 [\[Redacted\]](#) Aquele que escreveu a mensagem transgrediu a norma culta da língua... Resta saber os motivos. Óbvios, talvez.

 [\[Redacted\]](#) a Muito mais importante do que empregar a norma padrão, é transmitir uma mensagem de fé. Isso já é uma grande coisa.

 [\[Redacted\]](#) c Alexandre Anello, não sei porque mas me lembrei de vc!

 [\[Redacted\]](#) b E o que dizer de: vc, blz, vlw, tmb, sds? [#Preconceito Linguístico](#)

 [\[Redacted\]](#) econois eh um bom nome para uma marca de produtos ecologicamente nozeficados kkkkk

 [\[Redacted\]](#) E agora pouco em uma página de um gringo que fala português é ensina inglês uma brasileira mandando ele aprender português direito por que ele escreveu comece (com ç).

 [\[Redacted\]](#) As pessoas deviam pelo menos pedir opinião a quem sabe antes de escrever por aí nas ruas coisa com coisa.

Respostas:

 [\[Redacted\]](#) s Dúvida ..vou ao Google

 [\[Redacted\]](#) Sim, pelo menos àqueles que não têm acesso a internet podiam optar em perguntar como se escreve certas palavras,principalmente quandoné pra escrever e colocar na rua.

 [\[Redacted\]](#) h EU! Faria, a quem escreveu essa desgraça, lamber essa porcaria até desaparecer.

 [\[Redacted\]](#) O recado foi dado
Deus entende e não vejo tristeza e sim a inocência de um bom coração.

 [\[Redacted\]](#) os Certa vez o fazendeiro cuidado de suas galinhas para o raposa mão comer chegou seu vizinho é falou vamos para igreja ele disse posso nao estou cuidando das galinhas, disse o vizinho Deus cuida quando chegaram na igreja o pastor falou Deus está aqui o fazendeiro xiiiiiii já era minha galinhas

 [\[Redacted\]](#) Concordo com ambos os comentários abaixo(Delma e Rosely). Quem assim escreveu desconhece a maneira correta de expressão, portanto, devemos sempre, em casos desta natureza, buscar entender o real significado. Nada a criticar.

 [\[Redacted\]](#) Esse Pessoa talvez não teve oportunidade de estudar. Então Vamos valorizar a mensagem e não os erros de português. E muito fácil criticar o outro em vez de ver o outro lado da história.

 [\[Redacted\]](#) a A intenção foi boa, mas dói nos meus olhos e ouvidos!!! 🤔🙄

 [\[Redacted\]](#). Ninguém, ninguém, ninguém kkk

Resposta:

 [\[Redacted\]](#) Tudo podemos naquele que nos fortalece kkk

 [\[Redacted\]](#) br Eu soffr muinto, dizem que eu inscrevo errado, mais eu nao vejo içõ, mim ensinaraõ asim, e eu aprendi asim.

 [\[Redacted\]](#) Triste realidade das escolas brasileiras, crianças estão chegando no seu 5 ano escolar, escrevendo exatamente assim.

 [\[Redacted\]](#) r Olha, já vi pessoas formadas com erros gritantes. Para Béns separado, em gassada (engrçada) a última quase infartei de rir.

 [\[Redacted\]](#) O importante é a mensagem.

Essa pessoa é muito esforçada.

Parabéns para ela.

 [\[Redacted\]](#) Pelo menos "se Deus" tá certo...kkkkk

 [\[Redacted\]](#) Quem usa cera com "tranois" usa cera "econóisica" e, assim, defende a "econogía". O cara ta dizendo que "usar cera que contém Tranois é de deus"!

 [\[Redacted\]](#) a A língua portuguesa 😄🤔

 [\[Redacted\]](#) A Língua Portuguesa será contra com veemência, miserávi!!!

 [\[Redacted\]](#) [\[Redacted\]](#) Contra vocês um PROFESSOR DE PORTUGUÊS. 📖📖📖📖📖

 [\[Redacted\]](#) A língua portuguesa

 [\[Redacted\]](#) A língua portuguesa com Certeza está contra kkkkkkkkkk

 [\[Redacted\]](#) A língua portuguesa!

 [\[Redacted\]](#) Camões venha ler isto!

 [\[Redacted\]](#) A língua portuguesa com certeza é contra essa pessoa. Kkk...

 [\[Redacted\]](#) Mais vale a fê.

 [\[Redacted\]](#) b Pelo menos tem fê

 [\[Redacted\]](#) Os gramáticos kkkk

 [\[Redacted\]](#) 🤔🙄 Tudo zêles cerão...

 [\[Redacted\]](#) Mixel Temi!

 [\[Redacted\]](#) 😄😄😄😄😄😄😄 misericórdiaaaaaaa

Resposta:

 [\[Redacted\]](#) Tadinho Eddna vc ñ deixa passar nada.

 [\[Redacted\]](#) o Isso é de matar, meu Deus...

Resposta:

 [\[Redacted\]](#) b Essa é de doer kkkkk

 [\[Redacted\]](#) s quem cerá [\[Redacted\]](#) l????? kkkkkkkkk

Respostas:

 [\[Redacted\]](#) Meuuuuuu panhê 🤔🤔🤔🤔🤔🤔

 [\[Redacted\]](#) s o que tacon te ceno?

 [\[Redacted\]](#) l Eu num sabu 😞😞😞😞😞😞 kkkkkk

 [\[Redacted\]](#) s alguem mim expricaaaaaa kkkkkk

 [\[Redacted\]](#) Pur favor kkkk

 [\[Redacted\]](#) s HORRÍVEL, MAS ELE SE COMUNICOU DA FORMA QUE ELE SABE FAZER.

 [\[Redacted\]](#) a Que a fé move montanhas! kkkkkk

 [\[Redacted\]](#) Conheço universitários que escreveriam ainda pior essa frase...

 [\[Redacted\]](#) Olha isso Parça [\[Redacted\]](#)!

Resposta:

 [\[Redacted\]](#) É triste, parça! Decadência total.

 [\[Redacted\]](#) infelizmente muitos nao sabem escrever e ler corretamente

 [\[Redacted\]](#) Eu entendi!

 [\[Redacted\]](#) Mesmo escrevendo assim conseguiu se comunicar e expressar um sentimento.

 [\[Redacted\]](#) Nem mesmo a ortografia.

 [\[Redacted\]](#) Kkkkkk if God is for us, who can be against us!

 [\[Redacted\]](#) Nós mesmo é contra nós... 😊☐😊☐

 [\[Redacted\]](#) Muito triste

 [\[Redacted\]](#) fo O português manda um oi

 [\[Redacted\]](#) b falta de estrutura educacional.

 [\[Redacted\]](#) a Cruzes!

 [\[Redacted\]](#) s A ortografia.

 [\[Redacted\]](#) Prefiro nem comentar.

 [\[Redacted\]](#) A gramática

 [\[Redacted\]](#) s Triste!!!!

 [\[Redacted\]](#) Contra ele, somente a língua portuguesa kkkkk.

 [\[Redacted\]](#) Quase não decifrava! 🤔☐

 [\[Redacted\]](#) Morri rrsrrsrs.

 [\[Redacted\]](#) s Pelo menos Deus escreveram com D maiúsculo.

 [\[Redacted\]](#) Está certíssimo esse enunciado.

 [\[REDACTED\]](#) E nois rrsrs
 [\[REDACTED\]](#) Gzus ! 😊🙄
 [\[REDACTED\]](#) Português nois sabe
 [\[REDACTED\]](#) e lamentavel mesmo
 [\[REDACTED\]](#) O professor de portugues rrsrs
 [\[REDACTED\]](#) s A gramática... Kkkkkk
 [\[REDACTED\]](#) a Pelo menos escreveu Deus com letra maiúscula 😊👉
 [\[REDACTED\]](#) Lamentável.
 [\[REDACTED\]](#) a Se DEUS é com nós,quem será contra nós.
 [\[REDACTED\]](#) Uma pena mesmo..mais chega ser até engraçado...rrrs 😊🙄
 [\[REDACTED\]](#) u O importante que o letrado entendeu a fala. 😊🙄
 [\[REDACTED\]](#) Deus, ajude-me ! Está muito difícil
 [\[REDACTED\]](#) O português, o professor, ... Etc etc
 [\[REDACTED\]](#) b Ainda bem que o nome de Deus está certo.
 [\[REDACTED\]](#) A PROFESSORA DE POTUGUÊS SE ELA SOBREVIVER AO LER ESSE TEXTO
 [\[REDACTED\]](#) Deus entende... 😊😊😊😊😊😊
 [\[REDACTED\]](#) pois eh tia [\[REDACTED\]](#) hehehe

Resposta:

 [\[REDACTED\]](#) a Pois é, mesmo que a escrita esteja errada, dá pra entender.

 [\[REDACTED\]](#) Karoline, quem? Quem? Queeeemmmmm?
 [\[REDACTED\]](#) Nesse caso o importante é a fé não a escrita
 [\[REDACTED\]](#) A polícia.
 [\[REDACTED\]](#) Aurélio será contra "nois"!
 [\[REDACTED\]](#) Linguistas não curtiram essa postagem...
 [\[REDACTED\]](#) Cultura MC. Com todo respeito aos mestres de cerimônias
 [\[REDACTED\]](#) A língua portuguesa será radicalmente contra nós
 [\[REDACTED\]](#) As regras gramaticais, amigo, elas serão contra você! 😊🙄
 [\[REDACTED\]](#) a Quem CERA ??? USOUVIDO
 [\[REDACTED\]](#) Meus olhos sangram quando vejo isso!
 [\[REDACTED\]](#) O dicionário de português? Kk
 [\[REDACTED\]](#) O professor de português ...
 [\[REDACTED\]](#) a gramática! 😊😊😊😊😊😊
 [\[REDACTED\]](#) Todos esses com esse português

-  [\[redacted\]](#) O português com certeza
-  [\[redacted\]](#) Só ficou claro que a pessoa é contra o Português! 😞☐
-  [\[redacted\]](#) O Aurélio "cera contra nois."
-  [\[redacted\]](#) O português
-  [\[redacted\]](#) Valeu pela fé!
-  [\[redacted\]](#) Só Deus salva essa pessoa, kkkkk
-  [\[redacted\]](#) assim que é com a lingua francêsê.....
-  [\[redacted\]](#) Os gramáticos?
-  [\[redacted\]](#) Só Jesus na causa dessa ortografia?
-  [\[redacted\]](#) Aaaaaaiiiiiii...
-  [\[redacted\]](#) O portuga
-  [\[redacted\]](#) Mais um cristão Kkkkkkk
-  [\[redacted\]](#) Minha nossa!! quantos erros 🤔😞
-  [\[redacted\]](#) Delma Martins, concordo com seu texto.
-  [\[redacted\]](#) A gramática.
-  [\[redacted\]](#) Misericórdia
-  [\[redacted\]](#) lamentável!
-  [\[redacted\]](#) A gramática.
-  [\[redacted\]](#) Lamentável
-  [\[redacted\]](#) Coitada da nossa" Ultima flor do Lacio
-  [\[redacted\]](#) Ken Cerra ? Quase Tive Um Infarto
-  [\[redacted\]](#) Tinha que ser um crente
-  [\[redacted\]](#) Nosso país.
-  [\[redacted\]](#) Terrível!!!!
-  [\[redacted\]](#) - emotion de risada
-  [\[redacted\]](#) emotion de choro
-  [\[redacted\]](#) emotion de choro
-  [\[redacted\]](#) XUPONHO QUE NINGUÉ...
-  [\[redacted\]](#) Quando tu escreveu isso, [\[redacted\]](#)?
-  [\[redacted\]](#) so DEUS mesmo...rsrsrs...
-  [\[redacted\]](#) O que vale é a intenção kkkk [\[redacted\]](#)
-  [\[redacted\]](#) À mein
-  [\[redacted\]](#) ro Como pode? Tem gente que escreve como fala. Conheço pessoas assim.
-  [\[redacted\]](#) Kkkkkkk nen Deus ajudar.....

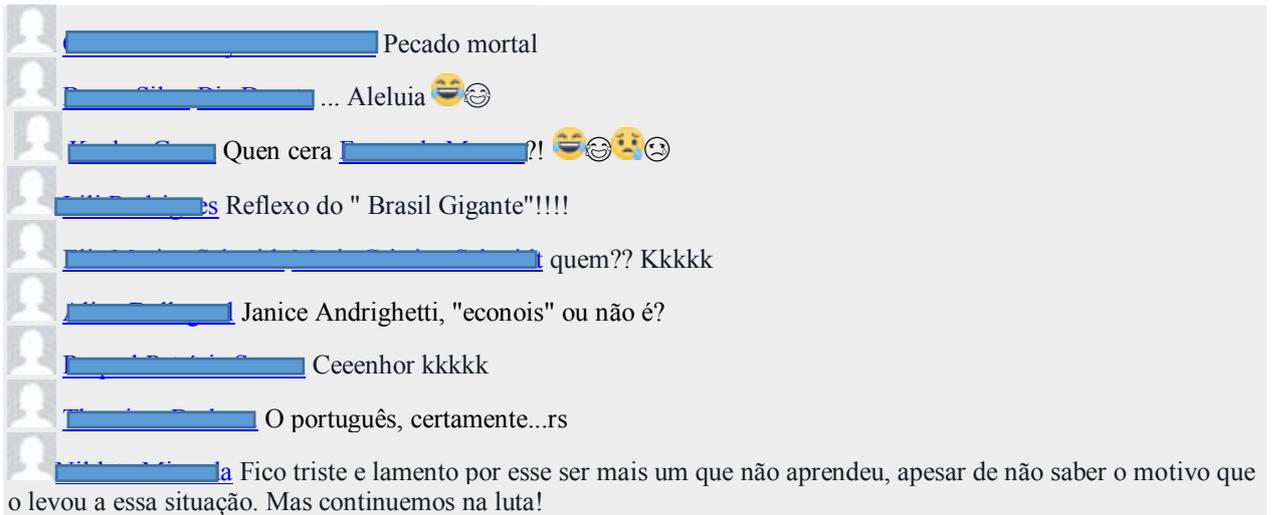
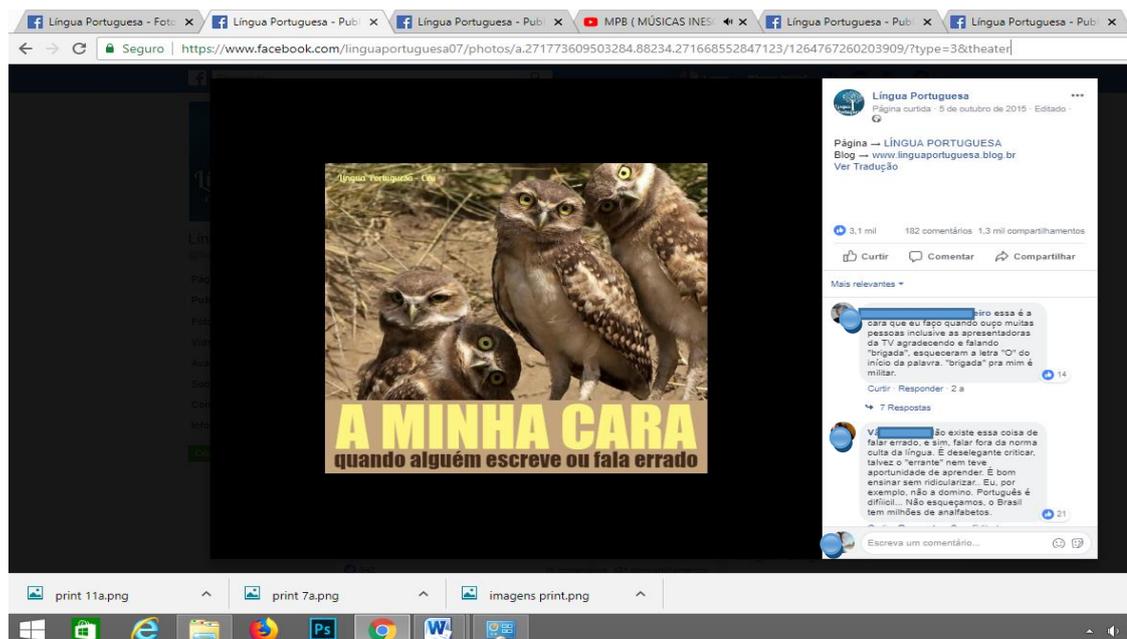


Figura 14

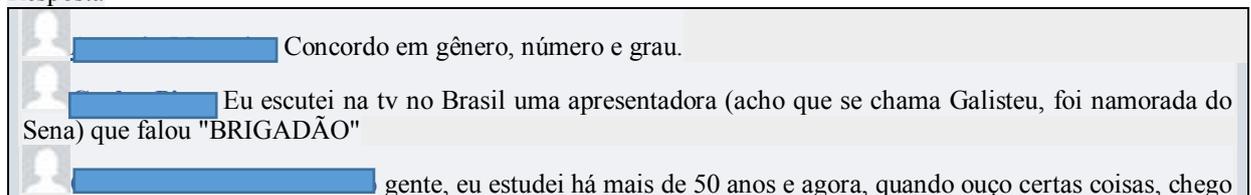


Fonte:

<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284.88234.271668552847123/1264767260203909/?type=3&theater>. Acesso em 24.07.2018.

Essa é a cara que eu faço quando ouço muitas pessoas inclusive as apresentadoras da TV agradecendo e falando "brigada", esqueceram a letra "O" do início da palavra. "brigada" pra mim é militar.

Resposta



a pensar que eu é que estou errada, desatualizada, etc...

██████████ Péssimo tb é ouvir mulheres dizerem "obrigado"!!!

██████████ ASSIM COMO VEJO DIÁRIAMENTE JORNALISTAS APRESENTADORES DE TELEVISÃO PRONUNCIAREM "TAMEM" AO INVÉZ DE TAMBÉM, É MUITO FEIO, EM SE TRATANDO DE PROFISSIONAIS DE TV!

██████████ Achemos que o português é difícil pelas várias regras gramaticais e é um pensamento justificável, afinal, o português que aprendemos nas escolas é muito ultrapassado. A nossa realidade FALADA foi a única coisa que evoluiu. O que se estuda nas escolas são regras de muitos anos atrás o que não se agrega com a realidade ATUAL. Mito 3, Preconceito Lingüístico - Marcos Bagno

██████████ A língua É viva!

██████████ Não existe essa coisa de falar errado, e sim, falar fora da norma culta da língua. É deselegante criticar, talvez o "errante" nem teve oportunidade de aprender. É bom ensinar sem ridicularizar.. Eu, por exemplo, não a domino. Português é difícil... Não esqueçamos, o Brasil tem milhões de analfabetos.

██████████ mas um jornalista será que não teve oportunidade de aprender ? Os meio de comunicação deveriam ser os primeiros a divulgar a "NORMA CULTA DA LÍNGUA"

██████████ Concordo Odete Monteiro...

██████████ Isto aprendi com meus mestres na faculdade!! Parabéns pelo comentário!!

██████████ Ixisti sim amiga. Concereteza ixisti essa coiza di falá erradu!

A comunicação é uma das formas de expressar sentimentos, emoções, desejos, dúvidas, anseios, inquietações. O uso inadequado da língua, leia-se: concordância, regência, PONTUAÇÃO etc., pode não apenas passar a mensagem diferente da querida, como também confundir o interlocutor induzindo-o a um erro (muitas vezes crucial). Se em um artigo, por exemplo, poderá influenciar um número incontável de pessoas a uma ideia distinta da originalmente idealizada. Se em uma conversa comum, poderá causar uma interpretação totalmente inequívoca. Se em um discurso de um líder, sabe-se lá Deus as proporções catastróficas conseguidas.

É importante comunicar-se adequadamente, dentre vários outros motivos, porque queremos ser compreendidos de forma coerente com o que quisemos dizer.

"Às notas estão anexas as folhas."

Retire a crase e eis que nunca saberemos quem está anexo em quê.

"Minha boca na sua, rola?"

Retire a vírgula e teremos uma interpretação "levemente" diferente...

"Amem!!!"

Ponha um acento e teremos outro significado.

O uso adequado, coerente e coeso da língua não é útil "apenas" para podermos nos comunicar melhor, e de forma mais eficiente. Saber usar e abusar as ferramentas do idioma e nutrir-se do seu vasto vocabulário, não "só" deixa nossa comunicação mais rica, como também torna mais próximo as complexas emoções que estão dentro de si da folha de papel. E isso é mágico, cara! Não é chato quando não conseguimos expressar nossos sentimentos? Não é chato quando não entendem o que queremos dizer? Não é terrivelmente chato quando interpretam diferente nossas ideias ditas?

cara, há coisa mais chata do que olhar para a mensagem do cidadão e pensar: "inferno!, que diabos ele quis dizer..."

██████████ O chamado preconceito linguístico. Gírias, dialetos e palavras usadas na comunicação de determinados grupos não constituem erro na fala. A língua é viva e se adapta ao meio. Na hora de escrever existe a regra culta e apenas na escrita pode haver o erro. Na fala jamais. Preconceito linguístico.

██████████ Freire Leonardo, perfeita sua resposta!

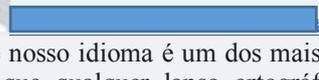
██████████ Sim, em relação a escrita, claro que devemos obedecer as regras etc. Mas na comunicação nada disso importa. O importante é se fazer entender e ponto final. O que eu faço com todo esse argumento, "Cara de nojo" pra quem não fala usando as 357 mil regras gramaticais no dia a dia??? Puro conservadorismo!

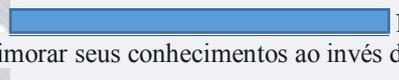
██████████ Claro que importa saber usar e bem a língua!! Sou professor de Protugues e sei bem disso. O fato de termos muitos analfabetos não pode servir pra nos conformarmos com o mal uso, tanto na escrita quanto na fala, Justamente por haver vários registros usados em diferentes situações linguísticas, é que é preciso saber

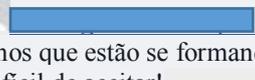
usar e bem cada um deles. Quem só domina o uso coloquial tem limitadas as suas oportunidades, inclusive profissionais.

  Pois vou usar sua medida, Jader Reis. Utilize as regras e faça BOM uso na escrita (contrário de BOM e MAU com U) Passe bem!

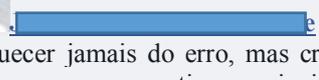
  Passada... Como uma página que deveria estimular a educação, acaba incitando o preconceito linguístico? No falar, desde que haja entendimento entre os falantes, não existe essa de certo e errado; existe o diferente. Já ouviram falar em variedades lingüísticas? Variedades regionais? Saco cheio de tanta discriminação!

  a Esta é a face do pedantismo linguístico. É preciso humildade para compreender que nosso idioma é um dos mais complexos, gramaticalmente falando. Censurar com arrogância é mais lastimável do que qualquer lapso ortográfico cometido. Quem de nós nunca cometeu um erro com relação ao manejo gramatical da língua portuguesa? Se tiver de "corrigir" o erro gramatical de alguém, que não seja na base da prepotência ou menosprezo!

  Não precisamos ser radical quanto a isso. O importante é cada um procurar aprimorar seus conhecimentos ao invés de ficar criticando os outros.

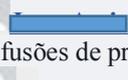
  Eu respeito quem fala errado, talvez não tiveram chance de estudar mas, o que dizer dos alunos que estão se formando? Mas, triste é vermos e ouvirmos comunicadores, apresentadores falando errado! Isso é difícil de aceitar!

  Não faça caras quando falam errado. Muitas pessoas não tiveram as mesmas oportunidades que você teve.... Além disso, como professora de línguas, fico feliz ao ver meus alunos e amigos de facebook escrevendo, escrevendo, mesmo que não seja correto..... pelo menos estão praticando..... Se você olha assim para quem fala errado, você vai estar tapando a boca dessas pessoas e suas tentativas de praticarem a escrita. Rebaixar as pessoas com olhares de censura causa mais dano e perdas do que ganho.

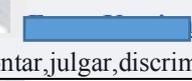
  e Errado. Não se corrige dessa maneira. A pessoa, aluno ou amigo, certamente não irá esquecer jamais do erro, mas criará uma fobia à língua portuguesa. Conheço muitos alunos que detestam nossa língua por esse motivo e principalmente quando é feito na presença de outros jovens. Corrigir é educar e não menosprezar!!

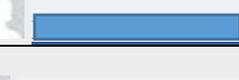
  "conserteza" essa é a cara que faço rsrs

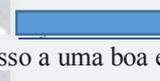
  Penso que fugi da escola rsrsrsrs

  "Gosta de sentir minha língua roçar a língua de Luiz de Camões.." "E quero me dedicar a criar confusões de prosódia.." Caetano Veloso na música LINGUA!

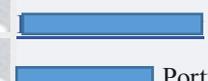
  ais Não existe fala errada. Vamos estudar um pouco Ferdinand de Saussure e parem de divulgar preconceitos linguísticos.

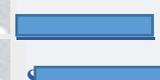
  E tu acha que o povo se informa? Sabe quem é Saussure? O povo quer mais é apontar, julgar, discriminar... Humanidadezinha enfadonha! 😡😞😞

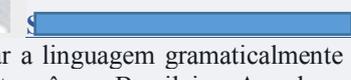
  É uma pena isso... 😞:/

  s Nem sempre as pessoas falam ou escrevem errado por que querem. Muitas pessoas não em acesso a uma boa educação. Muitas não tem sequer o que comer. Não é bom ser radical.

  o Desse jeito fica a minha também!! kkkkk

  hehehehe, a minha também!

  Português??? atropelo pouco!!

  Obviamente quem não estudou a nossa língua Portuguesa, não tem o dever de falar a linguagem gramaticalmente correta. Porém, não se admite que uma pessoa de formação superior, que seja Português ou Brasileiro, Angolano ou de demais países que falam a nossa língua, que viva falando e escrevendo errado, fora dos padrões. Isso é uma vergonha!!!! Inaceitável.... É burro mesmo....

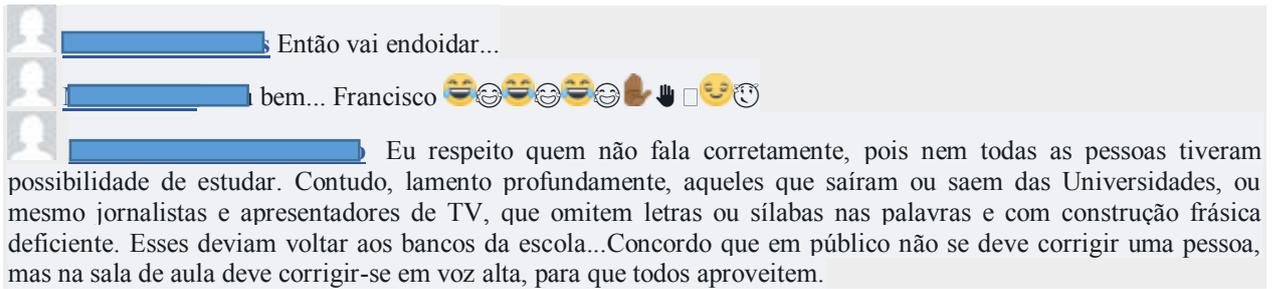
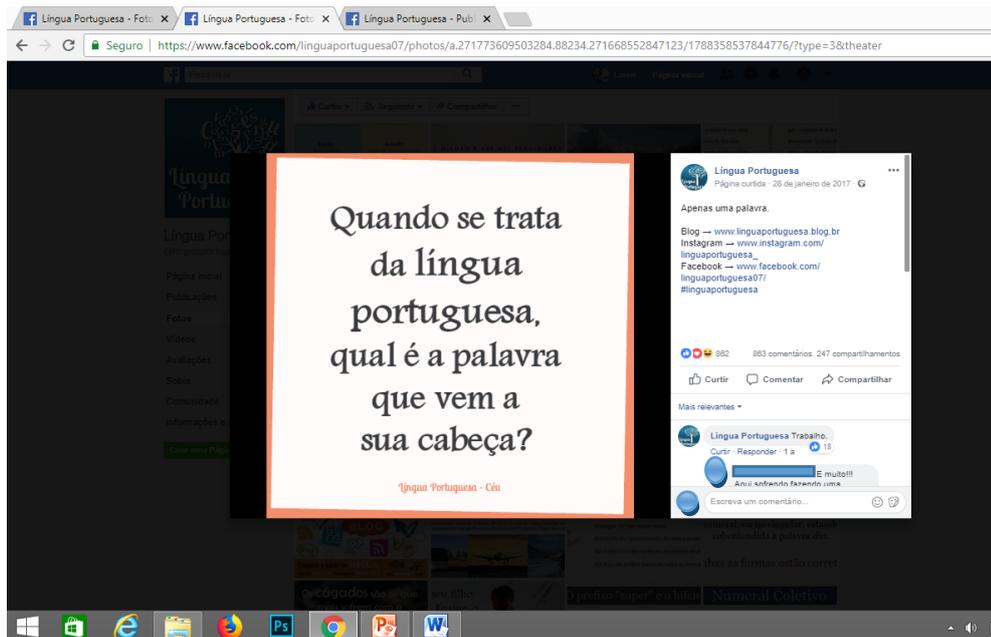
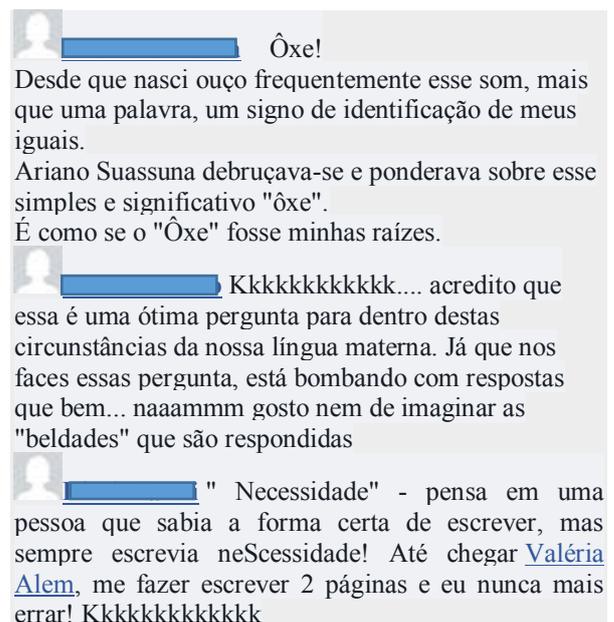
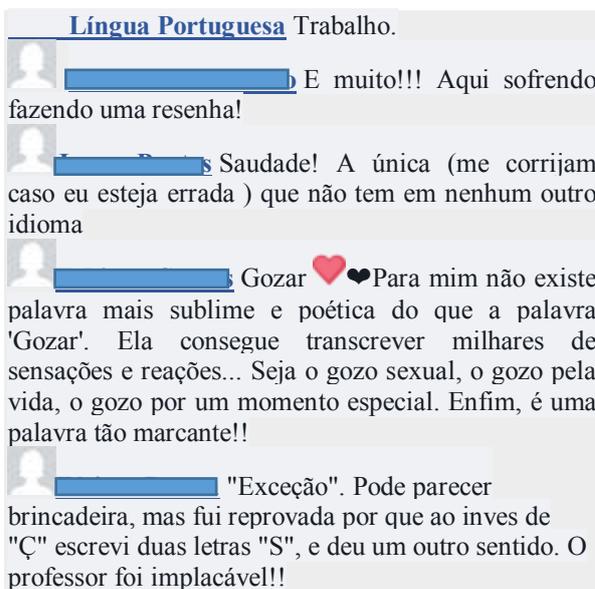


Figura 15



Fonte:
<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284.88234.271668552847123/1788358537844776/?type=3&theater> Acesso em 24.07.2018.



a Paralelepípedo (lembro-me de minha infância na escola) Minha professora no fundamental faz a turma falar umas mil vezes kkkkk

InConstitucionalíssimamente. Lembro-me do meu pai, que adorava brincar de didato comigo e vivia me fazendo essa pegadinha, até que um dia eu aprendi, aos 7 anos.

Não me vem uma palavra mas, inúmeras. Me vem por exemplo, a falta de estudo dos jovens brasileiros. Santo Deus, como falam e escrevem errado!!! É apavorante. 😞:/

A dificuldade que certas pessoas têm em usar os verbos no modo substantivo. Nossa, dá vergonha. E o uso dos pronomes relativos, (cujo, o qual , onde,) kkkkkkk

Sobrancelhas! Um amigo adorava essa palavra, inclusive ele falava sombrancelha...kkk foi a primeira que lembrei . Agora, nossa língua me remete a beleza!

Portugal, os portugueses usam a língua usando tempos verbais corretos. O brasileiro sai da universidade falando de qualquer modo, isso eu acredito seja um pouco culpa das modinhas das telenovelas.

Manga. Pq gosto de comer, vestir, usar em castiçal, trocar no carro quando quebra, ler...cara manga é muito foda, é tipo um GET do português 😊:)

Saudade. Ela está se acabando...ninguém mais usa. É gerundismo pra tudo qto é lado, concordância verbal não existe mais, nominal então ninguém nunca ouviu falar 😞😞.

Liberdade. A língua portuguesa é muito versátil, é possível escrever a mesma coisa de várias formas diferentes, tornando o escritor/orador livre para se expressar da forma que quiser.

Junta. * * Lembra minha filha. Ela diz: "Mainha está com dor de junta. Junta tudo e joga fora." Acho muito legal uma palavra só, com significados tão diferentes. A nossa língua é bela e única.

Oxente!!! Porque é a palavra que mais identifica nós nordestinos.

Quaisquer, pois é a única cujo plural se dá com o "s" no meio da palavra...

Letras ❤️❤️

Saussure!

pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico;

Demorei pra aprender a falar e escrever! Questão de honra! kkkk

Bunda Acho linda esta palavra. É perfeita para definir esta parte do corpo.

Eu sou de Colômbia e eu amo a língua portuguesa 😊:) Eu quero aprender mais....

Piauí. Nome de um estado, derivado de uma palavra indígena, ao qual se referia a um peixe da região Nordeste.

Porque... separado, junto, com acento e sem acento. Até hoje uso incorretamente...

Norma culta! 😊😞

Trem e uai, sou mineira, rs. Essas palavras substituem quase tudo.kkk

Perfeita. Mas por mais perfeita que seja a língua Portuguesa. Não conseguimos escrever perfeitamente.

Ciúme ou ciúmes? Qd estava na escola, aprendi que era ciúme. E agora?

Com migo, este foi Deus que mim deu, concerteza, pra mim ver. Coisas do tipo. Hauahuahua

Institucionalíssimamente.
2) Pulcra. Tu és pulcra. Muitas pensam noutra coisa/cousa.

Desbravamento dessa reserva imensa de palavras lindas prontas para serem deslindadas.

"Eloquência" - Lembro-me até hoje no dia em que a conheci através de meu famoso professor Simão Filho. Fiquei maravilhado. 😊😞

Identificar!!! Qdo era adolescente escrevi errado e minha professora me fez escreve 100 vezes correto ...Kkk

REDAÇÃO! Quem nunca passou um sufoco por não saber fazer as famosas concordâncias do nosso lindo português 😊😞

diversidade e BELEZA! simplesmente amo nosso idioma! ❤️<3

Defenestração, foi a primeira palavra que ouvi na faculdade e na época ninguém

sabia o significado rrs (o ato de jogar algo ou alguém pela janela)

Problema, é difícil para o brasileiro pronunciar corretamente essa palavra.

Esternocleidomastóideo, minha professora de ciências conseguiu atingir seu objetivo, nunca esqueci essa palavra.

Paralelepípedo! Quando era criança, fiquei encantada com a palavra e tentava repetir sem gaguejar.

Adjunto adnominal do proparoxitona do sujeito subordinado do objeto direto do MEU SACO!

Saudade / Luar! São duas palavras da língua portuguesa que eu adoro, considero elas super bonitas.

VERBO - é toda palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza

"Flor amorosa de três raças tristes" (frase final do soneto de Bilac louvando a língua portuguesa)

Legal! Dependendo da entonação e da gestualidade, pode-se falar português só com essa palavra!

CRASE. pouca gente sabe usar. Inclusive, está faltando a crase na sua pergunta.

Saudade. Dizem, não tenho certeza, que só existe no português.

Exdrúxulo

vem seu nome em minhas lembranças. Nunca me esqueço do meu caderno de redação da quinta série. 😊😊

Saudades. Principalmente de quando ela era escrita corretamente.

Adina Cunha. Eu lembro de morfologia, principalmente da tão adorada análise morfológica. Pra bem longe de mim. Kkkkkkk

Jeito!! É uma palavra q nem sempre é fácil para traduzir.

Dicionário. Porque quando tenho dúvidas é sempre ele que eu recorro.rss

Carece. Lá no início da minha profissão sofri com ela, não tinha ideia do significado, nunca tinha ouvido...rsrsrs...

Mostrar!!!! Quando falam quero te amostrar uma coisa, enlouqueço.

Estou com Joyce Pontes. É lindo explicar 'saudade' a outra gente porque não existe em seus idiomas.

Égua uma palavra bem paraense que sempre expressa o que sinto!!

Saudade. Porque só conhecendo a comunicação entre os falantes da língua comprede-se o significado.

Tem crase ou não, na frase acima? Quem puder, me responda. Obrigado!

Tristeza. Pq cada dia as pessoas escrevem pior, até os "jornalistas" de grandes veículos de informação escrevem errado, o comum hj é ignorar completamente o "R" no fim da palavra

Anticonstitucionalissimamente.

Vévi. 1 em cada 10 brasileiros falam isso tentando assassinar a pobre gramática

À minha cabeça, vendo esta pergunta, vem a palavra " CRASE".

INCONSTITUCIONALISAMAMENTE;
uma vez quando estudava a 4º serie do primario, a professora disse a que era a maior palavra do dicionario.

Estudo. A língua portuguesa é muito complexa e cheia de regras.

Identidade... é a palavra que define aquilo que eu sou como portuguesa e que eu defendo com unhas e dentes... a minha lingua materna que me viu nascer...❤️<3

Chapéu

Q Amo la lengua portuguesa con todo mi corazón

Gerúndio

Dificuldade...

A gente 😊😊

Procrastinação !

Datavênia

Cangote, uso muito, bem nordestina!#

Sintaxe e morfologia.

Paixão

Esdrúxula...

Nois vai kkkkkk
 Na verdade vem duas, "Língua" e "Portuguesa"
 Paralelepipedo.
 Sociolinguística
 Norma
 Leitura. (aprimora muito para falar, pensar e escrever 😎🤔)
 Saudade. Só existe na Língua Portuguesa.
 Bechara
 Gramática.
 ceição Pátria. A língua portuguesa é uma pátria mãe.
 Linda!!! Amo a língua portuguesa como se fosse a minha 😊;-)
 A primeira é "Língua"; A segunda é "Portuguesa".
 AMOES!!! pai da língua portuguesa.
 Saudade
 o saudade
 Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico
 Otorrinolaringologista
 Amor 😊😊
 Perseverança.
 Inconstitucionalissimamente
 Adoro
 Lépida
 Educação
 Uíiiii difícil !!!
 Mesmo assim, adoro!!
 Festa!
 Saudade.
 Analfabetismo
 Inglês 😞😞😞😞
 Harmonia. A chave para todas as artes.

Saudade...
 Saudade
 Asterisco!
 Aprender 🤖
 Revisão
 "Coisar", descobri que é uma palavra que existe em nosso dicionário.
 Defenestrar
 Saudade!
 A gente
 o legal.
 Complicada.
 menas
 Diversão.
 "Acordo ortográfico" — a maior besteira.
 Dicionário do Aurélio.
 Amor ❤️💞
 Regra e exceção!
 Anticonstitucionalissimamente
 Complicado
 É o ar que eu respiro!!
 Saudade 🤗😊
 A palavra, é(ortografia)
 Sintaxe. 😞😞
 Saudade...
 Amor. ❤️💞
 Pobreza.
 Variedade
 é Dicionário 😊😊
 Opróbrio. Tá pra nascer verbete mais gostoso de pronunciar
 Silabada
 Copiosamente! 😊;)
 Anticonstitucionalissimamente

[redacted] ka Preguiça
 [redacted] SAUDADE!
 [redacted] Reciprocidade
 [redacted] Pronomes... tudo q preciso estudar agora
 [redacted] Saudade
 [redacted]
 pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico
 [redacted] Escola
 [redacted] #MALDITA
 [redacted] Substantivo.
 [redacted] Uma das línguas mais bela do mundo por causa da sua complexidade!!
 [redacted] Posts nas redes sociais! Rss
 [redacted] e Perfeição
 [redacted] i Sintaxe. Amooo!
 [redacted] Emoções.
 [redacted] Livros ❤️<3
 [redacted] Bipabaquígrafo!
 [redacted] Palavras.
 [redacted] ESPERANCA, simples assim.
 [redacted] Ponte. Porque pontes são melhores do que muros.
 [redacted] Pedro Álvares Cabral.
 [redacted] Amigão.
 [redacted] Linda!
 [redacted] Gramática
 [redacted] Axe. ... Saudade...
 [redacted] Especificidade
 [redacted] Até...
 [redacted] Saudade ❤️❤️ Obrigado
 [redacted] Manuel kkkkkk
 [redacted] Carlão !kkkkk não tem como não lembrar dele, ne amiga? [redacted]
 [redacted] Complicada! Mas, amo!
 [redacted] s Resiliência

[redacted] Gente!!
 [redacted] Gramática.....
 [redacted] Acento! É a palavra que me vem à cabeça...
 [redacted] Saudade
 [redacted] Difícil.
 [redacted] s Petrichor
 [redacted] n Volp!
 [redacted] z Complexa
 [redacted] Estrutura das palavras', morfologia 😄😄😄😄😄😄
 [redacted] Inconstitucionalidade.
 [redacted] Saudade.
 [redacted] Saudade.
 [redacted] Carioca - quem fala o português mais bonito 🇧🇷 😊
 [redacted] Saudade.
 [redacted] Saudade
 [redacted] Complicação
 [redacted] Prescindir
 [redacted] Os lusiadas ❤️<3
 [redacted] Variação
 [redacted] Dislexia
 [redacted] O abençoado DITADO...
 [redacted] Pobrera
 [redacted] a Redação!
 [redacted] Saudade...
 [redacted] Profissão!!
 [redacted] castiço . . .
 [redacted] América Latina
 [redacted] Gramática
 [redacted] Uma expressão inteira: "Última flor do Lácio".
 [redacted] i Saudade
 [redacted] Tradução ❤️<3

[redacted] Diaminoestibenoldesufonico
 kkk
 [redacted] Figura de linguagem
 [redacted] Otorrinolaringologista
 [redacted] Letras ❤️
 [redacted] Saudade!
 [redacted] Comunicação
 [redacted] Circunstâncias
 [redacted] Estudar!
 [redacted] Raciocínio
 gramatical ❤️
 [redacted] Sintaxe
 [redacted] Australopitecus
 [redacted] A gente - separado ❤️
 [redacted] Ortografia
 [redacted] Inconstitucionalissimamente!
 [redacted] Procrastinação!
 [redacted] Saudades...
 [redacted] Prazer
 [redacted] Gramática
 [redacted] Norma culta .
 [redacted] Dúvidas
 [redacted] Paroxítona
 [redacted] Identidade. Me marcou na
 faculdade!
 [redacted] Você... embora... né ...
 [redacted] Sintaxe.
 [redacted] Difícil
 [redacted] Variação.
 [redacted] Arrependimento, muito
 arrependimento!
 [redacted] Complexa!
 [redacted] Saudade
 [redacted] Desacordo!
 [redacted] Difícil!
 [redacted] Berço!

[redacted] Gramática.
 [redacted] a Salvação! ❤️
 [redacted] Aprender.
 [redacted] Amor.
 [redacted] Inconstitucionalissimamente
 [redacted] Saudade- só existe na nossa
 língua.
 [redacted] Leitura
 [redacted] Ademais
 [redacted] Saudade
 [redacted] Ofício! ❤️<3
 [redacted] Farofa.
 [redacted] Bela!
 [redacted] Linguística
 [redacted] Professor.
 [redacted] Ditado
 [redacted] homologar
 [redacted] Vocabulário
 [redacted] Perfeição
 [redacted] Saudade
 [redacted] Proparoxítona
 [redacted] Menos ("menas")
 [redacted] Ornitorrinco
 [redacted] Palavras...
 [redacted] Complexidade
 [redacted] Caipirinha!!!!
 [redacted] Língua
 [redacted] Sofrência!!
 [redacted] Difícil
 [redacted] Português!!
 [redacted] Difícil
 [redacted] Livros! ❤️<3
 [redacted] Saudades!!!
 [redacted] Nada.
 [redacted] Verbo

[redacted] Dicionário.
 [redacted] Trabalho !!
 [redacted] Conhecimento
 [redacted] Gramática
 [redacted] Perfeição
 [redacted] Latim
 [redacted] Amor, Letras...
 [redacted] Eloquência
 [redacted] Comida 🍕❤️
 [redacted] Complicado.
 [redacted] Também
 [redacted] Feliz!
 [redacted] obrigado
 [redacted] Ambiguidade 🍕❤️
 [redacted] Interpretação
 [redacted] Ortografia
 [redacted] Bacalhau...mais rapido.....
 [redacted] Com certeza, kkkkkkkk
 [redacted] Saudade
 [redacted] JUSTIÇA.
 [redacted] Mulher. Complicada. Kkk
 [redacted] Dificil
 [redacted] Erros : vejo pelas redes sociais tantos ERROS .
 [redacted] Saudade
 [redacted] Com certeza
 [redacted] Regras
 [redacted] Falar
 [redacted] Futuro!
 [redacted] Saudade
 [redacted] Preocupação
 [redacted] Quaisquer
 [redacted] Saudade....
 [redacted] Gramatica.
 [redacted] Saudade.

[redacted] Saudade ❤️<3
 [redacted] Aulas de verbos
 [redacted] Ariano
 [redacted] Saudade
 [redacted] Altruísmo!
 [redacted] Concordância
 [redacted] Complicação
 [redacted] Orgulho
 [redacted] Impreterivelmente.
 [redacted] Gramática!
 [redacted] Resiliência... Linda palavra e significado
 [redacted] Quem fatalmente diz "menas".
 [redacted] Vou arriscar o verbo: Ter!
 [redacted] Chorume
 [redacted] Saudade
 [redacted] Excessão
 [redacted] usive
 [redacted] Viver!
 [redacted] Amor.
 [redacted] Inconstitucionalissimamente
 [redacted] Paralelepipedo...kkkk e saudade palavra linda.
 [redacted] Conhecimento.
 [redacted] Inconstitucionalissimamente
 [redacted] Letras ❤️❤️
 [redacted] Sintaxe.
 [redacted] Análise sintática !
 [redacted] obséquio
 [redacted] Saudade
 [redacted] Sonho.
 [redacted] Letras. 🤪😁
 [redacted] Fascínio
 [redacted] Respeito
 [redacted] SUJEITO

Paralelepípedo!!

Aurélio

Porque, por que, porquê, por quê... Dessa pergunta?

(sic...)

Verbo

Equidade é bacana

Bota.Bota a calça e calça a boa.

sintaxe

Erros

Exceção, necessidades...

Saudades 🔥🖤❤️

Amor!

Saudade

Dilma.

Saudades

Cágados

Fascinante.

difícil

Discriminação.

Excelência! 😊😊

Difícil.

Saudade

Presente do indicativo.

Tradução♥

Paralelepípedo.

Perante

anticonstitucionalissimamente

Língua!

Hiato e Ditongo 😂😂❤️🖤

Privilégio

Gramática!

Abacaxi!!!

Coração

Morfologia!

o Efêmero

Saudade!

Sintaxe

Comunicação...

Saudade

Leite quente !!!!

Beleza

Coisa!

a Cócegas

Amor 🥰😊

Saudade

Aurélio

Saudade!

Proparoxítona

Difícil

Tchê

pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico

deveras ❤️🖤❤️🖤

Estude

Regras

Saudade

Prelúdio

Humildade

Palmeiras

Falar ingles

Procastinação

Variação Linguística

Com certeza

sincericídio!! 😞:/

saudade

Mãe

Verbos

Saudade 😞😞❤️🖤

Beijo.

A Cultura!
 Complicação!
 Comida.
 Bacalhau
 Redação...
 Permita-se!
 Subterfúgio
 Palpite.
 Senao 😊😄
 Rica
 Concerto e concerto 🎵🎵
 "Inexorável", pela pronúncia.
 Minha filha professora de português
 Obrigada aaaaaaaaaaaaa
 Camões!
 Privilégio!
 Camões
 Exceções!!
 Que estresse.
 Amizade
 Defenestrar
 Sintaxe
 Letras ❤️💎
 Mau e mal
 Português!
 Língua Portuguesa
 Casa
 Eita
 Tauba
 Vem à cabeça transformá-las em arte.
 Inconstitucionalidade
 vida.
 Morta

Amor!!
 Saudade!
 Deleite!
 Queria saber tudo! Eu amo 😊😊
 Morfossintaxe
 Leitura
 primeira foi beleza. Amo esse idioma.
 Luar
 Ratificar
 Os porquês
 ... ☹️☹️ Morrerei e não os entenderei 😊☹️☹️
 Amor ❤️💎
 Pobrema isso me deixa indignada por que não falam correto problema.
 Obrigada
 Conjugação
 Que as pessoas não sabem escrever corretamente.
 saudade
 Dificuldades
 Viajar... conhecer.. saudade..Obrigado.
 Angélicav
 Saudade
 Nostalgia.
 Lar
 Letra
 Comunicação.
 Inconstitucionalissimamente saudades infância
 Livros
 Complexa 📖📖📖🌸🌸
 Saudade
 Coisando! !
 Recíproco ♡
 Variação linguística!
 Mussarela. Não! Muçarela.

[Redacted] Amor 📖📖
 [Redacted] Pasquale!
 [Redacted] A gente!
 [Redacted] Crase
 [Redacted] certeza de que eu nunca vou saber tudo
 [Redacted] Falar
 [Redacted] Infinita...acho engraçada
 [Redacted] Mim.
 [Redacted] Pátria.
 [Redacted] Complexa.
 [Redacted] Essência
 [Redacted] Errado
 [Redacted] Menas 😂😂😂😂😂
 [Redacted] Exacerbar
 [Redacted] Ultimamente, impunidade.
 [Redacted] Incertezas! 😊☺
 [Redacted] Ivanildo Bechara e Celso Cunha.
 [Redacted] Linguística textual,a linguística em geral.
 [Redacted] Comida kkkk
 [Redacted] Aragem...
 [Redacted] Paralelepípedo
 [Redacted] Dicionário.
 [Redacted] Paralelepípedo! Os gringos piram com essa palavra! kkkk
 [Redacted] Vociferar.
 [Redacted] Camões
 [Redacted] Coisar. Até que enfim posso falar e escrever quando eu estiver coisada.
 [Redacted] Amor!
 [Redacted] Ler
 [Redacted] Saudade!!!
 [Redacted] Livros ❤️❤️
 [Redacted] MAS E MAIS
 [Redacted] e Livros
 [Redacted] Pseudônimo

[Redacted] Gramática
 [Redacted] Saudade
 [Redacted] Complicada
 [Redacted] Saudade 😊☺
 [Redacted] Enem. 😂😂😂😂😂
 [Redacted] Quintessência.
 [Redacted] Inconstitucionalissimamente. 😂☺
 [Redacted] "Seje " 😂☺
 [Redacted] a Amor
 [Redacted] i Letras!
 [Redacted] Lágrimas
 [Redacted] Correção
 [Redacted] Saudade
 [Redacted] Paralelepípedo
 [Redacted] Leitura.
 [Redacted] Paralelepípedo.
 [Redacted] Complexa.
 [Redacted] Saudades
 [Redacted] Paixão!
 [Redacted] Multifacetada
 [Redacted] Seje e menas
 [Redacted] Generosidade.
 [Redacted] Com certeza me dá arrepios quando vejo escrita assim concerteza
 [Redacted] Pleonasma
 [Redacted] Agaranto..
 [Redacted] tiro-liro-liro
 [Redacted] Perfeição! 💙💜
 [Redacted] Literatura
 [Redacted] Alfabeto.
 [Redacted] Amor!
 [Redacted] QUISER
 [Redacted] Amor ❤️❤️
 [Redacted] Amor incondicional!

[redacted] Obilubilado . Paralelepípedo.
 Esquisito
 [redacted] Vida
 [redacted] "À".
 [redacted] Uma das coisas mais lindas da vida!
 LP ❤️❤️
 [redacted] Dificuldade
 [redacted] Beneplácito, concupiscência...
 [redacted] Senso
 [redacted] Paixão ❤️❤️
 [redacted] Literatura
 [redacted] Gramática
 [redacted] Milagre..acho linda essa palavra
 [redacted] Aprendizado
 [redacted] Dicionário 😊👍
 [redacted] luz
 [redacted] Atualização.
 [redacted] Piedade...
 [redacted] A palavra saudade.
 [redacted] Variedades
 [redacted] Saudade
 [redacted] Estudo.
 [redacted] a Difícil
 [redacted] Burrice
 [redacted] Sessão! As variações dessa palavra e seus sentidos ainda me confundem!
 [redacted] orgulho e pátria 😊👍
 [redacted] Saudade.
 [redacted] Gramática 🗣️👤
 [redacted] Latim!
 [redacted] Saudade
 [redacted] Português
 [redacted] Crase kkkkk
 [redacted] Convescote= picnic
 [redacted] Paciência!

[redacted] Larjam
 [redacted] Amor!
 [redacted] Estudar!
 [redacted] Bunda.
 [redacted] Faculdade . Acabou férias 😞:!
 [redacted] Exceção
 [redacted] Paralelepípedo
 [redacted] Escola
 [redacted] Saudade.
 [redacted] Saudade
 [redacted] Flor do Lacio.
 [redacted] Carburante
 [redacted] Propina.
 [redacted] Camões
 [redacted] " APETECE "
 [redacted] Paixão ❤️❤️
 [redacted] #Coisa
 [redacted] bem vindo..
 [redacted] Merda!
 [redacted] Fudeu!
 [redacted] Concordância.
 [redacted] Poeta.
 [redacted] Dificuldades
 [redacted] Escola kkkk
 [redacted] Saudade
 [redacted] saudade
 [redacted] Substantivo!
 [redacted] Colonização
 [redacted] SAUDADE ❤️<3
 [redacted] Conhecimento!
 [redacted] Reciprocidade
 [redacted] Revivescência!!! ♡
 [redacted] Hiato sendo um hiato.
 [redacted] Complicadíssima! 🤔☐

[redacted] Perdigoto. Minha irmã gosta, sempre ri horrores qdo falo!
 [redacted] Amor
 [redacted] Resiliência!
 [redacted] Problemas! kkkk
 [redacted] menas
 [redacted] Encanto ❤️🖤
 [redacted] Infinitivo
 [redacted] Letras, Palavras, Livros, Ler, Meditar...
 [redacted] Fudeu vale?
 [redacted] Paralelepípedo
 [redacted] Saudades
 [redacted] Saudade
 [redacted] Prosopopeia.
 [redacted] Saudade.
 [redacted] Nota
 0 😂😂😂😂😂😂😂😂😂😂
 [redacted] Desincompatibilização.
 [redacted] Alegria
 [redacted] Saudade
 [redacted] Amor
 [redacted] a LETRAS 🎉🎉🎉🎉🎉🎉🎉
 [redacted] Reciproco.
 [redacted] CALÇA. Porque sapato se calça e calça se veste.
 [redacted] Dificil 😞😞😞😞
 [redacted] "Espontaneidade", eu falava espontanedade..rsrsrs
 [redacted] a Dicionario
 [redacted] À sua cabeça. Esse A é craseado
 [redacted] Picanha, nunca comi
 [redacted] i à
 [redacted] complicado
 [redacted] Federal
 [redacted] Escarlata
 [redacted] Comida

[redacted] Liberdade!!!! Nao gosto nem de imaginar a falta dela...
 [redacted] Otorrinolaringologista
 [redacted] Linguística
 [redacted] Problema
 [redacted] verbo
 [redacted] Camões.
 [redacted] Anticonstitucionalissimamente
 [redacted] Perseverança
 [redacted] ConcursoGerenciar
 [redacted] Estudar!!
 [redacted] Dificuldade
 [redacted] "kkk"
 [redacted] Ósculo.
 [redacted] Manu
 [redacted] Obrigado!
 [redacted] Uai
 [redacted] Amor
 [redacted] à
 [redacted] Fé
 [redacted] Amor
 [redacted] Variação linguística incrível 🤓🤓
 [redacted] Exceção , exceto ...
 [redacted] Adoro ❤️🖤
 [redacted] inveja
 [redacted] Saudade
 [redacted] Pizza portuguesa kkkkkkkkl
 [redacted] Saudade... 😂😂😂
 [redacted] Complicação!
 [redacted] Cidadania.
 [redacted] Prosopopeia
 [redacted] Sexo
 [redacted] Gelada!
 [redacted] Apaixonado
 [redacted] Gravidezes.

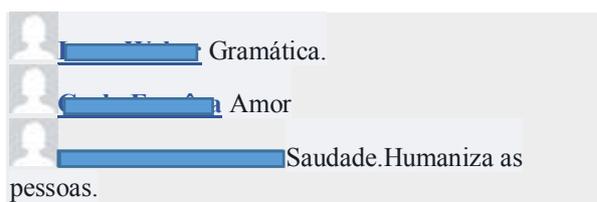
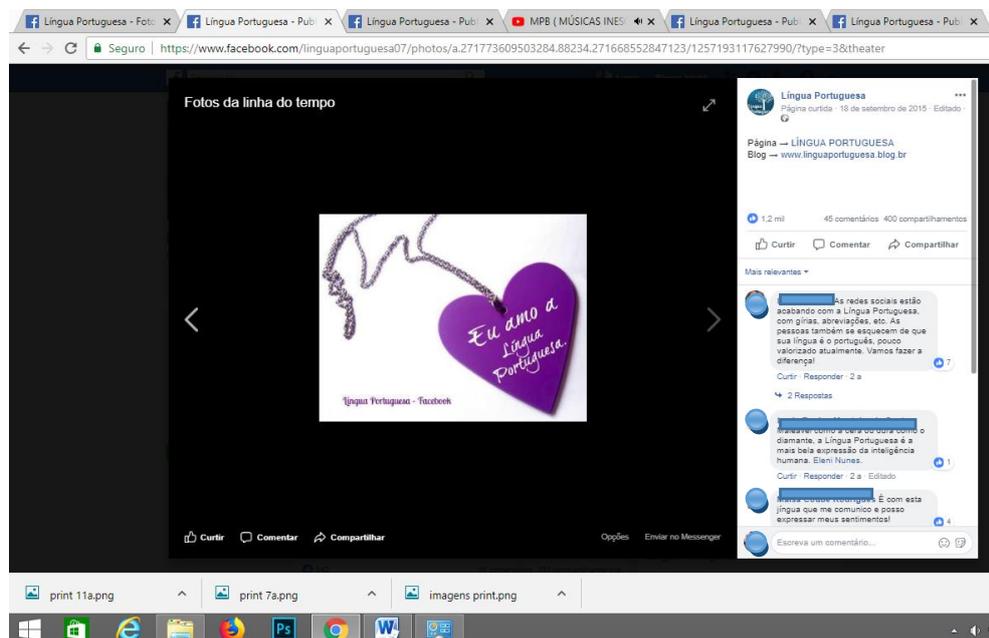


Figura 16



Fonte:
<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284.88234.271668552847123/1257193117627990/?type=3&theater> Acesso em 24.07.2018

As redes sociais estão acabando com a Língua Portuguesa, com gírias, abreviações, etc. As pessoas também se esquecem de que sua língua é o português, pouco valorizado atualmente. Vamos fazer a diferença!

Gírias e abreviações podem enriquecer a língua, não é a toa que amamos uma língua que está longe da sua originalidade. Já furou o pneu do carro

Brenner Dantas Com "gírias" me refiro a palavras fora dos contextos de gramática, como por exemplo: colocar "n" no fim de palavras que terminam com -inho ou -inha, e com abreviações quero dizer inventar palavras ou "letrinhas" que não têm nada a ver com a palavra em si, por exemplo: escrever "vc", quando a abreviação correta para "você" é V. E como você mesmo disse, em sua opinião, gírias e abreviações enriquecem a língua, e respeito seu ponto de vista, porém acredito que a língua, em sua originalidade, é bem mais fácil de ser compreendida.

Maleável como a cera ou dura como o diamante, a Língua Portuguesa é a mais bela expressão da inteligência humana.

É com esta língua que me comunico e posso expressar meus sentimentos!

Amo a Língua Portuguesa, apesar de todas suas complicações.

Amo minha língua . apesar de todas suas complicações ,e amo a minha pátria.

Apesar de ser muito difícil, eu também a amo.

Nunca gostei de números, a não ser no fim de mês, claro. Kkkkkkk. E, atualmente, nem isso está acontecendo.

Amo! Nossa língua é bela!

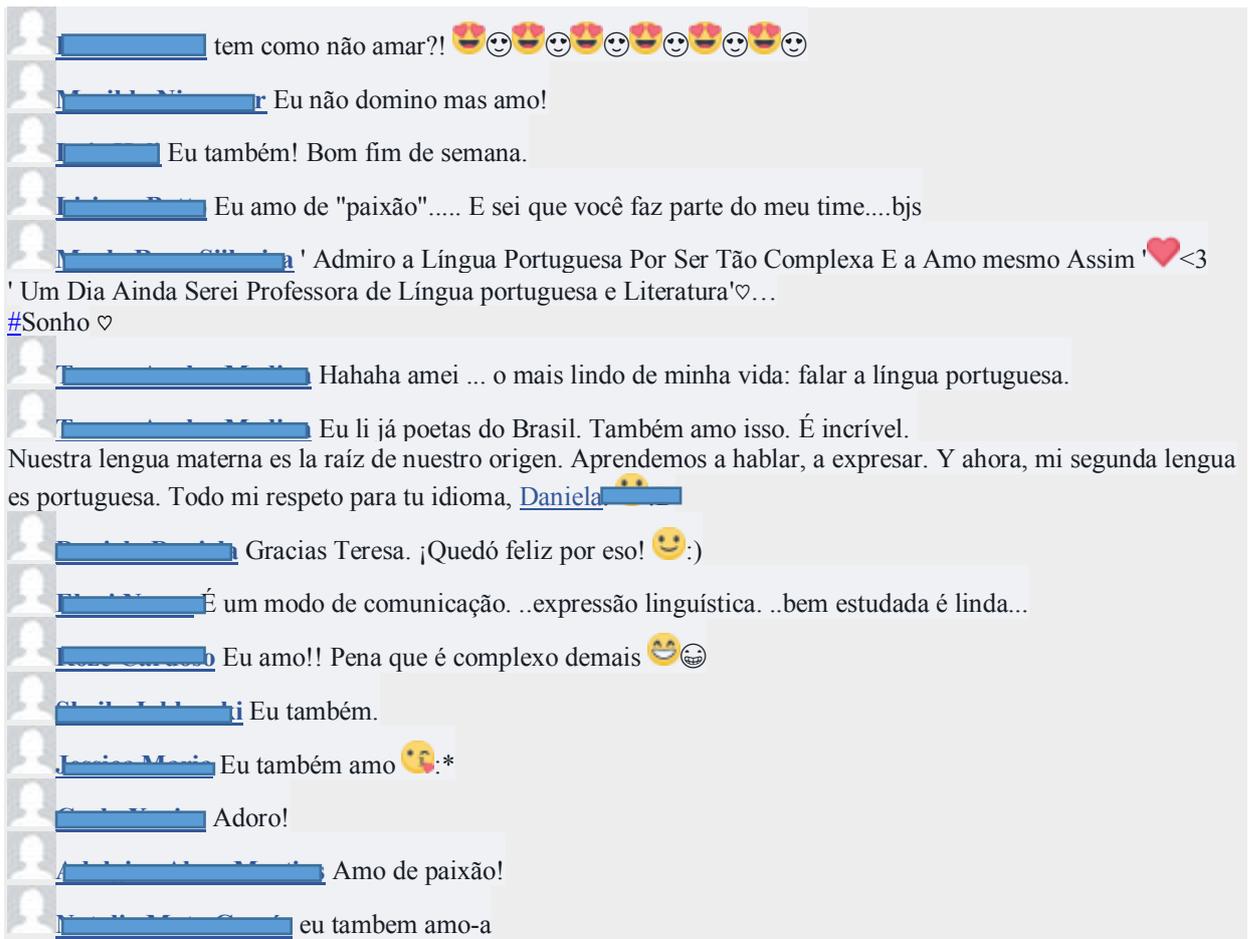
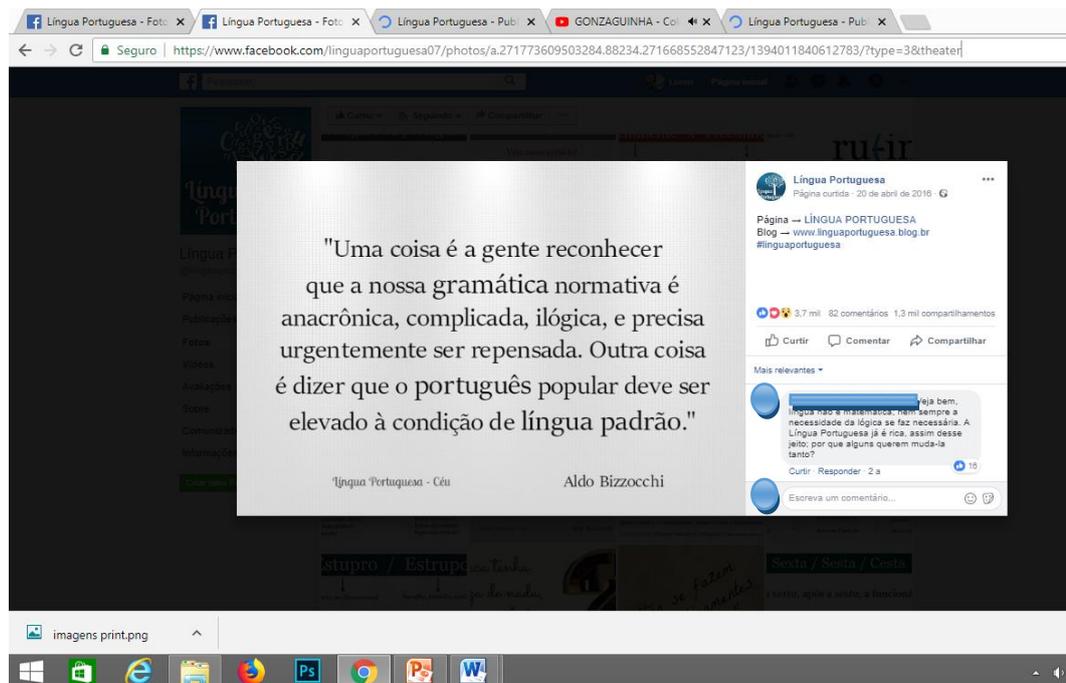


Figura 17



Fonte:

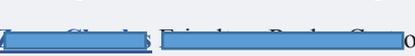
<<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284.88234.271668552847123/1394011840612783/?type=3&theater>>..Acesso em 24.07.2018

  Veja bem, língua não é matemática; nem sempre a necessidade da lógica se faz necessária. A Língua Portuguesa já é rica, assim desse jeito; por que alguns querem muda-la tanto?

  Para compreender melhor, é mas bonito, muitas vezes é difícil entender oque falamos, precisa melhorar muito, não é normal falar "puis aqui, cum, intão, carai, diversos erros." tem que pensar antes de falar, estudar o dicionário, analisar oque está falando e corrigir, já devemos aprender tanta coisa, que não é só o português, estamos imaturo de sabedoria. O importante não é entender, por exemplo: Gastei 70 pau hoje. O que é isso ? esse tipo de argumento deveria acabar...

   o, a meu ver, vc está equivocado. Uma coisa é a linguagem informal usada por todas as pessoas como forma de brincadeira, de bate papo entre amgos... Outra coisa é a gente ver a todo instante esse linguajar absurdo que os jovens estão usando, e infelizmente, já viciados insistem em ignorar e não querer aprender a ortografia correta do nosso Português. E me desculpem se eu estiver errada. Como eu disse: a meu ver.

   ro No linguajar popular, numa conversa informal a gente, ate, usa algumas expressoes de 'gíria', como voce exemplifica. Conforme o ambiente em que estamos, nao se deve usa-las. Temos que prestar atencao e praticar o habito da leitura para aprender, para refinar o uso do bom Portugues. Aprendemos, tambem, se estudamos na escola. A Lingua Portuguesa tem normas de ortografia, de acentuacao grafica e tantos outros itens para se observar. So comecar. Boa sorte!

  o , * Para compreender melhor, é mais bonito, mas muitas vezes é difícil entender do que falamos, precisamos melhorar ...*  <3

  s A linguagem reflete o pesamento e o pensamento semvpre necessita de lógica, se uma pessoa tem o costume de falar sem logica ela também tem o costume de pensar sem logica.

  s E as consequências (para uma ou um grupo de pessoas que tem dificuldade de pensar logicamente ou não conseguem estruturar seus pensamentos) são infinitas mas basicamente são vistas no Brasil de hoje.

   .Esta claro que o pensamento precisa da logica. Ha necessidade de raciocinio para ler, pensar, interpretar e escrever; sem sombra de duvida! Eu me refiro a seguinte questao: a Lingua Portuguesa, assim como outras linguas, nao eh uma ciencia exata. A Matematica eh uma ciencia exata. A Lingua Portuguesa segue normas e excecoes, tambem. Nao considero o Portugues popular na condicao da nossa lingua padrao. Passamos a vida, no colegio, para aprender e usar o que ha de melhor; por isso, faco questao de ter um bom estilo em Portugues. Supoe-se que, ao abrir a boca para falar, a pessoa demonstra o seu nivel de escolaridade e, se aprendeu, ou apenas alisou os bancos da escola.

  ra Exatamente...se tem uma coisa questionável é a vinculação dela com o Português de Portugal, por que não emancipá-la de uma vez por todas, por exemplo, a enclise seria mais para adequar a Portugal do que ao Brasil. Todo mundo diz me dá, por que então o certo seria dá-me que é como os portugueses falam e não como os brasileiros dizem. É possível ter uma linguagem mais própria e ao mesmo tempo culta, na minha opinião!

  Com certeza! Ênclise, nem na linguagem escrita usamos mais!

  Não, senhora, o português do Brasil já tem a sua estrutura solidificada e não tem que seguir a norma de Portugal! A senhora tem todo o direito e não está errada quando diz "eu te amo, me dá, vou te contar, etc." Ninguém tem o direito de a corrigir. E eu, portuguesa (e que, por acaso, adoro falar "brasileiro" quando vou ao Brasil) tenho todo o direito de dizer " eu amo-te, dá-me, vou contar-te , etc.". Agora, se quiser escrever "nóis" em vez de "nós", aí é mesmo melhor criar uma língua nova. Mas, nesse caso, não seria português.

  Ja "à Portugal", está errado.

  Voltei de ...crase pra quê kkk...Maria pela norma culta estamos errados sim ao dizer "me dá".

  A questão não é certo ou errado, mas saber quando e qual usar.

  Isso aí. Pra pensar fora da caixa é preciso ter uma primeiro.

  Mas que fique claro: é possível respeitar a norma sem sofrimento. Nossa fala coloquial pode, sem sacrifícios, respeitar a concordância de verbo com sujeito, de substantivo e adjetivo; pode respeitar as regências, os plurais, os graus (aumentativo, diminutivo, superlativo) e por aí vai. Inculta e bela, cada vez mais, amo-te assim (parafraseando Bilac).

  Minha Filha , e minha metas são as coisas mais preciosas . Da minha vida , que ilumini todos os seu caminho . Amem.

  E o tal do "eu vou estar fazendo"? Isto não existe no nosso português! Que tempo verbal é esse? "Eu vou fazer" ou "eu farei" e pronto! Descomplica, gente!

Respostas

  Essa forma nao existe, e nem nunca existiu. As pessoas nao tem nocao, ou nao procuram se informar. "

  'Eu vou estar chegando'. 'Ele vai estar conversando'. Baixissimo estilo em Portugues! Diga apenas: 'Eu vou chegar. Eu chegarei'. 'Ele vai conversar. Ele conversara'.

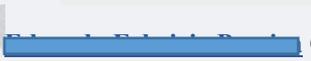
  kkkkkk a língua dita como "padrão" hoje não é nada mais que o resto de uma variante linguística do latim vulgar de ontem, ela nunca fez parte da norma culta! kkkkkkk Quem instituiu essa nossa língua portuguesa como "padrão" (que não é e nunca foi sinônimo de culta) foram meia dúzia de gramáticos em consonância aos nobres" de castas abastadas para elitizar o idioma e, assim, propor que a língua oficial tenha um certo prestígio, acentuando de uma vez por todas, as diferenças entre os mais pobres iletrados dos mais ricos "doutores letrados" e é só isso!! E se ainda hj exagerarem nessa perpetuação elitizadora, a Língua portuguesa vai acabar igualzinha à sua ascendente: "mortinha", que só serve para a missa no Vaticano. Mas se insistem em querer falar uma norma realmente culta que vão aprender o Latim e rezar a missa com o papa! Rs

  ps Uma expressão que me causa arrepios é :Focar,muito utilizada e já rebatida por certos mestres da língua portuguesa.

  O que ele faria se descobrisse estudando filologia que boa parte do nosso português atual vem do latim vulgar??? Rsss

Discussão muito mais ampla e que demanda estudo. 😊😊😊😊😊😊

  Se os galegos pensassem assim, a gente sequer teria Português. O uso manda na língua, não o contrário.

  Considerando que a variação popular é a mais falada, pq n ? Políticas linguísticas... tentam nos empurrar a língua padrão, usam a culta e diminuem a popular.

  Nesse caso passaríamos a dizer : estou a ler e não estou lendo , já que os portugueses não usam o gerúndio ?

  Digo : não aplicam .

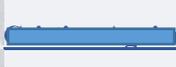
  Não teríamos uma língua padrão,e sim milhares de dialetos, grande parte deles intraduzíveis.

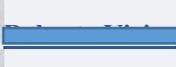
  Vi cada absurdo escrito aqui! Espero que pessoas que disseram coisas do tipo "o PT empobreceu o português retirando acentos com a reforma ortográfica" não sejam estudiosas da linguagem. Seria vergonhoso para quem, como eu, ralou pra obter o diploma e, sim, sabe o que é reforma ortográfica. Se bem que as afirmações que se seguiram mostra a total falta de nexos nos argumentos.

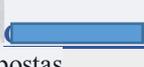
  sinceramente:a tecnologia de consultas vai eliminar as regras gramaticais através das consultas.língua deve ser grafada como se pronuncia

  Se uma barbaridade tamanha acontecesse,aí sim teríamos uma gramática incompreensível,ilógica,estranha e inaplicável.

  Eu, na qualidade de ignorante, concordo inteiramente, sem bem que estou de acordo com a frase do ex-poeta hoje calhorda: "A crase não foi feita para humilhar ninguém".

  Dói escutar: nois vai. Concordância é fundamental no mínimo em português

  E porque não?? A quem pertence a língua? Ao povo ou aos filólogos??

  Impossível padronizar o polular. Uma marmatogem se pensar assim.

Respostas

  Concordo mas tbm acho impossível normatizar (entendo engessar) uma língua que tem vida própria. Pode normatizar para os letrados mas geralmente ela vive e desafia constantemente a gramática no saber popular, claro que não é pra desistir de evoluir!

  Um pensamento que vale um tratado!

  Falou e disse!

  Ainda não me conformei com o fim do " Trema ".

  A língua é a nossa pátria.

  Pelo amor de DEUS, então precisa mais de ESCOLA.

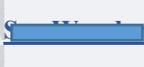
  Nunca

  Cê ta certo! Tu tens razão!

  Uma coisa é uma coisa... .. outra coisa é outra coisa. Se misturar vira bagunça.

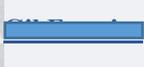
  Nunca

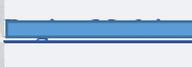
  Verdade

  Disse tudo!!

  Pelo amor de Deus! Isso nem pensar!

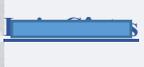
  Concordo em número, gênero e grau.

  Melhor deixar como está! 😊 :-)

  Falou tudooo, concordo demais

  Concordo

  Verdade ,comecem eliminando isso; "porque" "por que" "por quê" "porquê"

  NÃOOOOOOOOOOO !!!!!!!!!!!

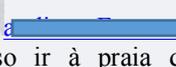
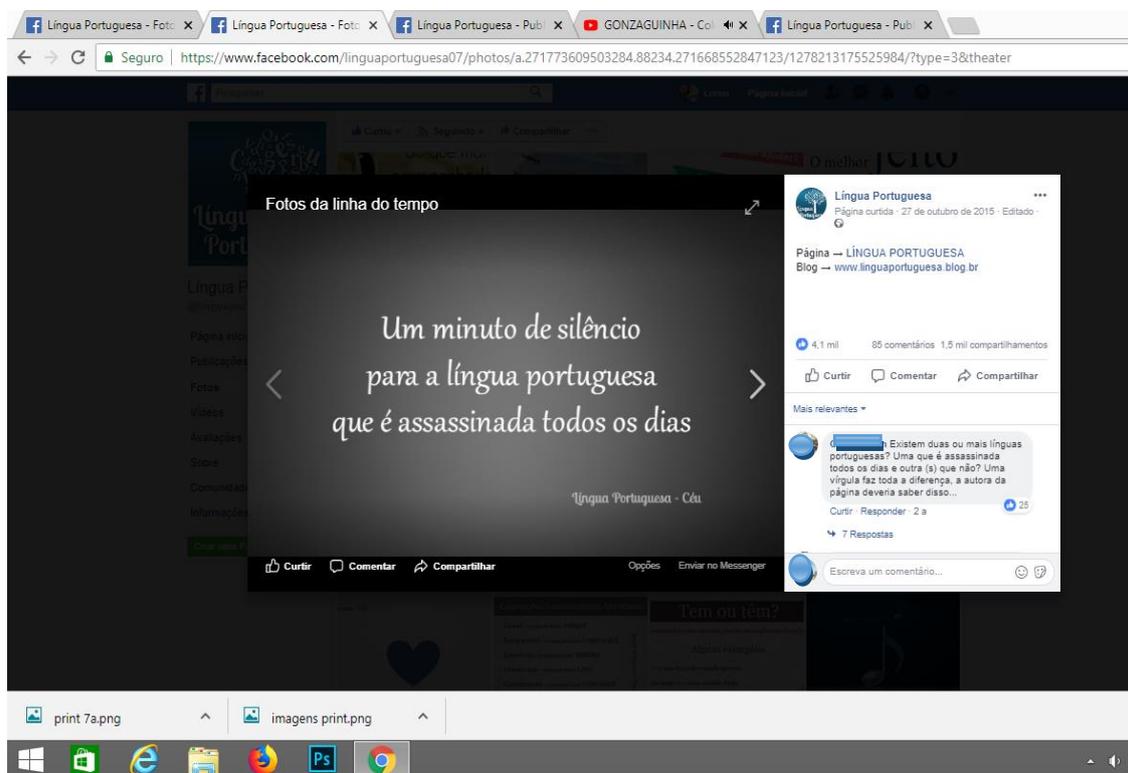
  A linguagem é como peças de roupa, é necessário adequação da parte do usuário. Eu não posso ir à praia de terno e gravata, assim como eu não posso prestigiar um casamento de biquíni... Não seria adequado eu utilizar gírias e marcas de oralidade em uma redação, por exemplo, assim como ficaria ridículo se em uma conversa informal com amigos, eu escolhesse utilizar um grau de formalidade elevado...

Figura 18



Fonte: <

<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284.88234.271668552847123/1278213175525984/?type=3&theater> .

Acesso em 24.07.2018

Existem duas ou mais línguas portuguesas? Uma que é assassinada todos os dias e outra (s) que não? Uma vírgula faz toda a diferença, a autora da página deveria saber disso...

Respostas

Orações subordinadas adjetivas 📄🗨️

A vírgula seria colocada depois da palavra silêncio?

"Um minuto de silêncio para a língua portuguesa, que é assassinada todos os dias."

Para akela q nao eh assassinada, uma salva de palmas kk

Ave Maria, quanta gente "gentil", para corrigir um erro alheio.

Pow! Mas a pagina eh justamente para ensinar regras de lingua portuguesa e ainda comete erro. Tenso!

Com o MEC sob controle do PT e com influência de Paulo Freire, a tendência é piorar!

Respostas

Que perseguição já tinha que colocar PT no meio!! Quem fecha escola são os PMDBistas o Alckimim ,José Serra ,Aécio Neves !!!

Que perseguição com o Alckimin e blabla... Não falei nenhuma mentira. Um belo exemplo é o ENEM. E quem disse que eu apóio qqr um desses a quem vc se referiu? Todos lixos!

... "Ele não mim gana"... tá bom?

 [\[Redacted\]](#) é bem assim!! kkkk

 [\[Redacted\]](#) a Mim ser índio bonzinho... mim não enganar ninguém. Kkkk

 [\[Redacted\]](#) Já escrevi melhor do que escrevo hoje, posso até dizer melhor do que aquele que se diz saber de tudo, hoje minha cabeça não tá muito boa , não consigo assimilar o que aprendi lá atrás ,acho que isso é um problema, quando eu estudava até aula de latim e...[Ver mais](#)

Respostas

 [\[Redacted\]](#) O professor ensina, mas é o aluno quem aprende.

 [\[Redacted\]](#) Perfeito!

 [\[Redacted\]](#) cilensil aê a lingua portugueza moreu

 [\[Redacted\]](#) "Cançasso" vi essa hoje. 😊😐

 [\[Redacted\]](#) Com cordo. Com a Heloísa. Vicente !

 [\[Redacted\]](#) Açaçinaram o português? Kkkkk

 [\[Redacted\]](#) Sim... Acabo de ler um post que dizia jantar beneficente... Afff doeu!

 [\[Redacted\]](#) Kkkk kue mamcada 🙌👏😂😂😂😂😂😂😂😂😂😂

 [\[Redacted\]](#) Kkkkk por mim tds os dias. Desculpa aí, língua portuguesa.

 [\[Redacted\]](#) [\[Redacted\]](#) só hoje já morri e voltei não sei quantas vezes kkkkkkk

Resposta

 [\[Redacted\]](#) E nao eh isso q estávamos conversando????? Hahahahahaha

 [\[Redacted\]](#) Duas dicas para escrever bem português: Abandonar o facebook, onde se escreve muito mal e ler o dobro do que lêem.

 [\[Redacted\]](#) Adoro essa página, "essa ou esta"?

 [\[Redacted\]](#) Para piorar a situação, ainda insistem em usar uns termos de outra língua.

 [\[Redacted\]](#) io Tento não ser cúmplice, muito menos criticar quando vejo um erro. Pra mim é tolice ficar criticando as pessoas como se fosse a pessoa mais inteligente do mundo!

 [\[Redacted\]](#) Culpa de quem será?

 [\[Redacted\]](#) s Será que ela é assassinada ou reconstruída, ampliada, repaginada e provocada a se atualizar?

 [\[Redacted\]](#) 1 min de silêncio pra mim que tenho que lidar com língua portuguesa

 [\[Redacted\]](#) a Ou horas de estudo...

 [\[Redacted\]](#) y Cê tá ligado, né?

 [\[Redacted\]](#) s Ahaha... gostaria de dicas de como falar e escrever corretamente ... !?! Alguém !?!

 [\[Redacted\]](#) Ela poderia é ser mais simples, de que adianta ser tão linda e tão difícil, com suas inúmeras regras?

 [\[Redacted\]](#) Verdade.

 [\[Redacted\]](#) s Precisa de 24 horas de silêncio .

 [\[Redacted\]](#) les A qualquer preço, até se muda a língua e a sua forma escrita, tradicional e tão antiga.

 **[Redacted]** A língua é viva! Se modifica! A forma fixa da norma (dita culta) nunca acompanha essas mudanças, considerando-as como erradas. Quem faz uma língua ser viva? As milhões de pessoas, que muitas vezes falam "errado"? Ou as regras? Você sabe o português, talvez não saiba a norma culta. Algo a se pensar!

 **[Redacted]** e Devia refutar a ideia de existência de palavras erradas, quando as mesmas tem já uma idade avançada de uso pelos seus utentes inocentes. E em zonas onde ocorre tal realidade, o que aqui é chamado de erro, passou para mais uma variante do português. E a mesma realidade é disseminada de maneira tão natural que os utentes já nascem com disposição para usarem "erradamente" o que até se escreve certo. Suas consciências reprovam o correcto em tentativas de correção. Portanto, tudo começa com o falar lá nas casas, percorre e amadurece com os professores primários, até licenciatura... a verdade é que o que faz o certo ou errado é a tradição. Mas falando certo ou errado todos se entendem e ninguém vai travar a exigência da língua.

 **[Redacted]** Essa página postar esse pensamento é um tanto quanto hipócrita. Com certeza a língua é viva, se modifica e cria diversas variações, mas vários posts aqui que reforçam o preconceito linguístico das pessoas que vem buscar informação. Usar o que uma forma é CERTA e outra é ERRADA é uma forma de tentar congelar a língua.

Respostas

 **[Redacted]** Pior que é verdade!!! Enfim...

 **[Redacted]** s Tanto é verdade que houve uma reformulação da língua portuguesa a pouco tempo, isso não quer dizer que palavras que escrevemos ou falamos errado um dia será consideradas como corretas.

 **[Redacted]** s, com que autoridade vc pode afirmar isso? Com certeza vc não sabia disso, mas palavras "erradas" de hoje, como "praca", "bicicreta", "largato", "iorgute" etc. podem SIM e muito provavelmente serão as "corretas" daqui a anos. Prova disso são palavras que hoje consideramos "certas", mas eram variedades "erradas" antigamente, como playa (praia), plaga (praga), clavu (cravo), pergunta (pergunta), despois (depois) e outras que eram as "certas", mas mudaram, pois é a natureza de toda e qualquer língua: mudança.

 **[Redacted]** Há o lado negativo também nessa verdade. Vemos um abuso e injustificável exagero nas inovações linguísticas que empobrecem nossa língua,

 **[Redacted]** e A língua e realmente uma bomba que rebenta e transforma o meio e seus vitimados de formas diversas. Neologismos, empréstimos, até hibridismos linguísticos são o colorário dessa explosão linguística. Todavia, está lá a Norma, madrastra da língua, para a congelar, despulsar. Está lá a tradição, o cânon, o conservadorismo para guerrear contra a evolução e revolução linguística. Portanto, sou apologista de uma abertura evolutiva da dinâmica da língua, mas que não seja excessiva ao ponto de perder a sua estética. E acima de tudo, que essa evolução seja paralela à criação de uma norma actualizada para que não haja disparidade ao o que se ensina nas escolas e o que os chamados grades poetas desviantes da norma criam.

 **[Redacted]** a Pois é, o termo, " a gente ", está tomando conta, minhas netas já não falam " nós fomos ", por exemplo, é, " a gente foi "